

O GÊNERO *TELLINA* LINNAEUS, 1758 (MOLUSCA, BIVALVIA) NA PLATAFORMA CONTINENTAL BRASILEIRA.

DEUZINETE DE OLIVEIRA TENÓRIO¹

Departamento de Oceanografia da
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

O gênero *Tellina* Linnaeus, 1758 é estudado na plataforma continental brasileira, baseado em material procedente de dragagens efetuadas pelos Navios Oceanográficos "Almirante Saldanha", "Calypso" e pelos barcos de pesca Pesquisador IV, AKAROA, CANOPUS e por pequenas embarcações, além de coletas manuais efetuadas em diversos estuários pernambucanos.

Todas as espécies mencionadas são descritas e suas conchas ilustradas, sendo elaboradas chaves de identificação. Considerações ecológicas e zoogeográficas são apresentadas para cada espécie.

ABSTRACT

Studies about the genera *Tellina* Linnaeus, 1758 were carried out at Brazil Continental Shelf. The samples were collected by "Almirante Saldanha" and "Calypso" Oceanographical ships, by Pesquisador IV research Boat and by CANOPUS and AKAROA Fishing Boats using dredges. Hand collection were done at some estuaries of Pernambuco state.

The occurrence of the following species: *Tellina radiata* Linnaeus, 1758, *Tellina brasiliiana* Spengler, 1798, *Tellina pettitianna* d'Orbigny, 1846, *Tellina iheringi* Dall, 1900, *Tellina listeri* Röding, 1798, *Tellina versicolor* Cozzens, 1836, *Tellina sybaritica* Dall, 1964, *Tellina probina* Boss, 1964, *Tellina euvitrea* Boss, 1964, *Tellina diantha* Boss, 1964, *Tellina gibber* von Shering, 1907,

¹ Parte de tese apresentada para obter o título de Mestre em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal do Paraná.

² Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Tellina punicea Born, 1778, *Tellina angulosa* Gmelin, 1791, *Tellina lineata* Turton, 1819, *Tellina alternata* Say, 1822, *Tellina tayloriana* Sowerby, 1867, *Tellina vespuciana* d'Orbigny, 1842, *Tellina nitens* C.B. Adams, 1845, *Tellina trinitatis* Tomlin, 1929, *Tellina squamifera* Deshayes, 1855, *Tellina aequistriata* Say, 1824, *Tellina martinicensis* d'Orbigny, 1942, *Tellina juttingae* Altena, 1965, *Tellina similis* Sowerby, 1806 e *Tellina gouldii* Hanley, 1846, In the region is contested. Among these species, *Tellina probina*, *Tellina tayloriana*, *Tellina vespuciana*, *Tellina squamifera* and *Tellina gouldii* are first record to Brazil.

All mentioned species are described and their shell illustrated, it's presented an identification key. Ecological and zoogeographical consideration are presented for each species.

INTRODUÇÃO

A plataforma continental brasileira tem sido motivo de vários estudos sobre sua fauna, flora, hidrologia, topografia e sedimentologia. Todos esses estudos foram resultantes de uma série de comissões oceanográficas realizadas pela marinha do Brasil e a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), com a participação do Departamento de Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Com relação à malacofauna desta plataforma, alguns autores, dentre eles MATTHEWS & RIOS (1967, 1969 e 1974), KEMPF & MATTHEWS (1968), RIOS (1970 e 1975) e MATTHEWS & KEMPF (1970 e 1979), realizaram trabalhos sistemáticos abrangendo muitos representantes do filo.

O gênero *Tellina* Linnaeus, 1758 reúne espécies de Mollusca Bivalvia Eulamellibranchia, caracterizadas pela forma da concha alongada, elíptica ou trigonal; escultura predominantemente concêntrica e charneira apresentando dentes cardinais e laterais, sendo mais desenvolvidos na valva direita. Algumas espécies são relativamente comuns na plataforma continental brasileira, vivendo desde a linha de maré baixa até grandes profundidades.

Vários autores estrangeiros têm incluído em seus trabalhos espécies do gênero *Tellina* como BERTIN (1878) que em sua revisão sobre este gênero, menciona 214 espécies em várias regiões marítimas do mundo; KEEN (1960) cita 47 espécies entre a baixa Califórnia e a Colômbia; OLSSON (1961) determina 36 espécies para o

Pacífico Oriental e BOSS (1966, 1968 e 1969) descreve 45 espécies para o Oceano Atlântico Ocidental e 18 espécies para a África do Sul.

No Brasil ainda não haviam sido realizados estudos específicos sobre esse gênero, havendo apenas citações ou listas sistemáticas, nas quais estavam incluídas algumas das espécies estudadas.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Henry Ramos Matthews, da Escola Superior de Agricultura de Mossoró - ESAM, pelas valiosas sugestões na elaboração deste trabalho.

MATERIAL E MÉTODOS

O material estudado foi obtido através de dragagens efetuadas pelo Navio Oceanográfico Almirante Saldanha, Calypso, pelos barcos de pesca Canopus, Akaroa, Pesquisador IV e pequenas embarcações que efetuaram várias operações oceanográficas realizadas pela Marinha do Brasil e várias prospecções de pesca pela SUDENE, com a participação do Departamento de Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Além das dragagens foram realizadas também coletas costeiras nos estuários pernambucanos de Rio Doce-Olinda e Canal de Santa Cruz-Ilha de Itamaracá; Acaú-Paraíba e nas praias de Suape-Pernambuco e Tibau-Rio Grande do Norte.

Foram identificadas 26 espécies agrupadas em 8 subgêneros do gênero *Tellina* Linnaeus, 1758.

As conchas foram desenhadas utilizando-se lupa com câmara clara.

Dados sobre a posição das estações, profundidade e natureza do fundo estão contidos na Tabela 1. Estes dados, assim como a classificação dos tipos de fundo foram esquematizados de acordo com COSTA(1968), COUTINHO et alii(1972), KEMPF (1970 e 1972), DHN (1968 e 1972), KEMPF et alii (1970a e 1970b) e LUNA (1979).

TABELA 1 - Lista das Estações de acordo como as respectivas operações oceanográficas.

AKAROA - Alagoas e Sergipe

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF. (m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
01	08°56'2	035°07'7	21	M&S LM&S	<i>T. similis</i>	18
05	09°01'0	034°51'2	46	S,G CA	<i>T. listeri</i>	1
07	09°01'5	035°01'3	36	(M)SG CAh	<i>T. juttingae</i>	2
08	09°06'7	035°13'6	19	SM Lm	<i>T. listeri</i>	2
08	09°06'7	035°13'6	19	SM Lm	<i>T. squamifera</i>	2
10	09°06'7	035°13'6	19	SM Lm	<i>T. tayloriana</i>	1
10	09°06'7	035°13'6	19	SM Lm	<i>T. similis</i>	2
16	09°11'1	035°02'	41	SG CA	<i>T. listeri</i>	2
18	09°11'1	035°12'	32	(M)GS CA	<i>T. listeri</i>	2
21	09°15'7	035°14'2	35	MG&S CAh	<i>T. listeri</i>	1
21	09°15'7	035°14'2	35	MG&S CAh	<i>T. nitens</i>	2
23	09°15'7	035°04'2	41	(M)G&S CAh	<i>T. listeri</i>	2
26	09°20'6	035°05'7	45	(S)MG CAh	<i>T. listeri</i>	
42	09°32'1	035°20'6	31	(M)S,G CA	<i>T. listeri</i>	3
44	09°32'1	035°10'6	40	G CA	<i>T. listeri</i>	3
51	09°41'4	035°38'2	20	(G)S L/CA	<i>T. listeri</i>	1
58	09°46'2	035°29'7	41	GS CA	<i>T. listeri</i>	1
60	09°46'2	035°39'7	42	M Lm	<i>T. lineata</i>	4
60	09°46'2	035°39'7	42	M Lm	<i>T. versicolor</i>	5
60	09°46'2	035°39'7	42	M Lm	<i>T. evitrea</i>	5
62	09°50'7	035°47'2	21	SG CA	<i>T. listeri</i>	2
64	09°50'7	035°37'2	33	SG CA	<i>T. listeri</i>	1
65	09°50'7	035°32'2	41	(M)GS LS	<i>T. listeri</i>	3
65	09°50'7	035°32'2	41	(M)GS LS	<i>T. sybaritica</i>	2
69	09°43'3	035°51'3	14	(G)S LS	<i>T. similis</i>	1
78	10°05'5	035°57'2	27	GS CA	<i>T. nitens</i>	2
81	10°08'3	035°51'5	75	SM LM	<i>T. squamifera</i>	3 e 2*
81	10°08'3	035°51'5	75	SM LM	<i>T. evitrea</i>	5
82	10°08'3	035°56'5	27	GS CA	<i>T. aequistriata</i>	1
86	10°13'6	035°55'6	41	GS&M L	<i>T. squamifera</i>	16
86	10°13'6	035°55'6	41	GS&M L	<i>T. probina</i>	14
86	10°13'6	035°55'6	41	GS&M L	<i>T. martinicensis</i>	2
87	10°18'3	035°56'3	54	M&S O	<i>T. squamifera</i>	24 3 6*
87	10°18'3	035°56'3	54	M&S O	<i>T. martinicensis</i>	31

Continua...

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF. (m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
87	10°18'3	035°56'3	54	M&S O	<i>T. probina</i>	7
89	10°17'2	036°06'3	23	(G)S LS	<i>T. listeri</i>	1
93	10°21'2	036°05'5	27	MG&S CA	<i>T. listeri</i>	2
93	10°21'2	036°05'5	27	MG&S CA	<i>T. probina</i>	1
94	10°22'2	036°00'5	49	MS LS	<i>T. squamifera</i>	6
94	10°22'2	036°00'5	49	MS LS	<i>T. martinicensis</i>	1
94	10°22'2	036°00'5	49	MS LS	<i>T. aequistriata</i>	1
94	10°22'2	036°00'5	49	MS LS	<i>T. nitens</i>	1
94	10°22'2	036°00'5	49	MS LS	<i>T. probina</i>	10
94	10°22'2	036°00'5	49	MS LS	<i>T. euvitrea</i>	1
97	10°24'5	036°13'2	21	- L/CA	<i>T. similis</i>	2
101	10°29'7	036°10'5	27	S CA	<i>T. listeri</i>	2
101	10°29'7	036°10'5	27	S CA	<i>T. nitens</i>	2
105	10°32'5	036°17'0	40	M LM	<i>T. euvitrea</i>	3
121	10°47'7	036°29'5	34	- CA	<i>T. listeri</i>	1
122	10°47'1	036°34'5	24	S,G CA	<i>T. nitens</i>	1
139	11°02'3	036°47'7	72	MS CA/O	<i>T. squamifera</i>	7
139	11°02'3	036°47'7	72	MS CA/O	<i>T. probina</i>	6
142	11°02'3	037°03'0	11	(M)S Lb	<i>T. squamifera</i>	2
142	11°02'3	037°03'0	11	(M)S Lb	<i>T. tayloriana</i>	1
151	11°15'0	037°12'2	15	SM Lm	<i>T. similis</i>	3
152	11°15'0	037°07'2	27	S Ls	<i>T. sybaritica</i>	1
155	11°20'0	037°09'2	18	- CA	<i>T. similis</i>	26
160	10°29'3	036°19'0	15	M Lm	<i>T. similis</i>	6
163	10°32'6	036°24'9	7	M Lm	<i>T. squamifera</i>	3
164	10°33'7	036°27'0	8	M Lm	<i>T. similis</i>	3 e 2 *
168	10°32'8	036°19'8	18	M Lm	<i>T. trinitatis</i>	4 e 4 *
168	10°32'8	036°19'8	18	M Lm	<i>T. similis</i>	1
169	10°31'5	036°17'8	24	M Lm	<i>T. trinitatis</i>	7
169	10°31'5	036°17'8	24	M Lm	<i>T. similis</i>	3 e 1 *
170	10°33'7	036°16'5	50	M Lm	<i>T. euvitrea</i>	17 e 2 *
171	10°34'8	036°18'5	44	M Lm	<i>T. euvitrea</i>	5
172	10°35'7	036°20'7	33	M Lm	<i>T. trinitatis</i>	4 *
173	10°37'0	036°22'7	80	M Lm	<i>T. euvitrea</i>	2 e 1 *
174	10°37'9	036°24'7	28	M Lm	<i>T. similis</i>	8
178	10°36'0	036°17'2	76	M Lm	<i>T. euvitrea</i>	4

Continua ...

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF. (m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
179	10°35'7	036°15'2	64	M Lm	<i>T. euvitrea</i>	15
180	10°37'1	036°14'0	75	S&M L/O	<i>T. squamifera</i>	34
180	10°37'1	036°14'0	75	S&M L/O	<i>T. probina</i>	8
180	10°37'1	036°14'0	75	S&M L/O	<i>T. euvitrea</i>	2
181	10°38'1	036°16'0	130	(S)M Lm	<i>T. squamifera</i>	35
182	10°40'0	036°18'2	?	MSG CA/O	<i>T. euvitrea</i>	1
183	10°41'0	036°20'4	100	S&M L/O	<i>T. squamifera</i>	33
183	10°31'0	036°20'4	100	S&M L/O	<i>T. probina</i>	34
185	10°44'0	036°21'3	540	MS O	<i>T. squamifera</i>	1
185	10°44'0	036°21'3	540	MS O	<i>T. euvitrea</i>	1

CANOPUS - Pernambuco e Ceará

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF. (m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
04	02°03'	40°29'	65	CA (SG)	<i>T. probina</i>	7
09	03°21'	38°38'	24-27	Ls (MS)	<i>T. aequistriata</i>	3
09	03°21'	38°38'	24-27	Ls (MS)	<i>T. punicea</i>	1
09	03°21'	38°38'	24-27	Ls (MS)	<i>T. brasiliiana</i>	1
09	03°21'	38°38'	24-27	Ls (MS)	<i>T. tenella</i>	4
09	03°21'	38°38'	24-27	Ls (MS)	<i>T. sybaritica</i>	2 e 1 *
10	03°19'	38°38'	26-32	Ls (MS)	<i>T. sybaritica</i>	19 e 1 *
11	03°15'	38°36'	26-31	L/CA (SG)	<i>T. probina</i>	3 *
11	03°15'	38°36'	26-31	L/CA (SG)	<i>T. aequistriata</i>	1
11	03°15'	38°36'	26-31	L/CA (SG)	<i>T. sybaritica</i>	8 *
11	03°15'	38°36'	26-31	L/CA (SG)	<i>T. nitens</i>	2 e 2 *
12	03°13'	38°31'	45	CA (SG)	<i>T. probina</i>	11
20	03°21'	38°38'	24-27	Ls (MGS)	<i>T. sybaritica</i>	2
21	03°21'	38°38'	24-27	Ls (MGS)	<i>T. aequistriata</i>	2
21	03°21'	38°38'	24-27	Ls (MGS)	<i>T. brasiliiana</i>	1
21	03°21'	38°38'	24-27	Ls (MGS)	<i>T. versicolor</i>	4
21	03°21'	38°38'	24-27	Ls (MGS)	<i>T. sybaritica</i>	4

Continua...

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
21	03°21'	38°38'	24-27	Ls (MGS)	<i>T. listeri</i>	1
33	02°56'	38°47'	54	CA (GS)	<i>T. probina</i>	1
57	03°12'	38°30'	72	CAb/O (GS)	<i>T. probina</i>	2
79	08°27'	34°42'	58	CA (GS)	<i>T. sybaritica</i>	4
80	08°19'	34°37'	54	CA (SG)	<i>T. sybaritica</i>	1
85	07°30'	34°29'	63	CA (GS)	<i>T. sybaritica</i>	1
86	07°18'	34°28'	65	CA (SG)	<i>T. sybaritica</i>	2
87	07°08'	34°26'	62	CA (G)	<i>T. sybaritica</i>	1
88	06°59'	34°32'	69	CA (G)	<i>T. sybaritica</i>	2
89	06°46'	34°36'	72	CAh/O (SG)	<i>T. probina</i>	3
92	06°14'	38°48'	65	CA (GS)	<i>T. probina</i>	1
101	04°48'	35°06'	69	CA (G)	<i>T. versicolor</i>	1
123	09°20'0	035°00'0	49	GS CA	<i>T. sybaritica</i>	1
133	10°18'0	035°56'0	51	G&S CA/O	<i>T. probina</i>	1
134	10°26'0	036°03'0	51	S&G CA/O	<i>T. squamifera</i>	2
136	11°02'0	036°48'0	60	G&S CA/O	<i>T. squamifera</i>	2
Fortaleza (dragagens extras)	18	D		<i>T. aequistriata</i>	2	
Fortaleza (dragagens extras)	20	S		<i>T. brasiliiana</i>	1	
Fortaleza (dragagens extras)	20	S		<i>T. versicolor</i>	2	
Fortaleza (dragagens extras)	20	S		<i>T. sybaritica</i>	4	
Fortaleza (dragagens extras)	20	S		<i>T. nitens</i>	5	
Fortaleza (dragagens extras)	17	D		<i>T. sybaritica</i>	4	
Fortaleza (dragagens extras)	17	D		<i>T. nitens</i>	1	
Fortaleza (dragagens extras)	17	D		<i>T. versicolor</i>	2	
Fortaleza (dragagens extras)	17	D		<i>T. nitens</i>	1	
Fortaleza (dragagens extras)	17	D		<i>T. angulosa</i>	1	
Fortaleza (dragagens extras)	17	D		<i>T. sybaritica</i>	4	

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
01	08°50'	35°06'	10-12	S	<i>T. similis</i>	1
01-A	08°50'	35°06'	10-12	S	<i>T. exerythra</i>	3
01-A	08°50'	35°06'	10-12	S	<i>T. vespucciana</i>	1
02	08°47'	35°04'5	20	S/CA	<i>T. listeri</i>	1 *
03	08°47'5	34°55'	36	CA	<i>T. listeri</i>	4
03	08°47'5	34°55'	36	CA	<i>T. aequistriata</i>	3
06	08°40'	35°00'2	19	S	<i>T. similis</i>	3 e 2 *
07	08°40'	34°53	35	CA	<i>T. listeri</i>	3
09	08°30'	34°58'	9	MS	<i>T. similis</i>	9
09	08°30'	34°58'	9	MS	<i>T. alternata</i>	21
09	08°30'	34°58'	9	MS	<i>T. angulosa</i>	4
09	08°30'	34°58'	9	MS	<i>T. tayloriana</i>	9
14-B	08°19'	34°52'8	20-24	S	<i>T. sybaritica</i>	1
18-A	08°13'2	34°53'2	15-18	SM	<i>T. similis</i>	1 *
23	08°00'0	34°39'7	33	CA	<i>T. listeri</i>	1
27	07°50'8	34°42'0	30	AC	<i>T. listeri</i>	1 *
27-A	07°50'8	34°42'0	30	AC	<i>T. listeri</i>	1
27-A	07°50'8	34°42'0	30	AC	<i>T. aequistriata</i>	3
30	07°45'0	34°43'5	19-20	S/CA	<i>T. aequistriata</i>	2
33	07°39'0	34°45'5	9-10	S	<i>T. martinicensis</i>	2
33-B	07°36'0	34°46'0	18-19	SM	<i>T. vespucciana</i>	6
33-B	07°36'0	34°46'0	18-19	SM	<i>T. versicolor</i>	32
35-A	07°39'0	34°37'5	32	CA	<i>T. listeri</i>	3 e 1 *
35-A	07°39'0	34°37'5	32	CA	<i>T. aequistriata</i>	2
35-A	07°40'0	34°28'7	60-88	CA	<i>T. sybaritica</i>	3
36-A	07°40'0	34°28'7	60-88	CA	<i>T. sybaritica</i>	4

Continua...

Continua...

PEQUENAS EMBARCAÇÕES - Recife, Farol de Olinda ao Cabo de Santo Agostinho.

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF. (m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
10-A	08°12'7	34°53'7	15,0	Lm (M)	<i>T. similis</i>	2
10-B	-10°5	-54°4	7,0	Lm (M)	<i>T. similis</i>	1
10-B	-10°5	-54°4	7,0	Lm (M)	<i>T. alternata</i>	3
10-B	-10°5	-54°4	7,0	Lm (M)	<i>T. tayloriana</i>	3
10-B	-10°5	-54°4	7,0	Lm (M)	<i>T. exerythra</i>	1
10-B	-10°5	-54°4	7,0	Lm (M)	<i>T. versicolor</i>	1
30	-15°4	-50°7	27,0	CAh (GS)	<i>T. aequistriata</i>	1
40	-10°6	-54°5	7,0	Lm (M)	<i>T. alternata</i>	3
40	-10°6	-54°5	7,0	Lm (M)	<i>T. versicolor</i>	47
40	-10°6	-54°5	7,0	Lm (M)	<i>T. nitens</i>	3
40	-10°6	-54°5	7,0	Lm (M)	<i>T. gibber</i>	2
41	-10°1	-54°2	7,0	Lm (M)	<i>T. similis</i>	2
41	-10°1	-54°2	7,0	Lm (M)	<i>T. versicolor</i>	3
44	-08°6	-53°9	7,0	Lm (SM)	<i>T. similis</i>	2
50	-11°0	-51°2	20,0	CA (G)	<i>T. aequistriata</i>	1
51	-10°0	-50°7	19,5	L/CA (SG)	<i>T. aequistriata</i>	2
53	-08°5	-49°7	19,5	L/CA (cS)	<i>T. aequistriata</i>	1
65	-16°1	-49°0	30,5	CA (cS)	<i>T. aequistriata</i>	1
76	-07°7	-53°3	8,0	Lm (M)	<i>T. similis</i>	1
79	-07°9	-52°3	12,5	Ls (mcS)	<i>T. versicolor</i>	1
88	-12°9	-53°4	16,0	Lm (M)	<i>T. versicolor</i>	1 *
108	-59°2	-44°7	29,0	CA (SG)	<i>T. sybantica</i>	1
108	-59°2	-44°7	29,0	CA (SG)	<i>T. listeri</i>	1
111	08°16'2	-51°8	25,0	CAh (MS)	<i>T. sybaritica</i>	1
111	08°16'2	-51°8	25,0	CAh (MS)	<i>T. nitens</i>	1
111	08°16'2	-51°8	25,0	CAh (MS)	<i>T. vespuciana</i>	5 e 2 *
112	-16°0	-51°8	25,5	CAh (cS)	<i>T. sybaritica</i>	2
112	-16°0	-51°8	25,5	CAh (cS)	<i>T. aequistriata</i>	6 e 1 *
112	-16°0	-51°8	25,5	CAh (cS)	<i>T. vespuciana</i>	1 e 1 *
113	-14°1	-51°5	24,5	CA (cS)	<i>T. aequistriata</i>	3 e 1 *
130	-02°3	-50°9	8,5	CA (cG)	<i>T. alternata</i>	4
136	-02°1	-43,9	31,0	CA (SG)	<i>T. aequistriata</i>	3
143	-20°3	-49°9	29,0	CAh (G)	<i>T. aequistriata</i>	1 e 1 *
143	-20°3	-49°9	29,0	CAh (G)	<i>T. listeri</i>	1

Continua...

PEQUENAS EMBARCAÇÕES (Continuação).

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF. (m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
145	08°05'7	34°41'0	36,5	CA (SG)	<i>T. sybaritica</i>	2
147	-00°0	-32°9	51,0	CA (GS)	<i>T. sybaritica</i>	1
148	07°52'9	-32°6	46,5	CAh (SG)	<i>T. sybaritica</i>	1
149	-56°7	-37°2	38,0	CA (GS)	<i>T. sybaritica</i>	2 *
150	08°01'5	-39°3	38,0	CA (GS)	<i>T. aequistriata</i>	1
153	-16°1	-19°9	35,5	CA (GS)	<i>T. sybaritica</i>	4
154	-21°5	-45°1	37,0	0 (mS)	<i>T. sybaritica</i>	1
154	-21°5	-45°1	37,0	0 (mS)	<i>T. aequistriata</i>	4
154	-21°5	-45°1	37,0	0 (mS)	<i>T. sybaritica</i>	2 e 1 *
RE 111	08°21'5	34°45'1	37,0	0 (MS)	<i>T. sybaritica</i>	1

SALDANHA - NORTE-NORDESTE I - Recife e Cabo Orange

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF. (m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
1663-B	03°52'2	033°50'8	95	0 (mcS)	<i>T. brasiliiana</i>	24
1663-B	03°52'2	033°50'8	95	0 (mcS)	<i>T. sybaritica</i>	3 e 19*
1663-B	03°52'2	033°50'8	95	0 (mcS)	<i>T. radiata</i>	1
1667-B	03°50'8	032°27'5	55	CA (MGS)	<i>T. aequistriata</i>	1
1667-C	03°50'0	032°24'3	26	Ls (mS)	<i>T. sybaritica</i>	3 e 14*
1675-A	05°11'0	035°09'7	33	CA (GS)	<i>T. sybaritica</i>	1
1676	04°51'8	035°23'0	38	Ls (mS)	<i>T. aequistriata</i>	1
1677	04°41'0	035°24'5	65	0 (GS)	<i>T. probina</i>	1
1687	04°44'0	036°03'0	73	0 (mS)	<i>T. probina</i>	8 e 11*
1692	03°42'0	038°02'0	21	Ls (mS)	<i>T. brasiliiana</i>	1
1709	03°02'0	039°16'5	20	Ls (mcS)	<i>T. aequistriata</i>	1
1710	02°39'5	039°46'0	17	Ls (GS)	<i>T. brasiliiana</i>	1
1719	02°15'0	040°33'5	55	0 (MGS)	<i>T. probina</i>	4
1719-A	02°21'5	040°29'5	37	Ls (MGS)	<i>T. probina</i>	1
1729	02°10'5	041°27'0	53	Ls (mS)	<i>T. probina</i>	2
1729-A	02°22'0	041°28'0	35	Ls (mS)	<i>T. sybaritica</i>	2
1729-A	02°22'0	041°28'0	35	Ls (mS)	<i>T. aequistriata</i>	1

Continua...

SALDANHA - NORTE-NORDESTE I - Recife e Cabo Orange (continuação)

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
1729-A	02°22'0	041°28'0	35	Ls (mS)	<i>T. probina</i>	1
1738-A	01°55'5	042°45'0	75	Ls/O (mcS)	<i>T. probina</i>	2
1739	02°05'0	042°44'0	46	Ls (fmS)	<i>T. probina</i>	1 e 2*
1739-A	02°14'0	042°43'0	35	Ls (fmS)	<i>T. sybaritica</i>	4
1739-A	02°14'0	042°43'0	35	Ls (fmS)	<i>T. probina</i>	1
1739-A	02°14'0	042°43'0	35	Ls (fmS)	<i>T. versicolor</i>	1
1742	01°36'0	044°01'0	31	Ls (fmS)	<i>T. aequistriata</i>	1
1743	01°12'0	043°54'5	55	Ls (fmS)	<i>T. brasiliiana</i>	1
1751	00°37'0	044°40'0	44	Ls/CA (GS)	<i>T. probina</i>	1
1754-A	00°06'0	045°50'0	75	Ls (fmS)	<i>T. sybaritica</i>	2
1761	00°51'ON	046°40'0	51	Ls (mS)	<i>T. brasiliiana</i>	4
1761	00°51'ON	046°40'0	51	Ls (mS)	<i>T. nitens</i>	1
1761	00°51'ON	046°40'0	51	Ls (mS)	<i>T. sybaritica</i>	88
1761	00°51'ON	046°40'0	51	Ls (mS)	<i>T. listeri</i>	1
1757	00°06'0	045°50'0	75	Ls (fmS)	<i>T. sybaritica</i>	2*
1765	00°31'ON	047°49'0	39	Lm (SM)	<i>T. nitens</i>	1
1765	00°31'ON	047°49'0	39	Lm (SM)	<i>T. martinicensis</i>	1
1765	00°31'ON	047°49'0	39	Lm (SM)	<i>T. trinitatis</i>	14 e 2*
1765	00°31'ON	047°49'0	39	Lm (SM)	<i>T. angulosa</i>	8
1765	00°31'ON	047°49'0	39	Lm (SM)	<i>T. tayloriana</i>	4
1765	00°31'ON	047°49'0	39	Lm (SM)	<i>T. alternata</i>	2
1774	02°09'2N	048°15'	59	Ls (mS)	<i>T. sybaritica</i>	1
1784	03°08'5N	048°07'0	85	Lm (SM)	<i>T. squamifera</i>	1
178511	03°02'N	049°27'5	45	Lm (SM)	<i>T. trinitatis</i>	1
178511	03°02'N	049°27'5	45	Lm (SM)	<i>T. juttingae</i>	4
178511	03°02'N	049°27'5	45	Lm (SM)	<i>T. trinitatis</i>	5*
178711	03°27'ON	050°15'0	60	Lm (M)	<i>T. juttingae</i>	1
1787-A	03°31'5N	050°11'0	75	Lm (SM)	<i>T. trinitatis</i>	4
1793-B	04°13'5N	050°26'0	75	Ls (mS)	<i>T. probina</i>	1
1793-BII	04°13'5N	050°26'0	75	Ls (mS)	<i>T. trinitatis</i>	1
1793-BII	04°13'5N	050°26'0	75	Ls (mS)	<i>T. juttingae</i>	10
1794	04°08'ON	050°35'5	52	Lm (SM)	<i>T. trinitatis</i>	5
1794	04°08'ON	050°35'5	52	Lm (SM)	<i>T. punicea</i>	1
179411	04°08'ON	050°35'5	52	Lm (SM)	<i>T. trinitatis</i>	2

Continua...

SALDANHA - NORTE-NORDESTE I - Recife e Cabo Orange (continuação)

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
179411	04°08'ON	050°35'5	52	Lm (SM)	<i>T. juttingae</i>	3
1796	04°41'ON	051°37'0	35	Lm (M)	<i>T. trinitatis</i>	2
1796	04°41'ON	051°37'0	35	Lm (M)	<i>T. juttingae</i>	1
1797-A	05°20'ON	051°14'5	100	Ls (mS)	<i>T. sybaritica</i>	1
1801	02°21'ON	049°30'0	23	Lm (SM)	<i>T. similis</i>	1
1805	00°09'5	046°55'5	24	Ls (GS)	<i>T. nitens</i>	1
1806	00°32'5	045°00'5	51	Ls (mS)	<i>T. brasiliiana</i>	2
1806	00°32'5	045°00'5	51	Ls (mS)	<i>T. sybaritica</i>	1
1806	00°32'5	045°00'5	51	Ls (mS)	<i>T. aequistriata</i>	1
1806	00°32'5	045°00'5	51	Ls (mS)	<i>T. listeri</i>	1
1814	01°45'5	043°21'7	53	Ls (mS)	<i>T. brasiliiana</i>	4
1817	02°12'7	042°25'5	60	Ls (fmS)	<i>T. aequistriata</i>	1
1817	02°12'7	042°25'5	60	Ls (fmS)	<i>T. probina</i>	8 e 2*

SALDANHA - NORTE-NORDESTE II - Rio Paraíba do Norte e
Cabo Orange

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
1843	05°46'0S	035°01'4	47	MS CA	<i>T. probina</i>	16 e 2*
1843	05°46'0S	035°01'4	47	MS CA	<i>T. listeri</i>	2
1843	05°46'0S	035°01'4	47	MS CA	<i>T. aequistriata</i>	5
1843	05°46'0S	035°01'4	47	MS CA	<i>T. squamifera</i>	2
1843	05°46'0S	035°01'4	47	MS CA	<i>T. sybaritica</i>	4
1855	04°56'5S	035°22'5	30	SG CA	<i>T. sybaritica</i>	2 e 1*
1857	03°35'0S	037°57'0	43	GS CA	<i>T. sybaritica</i>	5
1858	03°35'0S	038°07'8	36	S Ls	<i>T. brasiliiana</i>	1
1858	03°35'0S	038°07'8	36	S Ls	<i>T. sybaritica</i>	5
1858	03°35'0S	038°07'8	36	S Ls	<i>T. aequistriata</i>	1
1859	03°35'0S	038°19'0	30	S Ls	<i>T. sybaritica</i>	2
1860	03°26'0S	038°30'0	35	S Ls	<i>T. sybaritica</i>	14
1860	03°26'0S	038°30'0	35	S Ls	<i>T. brasiliiana</i>	3

Continua...

SALDANHA - NORTE-NORDESTE II - Rio Paraíba do Norte e Cabo Orange
(continuação).

ESTAÇÃO	LAT.	S	LONG.	W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
1873	01°42'0S		043°57'0		51	S Ls	<i>T. sybaritica</i>	3
1874-A	01°21'0S		043°50'0		33	S Ls	<i>T. brasiliiana</i>	14
1874-A	01°21'0S		043°50'0		33	S Ls	<i>T. sybaritica</i>	5
1885	00°47'ON		046°40'0		59	S Ls	<i>T. listeri</i>	1
1885	00°47'ON		046°40'0		59	S Ls	<i>T. aequistriata</i>	2
1885	00°47'ON		046°40'0		59	S Ls	<i>T. sybaritica</i>	15
1885	00°47'ON		046°40'0		59	S Ls	<i>T. brasiliiana</i>	6
1885	00°47'ON		046°40'0		59	S Ls	<i>T. nitens</i>	1
1887	00°06'5N		046°54'5		40	S Ls	<i>T. sybaritica</i>	1
1905	02°54'ON		048°48'5		95	S Ls	<i>T. probina</i>	5
1905	02°54'ON		048°48'5		95	S Ls	<i>T. aequistriata</i>	1 e 1*
1905	02°54'ON		048°48'5		95	S Ls	<i>T. sybaritica</i>	8
1906	02°40'ON		049°00'0		78	MS Ls	<i>T. probina</i>	4
1906	02°40'ON		049°00'0		78	MS Ls	<i>T. aequistriata</i>	3
1906	02°40'ON		049°00'0		78	MS Ls	<i>T. squamifera</i>	12
1906	02°40'ON		049°00'0		78	MS Ls	<i>T. martinicensis</i>	4
1906	02°40'ON		049°00'0		78	MS Ls	<i>T. vespuciana</i>	2
1906	02°40'ON		049°00'0		78	MS Ls	<i>T. sybaritica</i>	2
1908	02°41'ON		050°26'5		17	M Lm	<i>T. squamifera</i>	1
1908	02°41'ON		050°26'5		17	M Lm	<i>T. juttingae</i>	1
1908	02°41'ON		050°26'5		17	M Lm	<i>T. trinitatis</i>	1
1910	03°28'5N		049°52'0		70	MS Ls	<i>T. squamifera</i>	21
1910	03°28'5N		049°52'0		70	MS Ls	<i>T. martinicensis</i>	6
1910	03°28'5N		049°52'0		70	MS Ls	<i>T. vespuciana</i>	17
1910	03°28'5N		049°52'0		70	MS Ls	<i>T. juttingae</i>	3
1910	03°28'5N		049°52'0		70	MS Ls	<i>T. alternata</i>	2
1911	03°39'0		049°46'0		85	MS Ls	<i>T. squamifera</i>	3
1911	03°39'0		049°46'0		85	MS Ls	<i>T. martinicensis</i>	1 e 1*
1912	03°49'ON		049°40'0		106	MS L/O	<i>T. squamifera</i>	1
1926	04°44'ON		051°33'0		41	M Lm	<i>T. juttingae</i>	2
1926	04°44'ON		051°33'0		41	M Lm	<i>T. trinitatis</i>	3
1926-11	04°44'N		51°33'		41	M Lm	<i>T. juttingae</i>	6
1926-11	04°44'N		51°33'		41	M Lm	<i>T. trinitatis</i>	2
1928	05°28'ON		051°28'5		83	S Ls	<i>T. sybaritica</i>	14

Continua...

PESCA NORTE I - 1968

ESTAÇÃO	LAT.	S	LONG.	W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
1993	01°46'5N		048°21'1		47-46	M Lm	<i>T. trinitatis</i>	9
1993	01°46'5N		048°21'1		47-46	M Lm	<i>T. juttingae</i>	2
ID111	04°43'ON		050°28'0		88	S Ls	<i>T. similis</i>	4
ID111	04°43'ON		050°28'0		88	S Ls	<i>T. angulosa</i>	3
ID111	04°43'ON		050°28'0		88	S Ls	<i>T. alternata</i>	1
ID111	04°43'ON		050°28'0		88	S Ls	<i>T. vespuciana</i>	2*

GEOMAR I - Fronteira do Brasil com a Guiana Francesa

ESTAÇÃO	LAT.	S	LONG.	W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
05	02°48'S		41°39'W		12	S	<i>T. nitens</i>	1
08	02°04'S		42°43'W		67	S	<i>T. versicolor</i>	4
08	02°04'S		42°43'W		67	S	<i>T. probina</i>	181
10	02°00'8S		43°39'9W		33		<i>T. sybaritica</i>	1
14	01°22'1S		44°01'		29	S	<i>T. brasiliiana</i>	13
17	01°08'		45°20'		19	S	<i>T. erythra</i>	1
18	00°49'0S		46°02'2W		14		<i>T. nitens</i>	1
18	00°49'0S		46°02'2W		14		<i>T. sybaritica</i>	11
18	00°49'0S		46°02'2W		14		<i>T. probina</i>	8
20	00°13'S		45°27'		57	S	<i>T. sybaritica</i>	2
20	00°13'S		45°27'		57		<i>T. probina</i>	2
20	00°13'5		45°27'		57		<i>T. listeri</i>	3
22	00°00'0		45°37'0W		68		<i>T. nitens</i>	6
22	00°00'0		45°37'0W		68		<i>T. sybaritica</i>	56
22	00°00'0		45°37'0W		68		<i>T. probina</i>	9
22	00°00'0		45°37'0W		68		<i>T. aequistriata</i>	2
22	00°00'0		45°37'0W		68		<i>T. vespuciana</i>	1
28	00°20'ON		46°03'5W		51		<i>T. brasiliiana</i>	2
28	00°20'ON		46°03'5W		51		<i>T. aequistriata</i>	1
30	00°47'N		45°49		223		<i>T. nitens</i>	2
30	00°47'N		45°49		223		<i>T. trinitatis</i>	1
32	00°15'0N		46°40'5W		32		<i>T. sybaritica</i>	3
32	00°15'0N		46°40'5W		32		<i>T. brasiliiana</i>	2

Continua...

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF.(m)	FUNDO	ESPECIES	IND.
32	00°15'ON	46°40'5W	32		<i>T. aequistriata</i>	1
35	00°28'S	47°27'	27	S	<i>T. alternata</i>	1
35	00°28'S	47°27'	27		<i>T. versicolor</i>	4
35	00°28'S	47°27'	27		<i>T. exerythra</i>	2
36	00°27'4S	47°38'8W	13		<i>T. exerythra</i>	2
36	00°27'4S	47°38'8W	13		<i>T. diantha</i>	10
36	00°27'4S	47°38'8W	13		<i>T. angulosa</i>	2
39	00°32'N	47°31'	30	S	<i>T. sybaritica</i>	1
40	00°54'N	47°10'	47	S	<i>T. sybaritica</i>	6
40	00°54'N	47°10'	47	S	<i>T. brasiliiana</i>	2
40	00°54'N	47°10'	47	S	<i>T. listeri</i>	4
40	00°54'N	47°10'	47	S	<i>T. aequistriata</i>	3
41	01°17'ON	46°57'5W	13		<i>T. sybaritica</i>	8
41	01°17'ON	46°57'5W	13		<i>T. brasiliiana</i>	344
41	01°17'ON	46°57'5W	13		<i>T. listeri</i>	5
44	01°50'N	47°28'	77	A + D	<i>T. brasiliiana</i>	1
45	01°32'0N	47°34'0W	67		<i>T. probina</i>	1 e 1*
46	01°05'N	47°42'	16	M	<i>T. vespuciana</i>	8 e 8*
46	01°05'N	47°42'	16	M	<i>T. martinicensis</i>	24
46	01°05'N	47°42'	16	M	<i>T. tayloriana</i>	2
47	00°37'N	47°51'	43	M	<i>T. vespuciana</i>	27
47	00°37'N	47°51'	43	M	<i>T. martinicensis</i>	2
48	00°21'N	48°03'	16	M	<i>T. vespuciana</i>	1
54	01°34'N	48°07'	50	S	<i>T. nitens</i>	1
54	01°34'N	48°07'	50	S	<i>T. sybaritica</i>	24 e 9*
54	01°34'N	48°07'	50	S	<i>T. probina</i>	2
54	01°34'N	48°07'	50	S	<i>T. brasiliiana</i>	1
54	01°34'N	48°07'	50	S	<i>T. vespuciana</i>	7 e 1*
54	01°34'N	48°07'	50	S	<i>T. martinicensis</i>	8
57	02°01'ON	47°49'5W	77		<i>T. sybaritica</i>	4
Arrasto					<i>T. trinitatis</i>	12

Continua...

ESTAÇÃO	LAT. S	LONG. W	PROF.(m)	FUNDO	ESPECIES	IND.
09	02°40'	42°02'	12,5	M	<i>T. alternata</i>	1
09	02°40'	42°02'	12,5	M	<i>T. similis</i>	5
10	02°39'	42°20'	13,5	M	<i>T. nitens</i>	27
10	02°39'	42°20'	13,5	M	<i>T. exerythra</i>	2
10	02°39'	42°20'	13,5	M	<i>T. agilis</i>	2
10	02°39'	42°20'	13,5	M	<i>T. alternata</i>	27
11	02°31'	42°17'	21,5	S,M	<i>T. angulosa</i>	4
13	02°14'	42°09'	32,5	S	<i>T. martinicensis</i>	2
14	02°06'	42°04'	66,5	B	<i>T. probina</i>	17
16	02°10'	42°27'	32,5	S	<i>T. sybaritica</i>	2
19	02°34'	42°40'	11,0	S	<i>T. alternata</i>	3
23	02°00'	42°48'	43,0	S,M	<i>T. nitens</i>	1
23	02°00'	42°48'	43,0	S,M	<i>T. sybaritica</i>	7
23	02°00'	42°48'	43,0	S,M	<i>T. probina</i>	44
23	02°00'	42°48'	43,0	S,M	<i>T. vespuciana</i>	4
25	01°51'	43°05'	48,5	S	<i>T. sybaritica</i>	2 e 1*
26	01°59'	43°10'	32,5	S	<i>T. sybaritica</i>	50
26	01°59'	43°10'	32,5	S	<i>T. aequistriata</i>	3
26	01°59'	43°10'	32,5	S	<i>T. brasiliiana</i>	1
27	02°08'	43°14'	32,5	S,M	<i>T. martinicensis</i>	1
27	02°08'	43°14'	32,5	S,M	<i>T. sybaritica</i>	11
27	02°08'	43°14'	32,5	S,M	<i>T. probina</i>	4
27	02°08'	43°14'	32,5	S,M	<i>T. aequistriata</i>	1
27	02°08'	43°14'	32,5	S,M	<i>T. vespuciana</i>	9
32	01°49'	43°26'	30,0	S	<i>T. nitens</i>	1
32	01°49'	43°26'	30,0	S	<i>T. sybaritica</i>	14
32	01°49'	43°26'	30,0	S	<i>T. brasiliiana</i>	1
34	01°33'	43°39'	47,0	S	<i>T. brasiliiana</i>	4
36	01°51'	43°48'	35,5	S	<i>T. brasiliiana</i>	2
37	02°00'	43°51'	46,0	M	<i>T. sybaritica</i>	6
37	02°00'	43°51'	46,0	M	<i>T. probina</i>	6
37	02°00'	43°51'	46,0	M	<i>T. vespuciana</i>	2
37	02°00'	43°51'	46,0	M	<i>T. gibber</i>	2
38	02°09'	43°57'	24,0	S	<i>T. vespuciana</i>	1

Continua...

ESTAÇÃO	LAT.	S	LONG. W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
40	02°09'		44°19'	27,0	M	<i>T. trinitatis</i>	1
42	01°51'		44°10'	32,5	S	<i>T. sybaritica</i>	2
42	01°51'		44°10'	32,5	S	<i>T. exerythra</i>	1
42	01°51'		44°10'	32,5	S	<i>T. versicolor</i>	5
44	01°33'		44°01'	17,0	S	<i>T. brasiliiana</i>	8
45	01°23'		43°57'	32,5	S	<i>T. sybaritica</i>	22
45	01°23'		43°57'	32,5	S	<i>T. brasiliiana</i>	104
46	01°07'		44°09'	38,0	S	<i>T. sybaritica</i>	96
46	01°07'		44°09'	38,0	S	<i>T. aequistriata</i>	6
46	01°07'		44°09'	38,0	S	<i>T. brasiliiana</i>	100
46	01°07'		44°09'	38,0	S	<i>T. trinitatis</i>	2
46	01°07'		44°09'	38,0	S	<i>T. exerythra</i>	4
46	01°07'		44°09'	38,0	S	<i>T. radiata</i>	3
47	01°15'		44°15'	27,0	S	<i>T. brasiliiana</i>	5
47	01°15'		44°15'	27,0	S	<i>T. versicolor</i>	1
51	01°16'		44°39'	19,0	S	<i>T. alternata</i>	2
51	01°16'		44°39'	19,0	S	<i>T. similis</i>	2
51	01°16'		44°39'	19,0	S	<i>T. sybaritica</i>	4
51	01°16'		44°39'	19,0	S	<i>T. probina</i>	1
51	01°16'		44°39'	19,0	S	<i>T. exerythra</i>	8
51	01°16'		44°39'	19,0	S	<i>T. versicolor</i>	5
53	01°00'		44°30'	32,5	S	<i>T. sybaritica</i>	13
53	01°00'		44°30'	32,5	S	<i>T. aequistriata</i>	2
53	01°00'		44°30'	32,5	S	<i>T. brasiliiana</i>	2
53	01°00'		44°30'	32,5	S	<i>T. listeri</i>	2
54	00°43'		44°50'	34,0	S	<i>T. sybaritica</i>	5
54	00°43'		44°50'	34,0	S	<i>T. brasiliiana</i>	3
56	01°15'		44°56'	27,0	S	<i>T. sybaritica</i>	2
57	01°15'		45°00'	21,5	S,M	<i>T. punicea</i>	1
57	01°15'		45°00'	21,5	S,M	<i>T. nitens</i>	3
57	01°15'		45°00'	21,5	S,M	<i>T. similis</i>	1
57	01°15'		45°00'	21,5	S,M	<i>T. sybaritica</i>	10
57	01°15'		45°00'	21,5	S,M	<i>T. vespuciana</i>	6
57	01°15'		45°00'	21,5	S,M	<i>T. exerythra</i>	5
57	01°15'		45°00'	21,5	S,M	<i>T. versicolor</i>	1

Continua...

ESTAÇÃO	LAT.	S	LONG. W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
59	01°00'		45°15'	21,5	S	<i>T. sybaritica</i>	1
59	01°00'		45°15'	21,5	S	<i>T. versicolor</i>	2
60	00°50'		45°10'	25,0	S	<i>T. sybaritica</i>	4
60	00°50'		45°10'	25,0	S	<i>T. aequistriata</i>	1
61	00°41'		45°06'	27,0	S	<i>T. brasiliiana</i>	15
61	00°41'		45°06'	27,0	S	<i>T. sybaritica</i>	40
61	00°41'		45°06'	27,0	S	<i>T. brasiliiana</i>	22
61	00°41'		45°06'	27,0	S	<i>T. versicolor</i>	2
64	00°52'		45°33'	21,0	S	<i>T. sybaritica</i>	45
64	00°52'		45°33'	21,0	S	<i>T. vespuciana</i>	7
64	00°52'		45°33'	21,0	S	<i>T. versicolor</i>	1
67	00°47'		45°52'	25,0	S	<i>T. sybaritica</i>	2
67	00°47'		45°52'	25,0	S	<i>T. vespuciana</i>	4
67	00°47'		45°52'	25,0	S	<i>T. versicolor</i>	2
68	00°35'		45°47'	30,5	S	<i>T. nitens</i>	2
68	00°35'		45°47'	30,5	S	<i>T. sybaritica</i>	33
68	00°35'		45°47'	30,5	S	<i>T. aequistriata</i>	3
68	00°35'		45°47'	30,5	S	<i>T. vespuciana</i>	3
68	00°35'		45°47'	30,5	S	<i>T. versicolor</i>	6
69	00°25'		45°43'	32,5	S	<i>T. gouldii</i>	18
69	00°25'		45°43'	32,5	S	<i>T. nitens</i>	2
69	00°25'		45°43'	32,5	S	<i>T. vespuciana</i>	2
69	00°25'		45°43'	32,5	S	<i>T. sybaritica</i>	145
69	00°25'		45°43'	32,5	S	<i>T. probina</i>	2
69	00°25'		45°43'	32,5	S	<i>T. aequistriata</i>	6
69	00°25'		45°43'	32,5	S	<i>T. brasiliiana</i>	2 e 1*
69	00°25'		45°43'	32,5	S	<i>T. versicolor</i>	3
69	00°25'		45°43'	32,5	S	<i>T. listeri</i>	1
69	00°25'		45°43'	32,5	S	<i>T. gouldii</i>	18

Continua...

CALYPSO - Sudeste e Sul

c. = completo

ESTAÇÃO	LOCALIDADE	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
1760	Florianópolis	0	vasa	<i>T. trinitatis</i>	2
1771	Florianópolis	26	areia vasosa	<i>T. versicolor</i>	2
1771	Florianópolis	26	areia vasosa	<i>T. gibber</i>	2
1801	Ubatuba	6	areia fina	<i>T. nitens</i>	9
1823	Abrolhos	24	vasa	<i>T. martinicensis</i>	6 e 2*
1823	Abrolhos	24	vasa	<i>T. vespucciana</i>	1
1825	Abrolhos	22	vasa	<i>T. probina</i>	2
1828	Abrolhos	24	areia vasosa	<i>T. aequistriata</i>	6

SUL I - Sul

ESTAÇÃO	LAT.S	LONG.W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
2167	23°01,8'	41°25,5'	75	S, M	<i>T. petitiana</i>	2
2167	23°01,8'	41°25,5'	75	S, M	<i>T. iheringi</i>	2
2167	23°01,8'	41°25,5'	75	S, M	<i>T. gibber</i>	9
2189	24°20,5'	45°12,5'	79	S, M	<i>T. gibber</i>	11
2189	24°20,5'	45°12,5'	79	S, M	<i>T. brasiliiana</i>	2
2189	24°20,5'	45°12,5'	79	S, M	<i>T. gibber</i>	7
2190	24°10,5'	45°58,5'	45	S, M	<i>T. gibber</i>	72 e 62*
2191	24°55,0'	47°00,0'	41	S	<i>T. versicolor</i>	11
2233-A	30°43;0'	49°15,0'	169	S	<i>T. brasiliiana</i>	1
2234-A	31°15,0'	50°45,0'	24	S	<i>T. brasiliiana</i>	1
2234-A	31°15,0'	50°45,0'	24	S	<i>T. gibber</i>	11
2261	36°29,0'	55°57,0'	20	S	<i>T. brasiliiana</i>	1
2261	36°29,0'	55°57,0'	20	S	<i>T. gibber</i>	2

SUL II - Sul

ESTAÇÃO	LAT.S	LONG.W	PROF.(m)	FUNDO	ESPÉCIES	IND.
01	24°58,0'	45°08,0'	126	S	<i>T. brasiliiana</i>	1
01	24°58,0'	45°08,0'	126	S	<i>T. gibber</i>	1

LEGENDAS

M = lama (60%) com lama

S = areia (60%), arenosa

G = cascalho (60%), cascalhoso

() = componente menor 10-20%

SM = areia e lama

CA = algas calcárias

CAh = algas calcárias e halimeda

Fácies

L = litorânea

Lm = lama

Ls = areia quartzoza

CA = algas calcárias

/ = transição (componentes 40-60%)

CARACTERÍSTICAS DA ÁREA

A plataforma continental brasileira estende-se desde o Estado do Amapá até o Estado do Rio Grande do Sul, perfazendo um total de aproximadamente 9.000 Km de litoral. Esta área foi classificada por SILVEIRA (1964) como litoral Amazônico ou Equatorial, da foz do Oiapoque ao Maranhão Oriental; litoral Nordestino ou das Barreiras, do Maranhão Oriental ao recôncavo baiano; litoral Oriental, do recôncavo baiano ao Sul do Estado do Espírito Santo; litoral de Sudeste ou das Escarpas Cristalinas, do sul do Estado do Espírito Santo à região de Laguna, e litoral Meridiano ou subtropical, da região de Laguna à barra do Arroio Chuí.

A extensão da plataforma é variável, assim, na região Norte, foz do Amazonas ela possui uma largura máxima de 330 Km e profundidades inferiores a 20 metros; na região Nordeste-Leste uma largura máxima de 160 Km, precisamente na baía de São Marcos, com profundidades também inferiores a 20 metros no litoral Setentrional, e entre 70 e 1.000 metros em Abrolhos.

Na região Sul, a plataforma continental brasileira apresenta uma largura máxima de 210 Km e inclinação suave, com a isóbata de 20 metros afastada da costa.

O litoral Norte e Nordeste apresenta grandes rios perecenes, dentre eles o Amazonas e o São Francisco, os quais exercem influência nas condições oceanográficas, principalmente sobre a salinidade, teor em nutrientes e distribuição dos tipos de fundo, devido ao aporte de água doce e material terrígeno. O rio Amazonas transporta uma grande quantidade de material através das correntes litorâneas para o litoral Guianense. A quantidade de água doce que chega ao litoral é muito grande, ocasionando a formação de depósitos. A fácies lamosa é o tipo de fundo dominante na maior parte da região Amazônica e nas áreas próximas ao rio São Francisco no Nordeste, além dos fundos organogênicos que, de acordo com LUNA (1979), recobrem extensa área da plataforma continental brasileira, entre os Estados do Pará e Rio de Janeiro, além dos bancos oceânicos.

O litoral nordestino é caracterizado por possuir sedimentos Cenozoicos do Grupo Barreiras, que formam tabuleiros na costa

este. Alguns recifes costeiros, coralinos e de arenito, devem ser mencionados especialmente nos Estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Maranhão.

A maior parte da área tropical é influenciada pela corrente sul equatorial que se bifurca ao longo do Cabo de São Roque, formando dois ramos: um ao norte, a corrente das Guianas e outro ao sul, a corrente do Brasil, que proporciona salinidade e temperaturas elevadas, e águas transparentes, favorecendo o crescimento de algas calcárias e corais hermatípicos, até profundidades de quase 100 metros, inclusive nos bancos oceânicos.

No litoral Oriental os depósitos terciários ainda estão presentes em algumas áreas, ocasionando a formação de barreiras, entretanto sem grande continuidade. De acordo com SILVEIRA (1964) a costa Oriental é pobre em cursos d'água, especialmente na parte sul Oriental, enquanto que na parte norte deste litoral as drenagens já apresentam importância maior e cursos d'água consideráveis devem ser encontrados.

Para MABESOONE (1971) a fácies constituída de material biodetritíco estende-se na costa Norte-Nordeste-Leste, principalmente no bordo da plataforma, sendo também encontrada na ruptura das plataformas dos bancos e das ilhas oceânicas.

Os fundos de algas calcárias são abundantes entre Cabo Frio e o delta do parnáiba. A fácies de alga calcária distribui-se na plataforma entre a fácies de areia quartzosa litorânea e o bordo da plataforma.

O trecho do litoral Meridional entre laguna e o sul, a costa brasileira apresenta-se quase totalmente baixa e arenosa, devido a grande quantidade de material recentemente depositado.

Na costa Meridional assim como na Oriental, os depósitos silicosos são dominantes em consequência da presença de rochas cristalinas do complexo brasileiro. A amplitude das marés é pequena, portanto a ação é discreta explicando assim a pobreza em deltas de maré.

Dados obtidos através da DHN-DG 26, destacam a presença de valores máximos de nutrientes (nitritos, fosfatos e silicatos) associados a valor mínimo de oxigênio encontrado no fundo, sobre a plataforma, em todos os perfis, desde Cabo Frio até o Rio

Grande. Os sedimentos grosseiros encontrados são próprios da zona nerítica superior litorânea, entretanto em muitas regiões a argila cinza orgânica é abundante, demonstrando grande aporte de material terrígeno diretamente da costa, sob a ação do intemperismo físico e químico intenso em clima subtropical úmido, ou ainda pela influência da corrente das malvinas que vem do sul com águas frias e densas e corre paralelamente à costa brasileira até a altura do Cabo de São Tomé, realizando as chamadas ressurgências.

Esta área é influenciada no seu mecanismo de fertilização e na sua estrutura térmica pela ressurgência no verão, penetração da água subantártica no inverno e pelo Rio da Prata, em menor escala. Sobre a plataforma, constatou-se a nítida influência de uma massa d'água apresentando baixos valores de temperatura e oxigênio, associados a elevados valores de fosfatos e silicatos.

NOTA HISTÓRICA

O gênero *Tellina* foi descrito por Linnaeus em 1758, sendo representado por 25 espécies na 10ª edição do *Systema Naturae*, e de acordo com DODGE (1952), aquele autor acrescentou mais 4 espécies na 12ª edição.

A primeira monografia sobre o gênero *Tellina* foi elaborada por HANLEY (1846) apud SOWERBY (1847), na qual o autor faz comentários sobre os caracteres diagnósticos do gênero, separando de outros gêneros.

ADAMS & ADAMS (1858) descrevem o gênero *Tellina* e citam 75 espécies dentre as quais 3 delas estão presentes na costa brasileira.

BERTIN (1878), estudando as espécies da família Tellinidae pertencentes ao Museu de História Natural de Paris, abordou os aspectos gerais de sua distribuição zoogeográfica, citando espécies em diversos oceanos e mares do mundo.

Posteriormente, vários autores se referiram de um modo geral às espécies de *Tellina*, dentre eles FISCHER (1887), MAURY (1920 e 1924), GARDNER (1928), MCLEAN (1951) e CAUQUOIN (1967).

Um extensivo trabalho de revisão das espécies Norte-americanas fósseis e recentes da família Tellinidae, foi realizado por DALL (1900a e b). Neste trabalho, o referido autor divide a família de acordo com a presença ou ausência do dente lateral, assim como classifica as espécies do gênero *Tellina*, conforme o número de dentes da charneira, como também agrupa os subgêneros em seções. São apresentadas listas de espécie das costas Oriental e do Pacífico da América do Norte, com descrições das novas espécies.

DODGE (1952) comentou sobre os caracteres que identificam as conchas de *Tellina* descritas por Linnaeus.

KEEN (1960) descreveu, dentre outros moluscos da costa Ocidental Americana, o gênero *Tellina* elaborando uma chave de identificação para os subgêneros da província Panâmica.

WARMKE & ABBOTT (1962) descreveram as espécies do Caribe.

BOSS (1966, 1968 e 1969) estudou a subfamília Tellininae no Oceano Atlântico Ocidental e África do Sul, apresentando chaves, descrições, comentários e ilustrações para cada espécie.

ABBOTT (1974) faz referências às espécies do Oceano Atlântico Ocidental e Pacífico, com descrições e dados ecológicos.

O GÊNERO *TELLINA LINNAEUS, 1758 NO BRASIL*

Referências Bibliográficas

As primeiras citações sobre as espécies do gênero *Tellina* Linnaeus, 1758, para o Brasil, foram feitas por WHITE (1887), que estudou um material fóssil do Cretáceo, pertencente ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, constituindo parte das coleções formadas pela Comissão Geológica do Brasil. Dentre os exemplares, foram mencionadas *Tellina pernambucensis* Rathbun, 1875, *Tellina paraensis* (sp. nov.) e *Tellina* sp.

Posteriormente, DALL (1901) fez referências sobre a espécie *Tellina lineata* Turton, 1819 nos mangues de Maceió, Brasil.

MORRETES (1949) em seu Ensaio de Catálogo dos Moluscos do Brasil, mencionou as seguintes espécies: *Tellina (Tellina) interrupta* Wood, 1815; *Tellina (Tellina) brasiliiana* Spengler, 1798; *Tellina (Tellina) lineata* Turton, 1819 e *Tellina (Tellina) suensonii* Mørch, 1854. O citado autor ainda menciona outras espécies que atualmente estão agrupadas no gênero *Tellina*. Essas espécies são: *Merisca aequistriata* (Say, 1824); *Eurytellina angulosa* (Gmelin, 1792); *Angulus (Angulus) exilis* (Lamarck, 1818); *Angulus (Angulus) versicolor* (Cozzens, 1843); *Angulus (Angulus) sybariticus* (Dall, 1881); *Angulus (Angulus) flagellum* (Dall, 1901) e *Angulus (Fabulina) similis* (Sowerby, 1806).

GOFFERJÉ (1950) assinalou a presença para o litoral do Estado do Paraná, das espécies: *Eurytellina angulosa* (Gmelin, 1792); *Angulus (Fabulina) similis* (Sowerby, 1806) e *Tellina lineata* Turton, 1819.

BUCKUP & BUCKUP (1957) em seus estudos sobre os moluscos do Museu Rio Grandense de Ciências Naturais, catalogaram dentre outros bivalves, *Eurytellina angulosa* (Gmelin, 1792). Atualmente, *Eurytellina* é considerado um subgênero de *Tellina*.

COELHO (1959) assinalou a presença de *Tellina (Eurytellina) georgiana* Dall, 1901 na formação Pirabas, Estado do Pará. Esta espécie é um sinônimo de *Tellina nitens* C. B. Adams, 1845 (Rios, 1975).

OLIVEIRA (1960) cita *Tellina (Tellina) lineata* Turton, 1819, *Tellina angulosa* (Gmelin, 1792) e *Tellina* sp. para o litoral fluminense, Niterói.

CAUQUOIN (1967) estudando um material proveniente da Campanha do Calypso ao largo das Costas Atlânticas da América do Sul, fez referências às seguintes espécies encontradas na Costa brasileira: *Tellina similis* Sowerby, 1846, *Tellina punicea* Born, 1778, *Tellina lineata* Turton, 1815; *Tellina angulosa* Gmelin, 1792; *Tellina flagellum* Dall, 1900; *Tellina iheringi* Dall, 1900; *Tellina petitiana* Orbigny, 1846; *Tellina martinicensis* Orbigny, 1853; *Tellina listeri* Röding, 1798 e *Tellina persica* Dall et Simpson, 1901.

RIOS (1966) faz referências a *Tellina (Scissula) exilis* Lamarck, 1818 e *Tellina (Angulus) gibber* (Ihering, 1907) para o Rio Grande do Sul.

CARDOSO & RIOS (1967) mencionaram as seguintes espécies no Estado de Alagoas: *Tellina brasiliiana* Spengler, 1798; *Tellina exilis* Lamarck, 1818; *Tellina lineata* Turton, 1819; *Tellina guadeloupensis* Orbigny, 1842; *Tellina punicea* Born, 1778; *Tellina similis* Sowerby, 1806 e *Tellina trinitatis* Tomlin, 1929.

MATTHEWS & RIOS (1967, 1969 e 1974) registraram as seguintes espécies para o Nordeste brasileiro: *Tellina lineata* Turton, 1819; *Tellina angulosa* Gmelin, 1791; *Tellina punicea* Born, 1778; *Tellina trinitatis* Tomlin, 1929; *Tellina aequistriata* Say, 1824; *Tellina versicolor* De Kay, 1840 e *Tellina sandix* Boss, 1968.

MATTHEWS & KEMPF (1970) fazem referências a *Tellina listeri* Röding, 1798; *Tellina aequistriata* Say, 1824 e *Tellina punicea* Born, 1778, encontradas na plataforma continental do Norte e Nordeste do Brasil.

RIOS (1975) citou a ocorrência das seguintes espécies na costa brasileira: *Tellina brasiliiana* Spengler, 1778; *Tellina petitiiana* Orbigny, 1846; *Tellina listeri* Röding, 1798; *Tellina sandix* Boss, 1968; *Tellina exerythra* Boss, 1964; *Tellina diantha* Boss, 1964; *Tellina gibber* Ihering, 1907; *Tellina mera* Say, 1834; *Tellina sybaritica* Dall, 1881; *Tellina versicolor* De Kay, 1834; *Tellina alternata* Say, 1822; *Tellina lineata* Turton, 1819; *Tellina punicea* Born, 1778; *Tellina nitens* C. B. Adams, 1845; *Tellina trinitatis* Tomlin, 1929; *Tellina angulosa* Gmelin, 1791; *Tellina aequistriata* Say, 1824; *Tellina alerta* Boss, 1964; *Tellina juttingae* (Altena, 1965); *Tellina martinicensis* Orbigny, 1853 e *Tellina persica* Dall & Simpson, 1901.

TENÓRIO & MELLO (1979) mencionam *Tellina lineata* Turton, 1819; *Tellina brasiliiana* Spengler, 1798 e *Tellina radiata* Linnaeus, 1758 no litoral norte de Pernambuco.

SISTEMÁTICA

Descrição do Gênero, Subgênero e Espécie

Gênero *Tellina* Linnaeus, 1758.

Tellina Linnaeus, 1758, ed. 10, p. 647; GARDNER, 1928, p. 198; MCLEAN, 1951, p. 90; DODGE, 1952, p. 39-40; OLSSON & HARBISON, 1953, p. 121-122; KEEN, 1960, p. 164; OLSSON, 1961, p. 378-379; BOSS, 1966, p. 233-234; ABBOTT, 1974, p. 495.

Espécie tipo: *Tellina radiata* Linnaeus, 1758 por designação subsequente de Schmidt, 1818, p. 51 (BOSS, 1966, p. 233-234).

Descrição do Gênero: Concha de tamanho variado bem desenvolvida, frágil e moderadamente forte, de forma alongada, elíptica ou triangular. Valva esquerda em geral mais convexa que a direita e com declividade posterior diferente entre as diversas espécies; algumas possuem também torção posterior.

Escultura fraca ou fortemente marcada com sulcos, elevações, linhas concêntricas e finas linhas radiais. Algumas espécies são lisas, muito lustrosas, apresentando apenas linhas concêntricas de crescimento.

De modo geral, os representantes do gênero *Tellina* possuem conchas potidas e variavelmente coloridas, exibindo muitas tonalidades de rosa, vermelho ou branco puro. A charneira possui dentes cardinais e laterais; os cardinais, em algumas espécies aparecem ligeiramente torcidos, são em número de dois em cada val-

val, sendo um deles bifido e o outro simples e geralmente laminado. Os dentes laterais são diversamente desenvolvidos porém os da valva direita são mais fortes. O sinus palial varia de acordo com as espécies.

Subgênero *Tellina* Linnaeus

Tellina Linnaeus, LAMARCK, 1801, p. 124 (BOSS, 1966, p. 233); DALL 1900a, p. 289-290; DALL, 1900b, p. 1009; MCLEAN, 1951, p. 90-91; MOORE, 1969, p. N613; ABBOTT, 1974, p. 495.

Espécie tipo: *Tellina radiata* Linnaeus, 1758 por designação subsequente (BOSS, 1966, p. 233).

Descrição do Subgênero: Concha medindo de 6,5 mm até 55,6 mm de comprimento; de forma alongada, subelíptica, algumas lanceoladas, forte a moderadamente fina.

Umbo de formato e tamanho variável entre as espécies.

Escultura lisa, uniforme, consistindo de linhas finas radiais ou concêntricas.

Cicatrizes dos músculos adutores moderadamente bem impressas, o formato dessas cicatrizes apresenta-se constante dentro os representantes do subgênero, sendo anterior alongado no sentido dorso-ventral e o posterior arredondado.

Charnreira variavelmente desenvolvida, dentes laterais fortes na valva direita, consistindo de um dente distal anterior e posterior. Os laterais da valva esquerda são pouco desenvolvidos e equidistantes do complexo cardinal.

Sinus palial arcuado, estendendo-se próximo à cicatriz do músculo adutor anterior e descendo para confluir com a linha palial quase na metade de seu comprimento ventral.

Chave para identificação das espécies do subgênero *Tellina* na costa brasileira.

1 - Concha alongada com forte constricção posterior	2
· - Concha fortemente alongada com fraca constricção posterior	3
· - Concha alongada, margem dorsal anterior longa e reta	4

- Concha oval-alongada, margem dorsal anterior amplamente arredondada.... 5
 - 2 - Área sub-umbonal interna com coloração amarela
 - 3 - Área sub-umbonal interna com coloração rosa púrpura
 - 4 - Margem dorsal posterior curta e dividida em duas partes
 - 5 - Margem dorsal posterior curta e ligeiramente curva
- Tellina (Tellina) radiata Linnaeus, 1758*

Tellina radiata Linnaeus, 1758, ed. 10, p. 675.

Tellina unimaculata Lamarck, 1818, 5: 521.

Tellina radiata Linnaeus, 1758, BERTIN, 1878, p. 230, nº 1; DALL, 1900, p. 293; DODGE, 1952, p. 45; WARMKE & ABBOTT, 1962, p. 192, pl. 4i, fig. 40-p; BOSS, 1966, 4: 45, pl. 129, figs. 1-4, pl. 130, fig. 1, p. 235-238. ABBOTT, 1974, p. 495, nº 5636, pl. 23; MCLEAN, 1951, p. 91.

Localidade tipo: Baía Montego, Jamaica (BOSS, 1966).

Descrição: Concha medindo até 57 mm de comprimento por 21 mm de largura. Alongada, forte, moderadamente inflata e com fraca torção posterior (figs. 1 e 2).

Umbo sub-central e pouco inflado. Margem dorsal anterior longa e quase reta; margem dorsal posterior longa e suavemente inclinada; margem anterior arredondada se estreitando; margem posterior curta, reta e inclinada, formando uma truncção; margem ventral longa, reta apresentando uma acentuada constrição posteriormente.

Escultura consistindo de fracas linhas concêntricas e estrias radiais por toda a extensão da concha. A superfície interna da valva direita apresenta uma fraca elevação radial que se estende da região subumbonal, por toda a extensão da cicatriz do músculo adutor anterior. Cicatrizes dos músculos adutores moderadamente impressas.

Cicatriz do sinus palial plana, declinando-se suavemente bem próxima à cicatriz do músculo adutor anterior, voltada para a

margem ventral, unindo-se com a linha palial quase na metade de seu comprimento ventral.

Ligamento marrom escuro, pequeno, celosidade ninfal pouco desenvolvida.

Charneira com dentição pouco desenvolvida na valva esquerda, constituindo-se de um dente anterior bifido, bem desenvolvido com o lóbulo anterior mais largo e um dente posterior atrofiado ou ausente. Dente lateral anterior fraco, muito pequeno e distal ao complexo cardinal; lateral posterior atrofiado ou ausente. Na valva direita o complexo cardinal está constituído de um dente forte, fino e laminado. Dentes laterais distais ao complexo cardinal, porém bem desenvolvidos e fortes.

Externamente a concha é lustrosa, apresentando cor branca, nota-se uma mancha amarela clara por toda a área central da concha. Internamente ela é pouco lustrosa, de cor branca com uma mancha amarela que se estende por toda a área subumbonal. O umbo apresenta raios rosa claro.

Discussão: Para BOSS (1966) as características mais variáveis são o tipo de coloração das conchas. LAMARCK (1818) denominou a forma com menos raios de *unimaculata*. Indivíduos brancos de *radiata* refletem a natureza polimórfica da espécie e são encontrados em quase todas as populações, sem considerar a distribuição geográfica. Alguns tipos apresentam raios vermelhos em toda a superfície externa da concha e mancha amarela mais forte e intensamente concentrada na área do disco central.

De acordo com DODGE (1952) ambas as formas, com ou sem raios, são encontradas juntas e são quase igualmente comuns, não havendo bases ecológicas ou outras bases para a separação, sendo melhor não atribuir a *unimaculata* uma validade subespecífica.

Distribuição: Lago Worth, sul da Flórida através das Grandes e Pequenas Antilhas para as Guianas na América do Sul.

Espécie registrada por TENÓRIO & MELLO 1979, para o litoral norte de Pernambuco nas praias de Carne de Vaca e Pontas de Pedra.

No material estudado *T. radiata* encontra-se pouco representada.

Material examinado: SALD.N-NE-I 1663-B (1); PESQ. IV 46 (3).

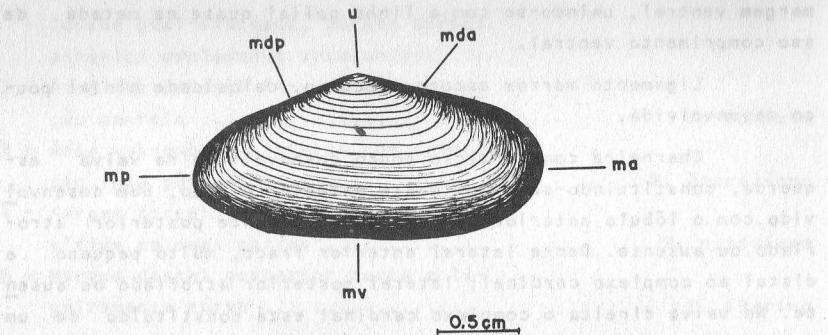


FIGURA 1 - *Tellina radiata* Linnaeus, 1758. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, ma e u, ventral e umbro.

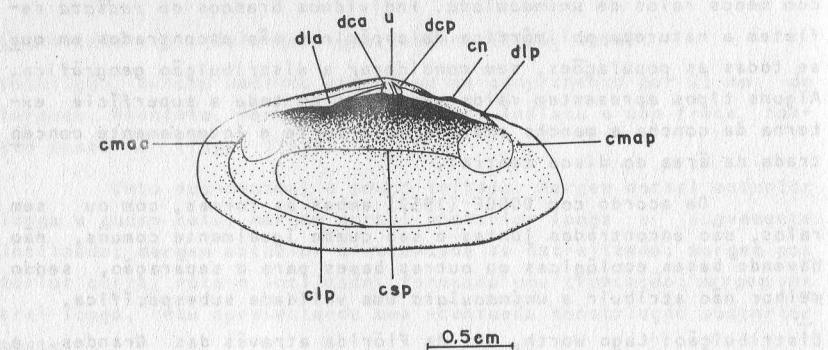


FIGURA 2 - *Tellina radiata* Linnaeus, 1758. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; csp, cicatriz do sinus palial; cip, cicatriz do músculo adutor posterior; cn, calosidade ninfa; dla, dente lateral anterior; dcp, dente cardinal posterior; dca, dente cardinal anterior; dip, dente lateral posterior e u, umbro.

Tellina (Tellina) brasiliiana Spengler, 1798.

Tellina brasiliiana Spengler, 1798, 4 (2): 94, pl. 12, fig. 4 (BOSS, 1966, p. 238).

Tellina semizonalis Lamarck, 1818, 5:521.

Tellina brasiliiana Spengler, 1798, H. and A. ADAMS, 1856, 2: 394; BERLIN, 1878, p. 230 n° 2; BOSS, 1966, p. 238-239, pl. 130, fig. 2, pl. 131, fig. 1.

Localidade tipo: Praia de Itapoã, Bahia, Brasil (por designação original).

Descrição: Concha medindo até 48,3 mm de comprimento por 21,44 mm de largura, fortemente alongada, pouco inflada e com fraca torção posterior, valva direita mais convexa que a esquerda (figs. 3 e 4). Umbo subcentral, pequeno, agudo, voltando-se para a superfície interna das valvas. Margem dorsal anterior longa com declive suave; margem dorsal posterior reta, com declive suave; margem anterior estreitamente arredondada; margem posterior curta, reta, com uma fraca arcuação posteriormente; margem ventral reta, com discreta constrictão posteriormente. Em indivíduos mais jovens esta constrictão é tão discreta que na maioria das vezes torna-se imperceptível.

Escultura consistindo de finas linhas circulares e estradas radiais por toda a extensão da concha. As linhas radiais tornam-se mais fortes na superfície posterior das valvas. Cicatrizes dos músculos adutores fracamente impressos.

Cicatriz do sinus palial plana, declinando-se suavemente muito próximo à cicatriz do músculo adutor anterior, curvando-se para confluir com a linha palial quase na metade de seu comprimento ventral.

Ligamento marrom, calosidade ninfa pequena e fina.

Charneira com dentição razoavelmente desenvolvida. Na valva esquerda o complexo cardinal está constituído de um dente anterior bifido, desenvolvido, um pouco torcido, e de um dente fino laminado e forte; dentes laterais distais e fracos. Na valva direita o complexo cardinal está constituído de um dente posterior, bifido, bem desenvolvido com lóbulos subiguais e de um dente anterior fino e laminado, seguindo o alinhamento do bordo da

concha. Os laterais são distais, bem desenvolvidos e fortes.

Externamente a concha é polida, apresentando finas linhas concêntricas e estrias radiais por toda sua superfície. A coloração na maioria das conchas é rosa-púrpura, algumas podem se apresentar quase toda branca, com os umbos rosa. As que são rosa-púrpura ainda apresentam um raio branco, largo na superfície posterior e um raio pequeno na superfície anterior.

Internamente a concha é pouco polida, de coloração rosa-púrpura com um raio branco posteriormente ou totalmente branca.

Discussão: Exemplares adultos de *T. brasiliiana* se assemelham muito com *T. radiata*, entretanto a primeira apresenta concha fortemente alongada, lanceolada, com constrição mais acentuada e valvas menos infladas que *T. radiata*.

Para BOSS (1966) a diferença mais espetacular entre *T. brasiliiana* e *T. radiata* é na cor da concha. *T. brasiliiana* possui um interior púrpura e um exterior com raios e faixas enquanto que *T. radiata* varia entre concha branco puro e com raios vermelho, amarelo ou alaranjado. A inclinação para a direita, as estrias radiais, a escultura, a curvatura da valva direita e a elevação interna posterior são mais fortes em *T. brasiliiana*.

Distribuição: A distribuição desta espécie parece ser toda confinada à linha de costa do Brasil. BOSS (1966) comenta que Oliveira em um manuscrito não publicado salienta uma única localidade do Ceará (Fortaleza) como área de ocorrência desta espécie. A única outra localidade específica conhecida é a praia de Itapoã na Bahia.

Espécie anteriormente registrada no Nordeste do Brasil. No material estudado foi encontrada nos Estados do Pará, Maranhão e Ceará, sendo este último uma ocorrência nova, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Material examinado: CAN 09(1); CAN 21(1); CAN Fortaleza(1). SALD. N-NE I(24); SALD.N-NE I(3); SALD.N-NE I 1710(4); SALD.N-NE-1 1761 (4). SALD.N-NE I 1806(2); SALD.N-NE I 1814(4); SALD.N-NE I 1743 (1); SALD.N-NE II 1858(1); SALD.N-NE II 1860(3); SALD.N-NE II 1874 -A(14); GEO I 14(13); GEO I 28(2); GEO I 32(2); GEO I 40(344); GEO I 41(1); GEO I 44(1); GEO I 54(1); PESQ.IV 26(1); PESQ.IV 32 (1); PESQ.IV 34(4); PESQ.IV 36(2); PESQ.IV 44(8); PESQ.IV 45(104); PESQ.IV 46(100); PESQ.IV 47(5); PESQ.IV 53(2); PESQ.IV 54(3); PESQ.IV 60 (15); PESQ.IV 61(22); PESQ.IV 69(2 e 1 ex.c) e SUL I 21(2); SUL

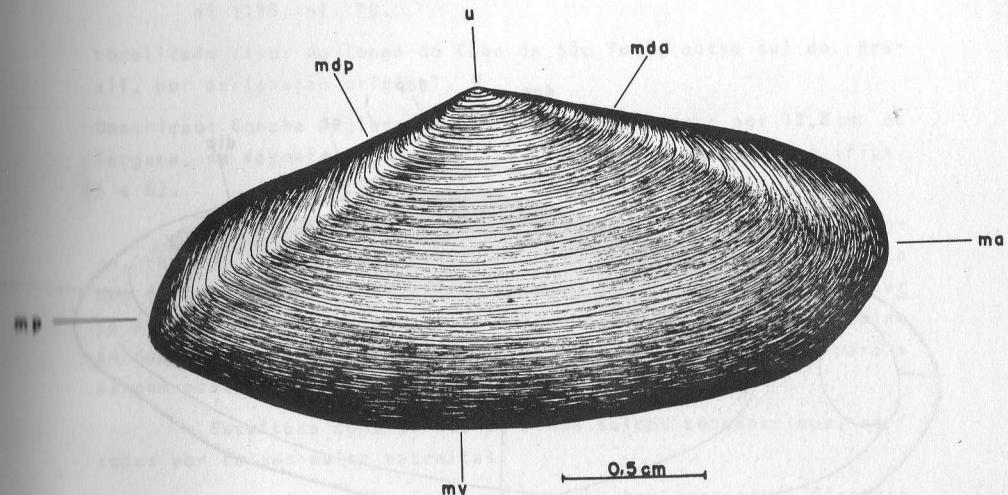


FIGURA 3 - *Tellina brasiliiana* Spengler, 1798. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

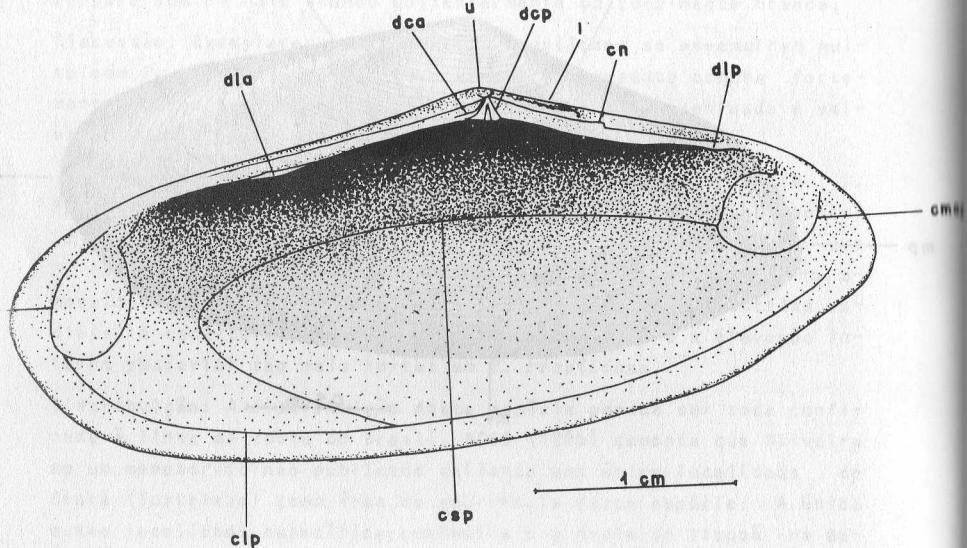


FIGURA 4 - *Tellina brasiliiana* Spengler, 1798. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; cip, cicatriz da linha palial; csp, cicatriz do sinus pallial; cn, calosidade ninfal; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dia, dente lateral anterior; dip, dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbo.

Tellina (Tellina) petitiana d'Orbigny, 1846

Tellina petitiana d'Orbigny, 1846, p. 537; BOSS, 1966, vol. 4, nº 45, p. 241-242, pl. 130, fig. 3, pl. 132; CAUQUOIN, 1967, p. 228; RIOS & OLEIRO, 1968, p. 24 e RIOS, 1975, p. 228, nº 1138, pl. 75.

Localidade tipo: Ao longo do Cabo de São Tomé, costa sul do Brasil, por designação original.

Descrição: Concha medindo até 30 mm de comprimento por 12,8 mm de largura, de formato alongado, fina, frágil e inequilateral (figs. 5 e 6).

Umbo quase central e agudo. Margem dorsal anterior longa, reta e suavemente declinada; margem dorsal posterior longa e com forte arcuação imediatamente após o umbo; margem anterior curta e estreitamente arredondada; margem posterior curta e dividida em duas seções e margem ventral quase reta, inclinando-se para a margem posterior.

Escultura consistindo de finos sulcos concêntricos, separados por faixas muito estreitas.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas. Cicatriz do sinus pallial formando um curto ápice em direção ao umbo, desce para confluir com a linha pallial no seu primeiro terço, bem afastada da cicatriz do músculo adutor anterior.

Ligamento não foi observado porque foram encontradas poucas valvas e estas não apresentavam ligamento, calosidade ninfal pequena.

Charneira com dentição razoavelmente bem desenvolvida. Na valva esquerda o complexo cardinal está constituído de um dente anterior bifido, bem desenvolvido, com lóbulos desiguais, e de um dente anterior fino, pequeno e laminado. Laterais muito fracos, podendo ser considerados ausentes. Na valva direita o complexo cardinal está constituído de um dente posterior, bifido, pequeno, com lóbulos desiguais e um dente anterior pequeno e laminado. Dentes laterais pequenos e distais ao complexo cardinal.

Externamente e internamente a concha é branca e pouco lustrosa.

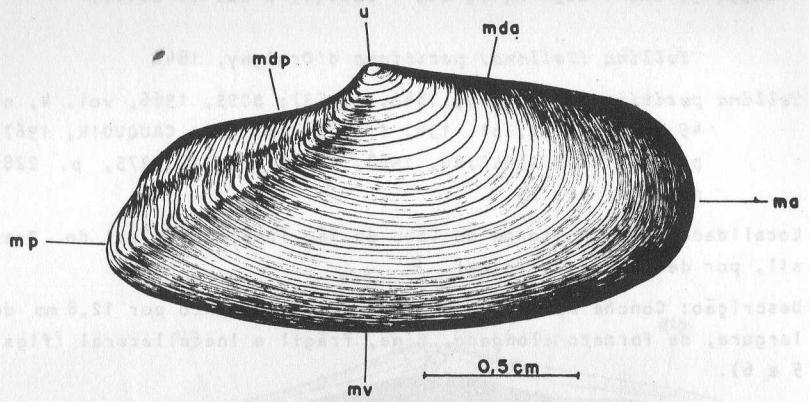


FIGURA 5 - *Tellina petitiana* d'Orbigny, 1846. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

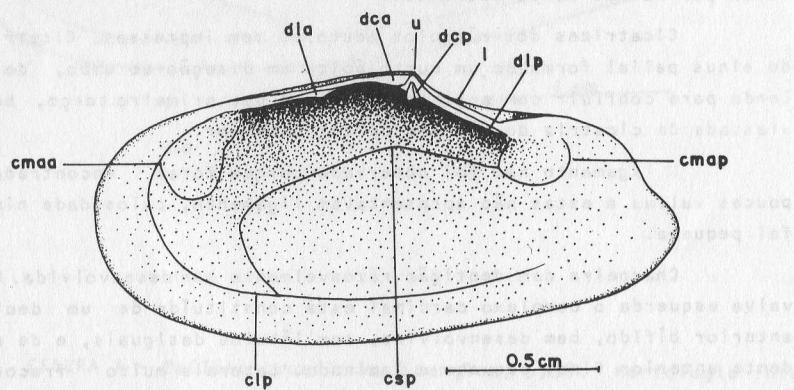


FIGURA 6 - *Tellina petitiana* d'Orbigny, 1846. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfal; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; l, ligamento e u, umbo.

Discussão: Para BOSS (1966), *T. petitiana* parece estar mais relacionada com *T. iheringi*. Entretanto, este relacionamento não é confirmado, devido suas conchas apresentarem-se diferentes.

Distribuição: Cabo de São Tomé, Rio de Janeiro e Golfo de São Matias, Argentina.

RIOS & OLEIRO (1968), coletaram exemplares desta espécie ao longo de Ilha Rasa-Rio de Janeiro.

Espécie pouco comum na plataforma continental brasileira, sendo encontrada no Rio de Janeiro, numa profundidade de 75 metros, em fundo arenoso.

Material examinado: SALD. SUL I 2167(2).

Tellina (Tellina) ihering Dall, 1900

Tellina iheringi Dall, 1900, 23, p. 311, fig. 2; CAUQUOIN, 1967, 1967, p. 228.

Localidade tipo: Albatross I, estação 2765, do rio de la Plata, em 18 metros e meio de profundidade, por designação original.

Descrição: Concha medindo até 15,6 mm de comprimento por 8,3 mm de largura, de formato alongado-oval, frágil, inflada e inequilateral (figs. 7 e 8).

Umbo afastado do centro, pequeno e agudo. Margem dorsal anterior longa, com suave curvatura; margem dorsal posterior longa e quase reta; margem anterior amplamente arredondada; margem posterior curta e reta; margem ventral suavemente arredondada.

Escultura constituída de finos sulcos concêntricos, separados por faixas estreitas.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas. Cicatriz do sinus palial pouco arqueada, bem separada da cicatriz do músculo adutor anterior, descendo bem arqueada para confluir com a linha palial quase na metade de seu comprimento ventral.

Ligamento não observado, calosidade ninfal proeminente.

Charneira com dentição pouco desenvolvida. A valva direita é constituída de um dente anterior bem desenvolvido e deltoides; dente lateral anterior ausente, lateral posterior relativamente forte e distal ao complexo cardinal. A valva esquerda não é descrita por estar ausente no material estudado.

Externamente e internamente a concha é branca opaca.

Discussão: RIOS (1975) cita esta espécie como sinônimo de *T. petitiana* d' Orbigny, 1846, porém, na bibliografia consultada, nenhum outro autor faz este tipo de observação. As espécies são bem diferentes, não se assemelhando com qualquer espécie dos subgêneros subsequentes.

Distribuição: mais ou menos restrita às costas da Argentina, entre 12,60 e 54,0 metros de profundidade, em fundos de areia. Foi registrada em Montevidéu, Uruguai e Punta Bermeja, Argentina (BOSS, 1966).

Na plataforma continental brasileira ela foi encontrada em São Paulo.

Material examinado: SALD. SUL I 2167 (2).

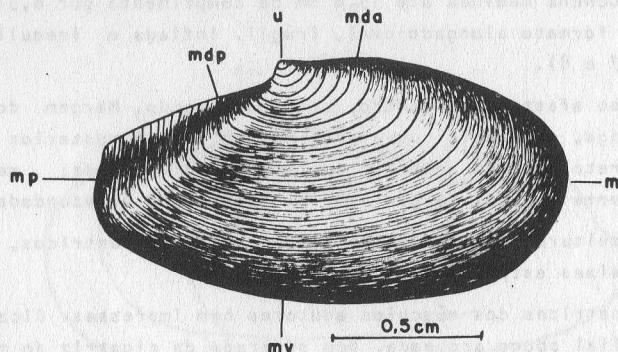


FIGURA 7 - *Tellina iheringi* Dall, 1900. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mp, margem posterior; mdp, margem dorsal posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

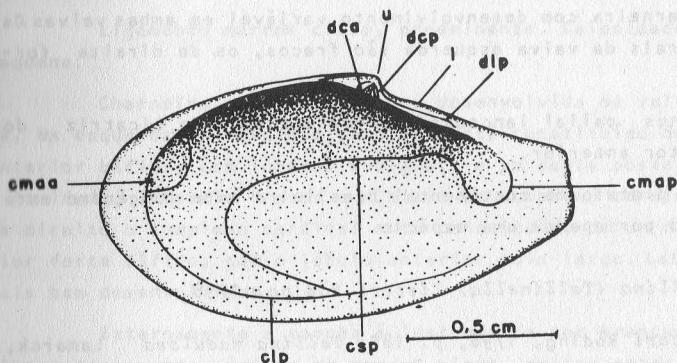


FIGURA 8 - *Tellina iheringi* Dall, 1900. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; dca, dente cardinal anterior, dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; l, ligamento e u, umbo.

Subgênero *Tellinella* March, 1853

Tellinella March, 1853, 2:13; FISCHER, 1887, p. 1147; GARDNER, 1928, p. 190; KEEN, 1960, p. 176; BOSS, 1966, p. 242-243; MOORE, 1969, p. 621; ABBOTT, 1974, p. 496.

Espécie tipo: *Tellina virgata* Linnaeus, 1758 por designação subsequente (BOSS, 1966, p. 242).

Descrição do subgênero: Concha medindo entre 5,9 mm e 34,8 mm de comprimento, de forma oval, alongada ou elíptica; forte e equilateral.

Umbo subcentral e agudo.

Escultura concêntrica, bem desenvolvida e forte, tornando-se escamosa na superfície posterior. Estrias radiais presentes.

Cicatrizes dos músculos adutores anterior e posterior, bem impressas. A anterior é alongada e a posterior subquadrada.

Ligamento forte. Calosidade ninfa pouco desenvolvida.

Charneira com desenvolvimento variável em ambas valvas. Os dentes laterais da valva esquerda são fracos, os da direita fortes.

Sinus palial lanceolado e bem afastado da cicatriz do músculo adutor anterior.

Na plataforma continental brasileira este subgênero está representado por apenas uma espécie.

Tellina (Tellinella) listeri Röding, 1798

Tellina listeri Röding, 1798, p. 185; *Tellina maculosa* Lamarck, 1818, 5: 521; *Tellina antoni* Philippi Krebs, 1864, p. 100 apud BOSS, 1966, vol. 4, nº 45, p. 243-247, pl. 4i.

Tellina listeri Röding, 1798; WARMKE & ABBOTT, 1962, p. 192, pl. 4i; ABBOTT, 1974, p. 496, pl. 23, nº 5640; RIOS, 1975, p. 238, nº 1140, pl. 75.

Localidade tipo: St. Kitts (por designação de BOSS, 1966).

Descrição: Concha medindo até 34,8 mm de comprimento por 18,2 mm de largura, alongada, ligeiramente inflada; valva esquerda mais convexa que a direita (figs. 9 e 10).

Umbo subcentral e agudo. Margem dorsal anterior longa com declividade suave. Margem dorsal posterior longa, apresentando forte declividade imediatamente após o umbo; margem anterior estreitamente arredondada; margem posterior curta, irregular, dividida em duas porções ou faces; margem ventral arqueada, inclinando-se posteriormente.

Escultura consistindo de elevações concêntricas separadas por sulcos bem marcados. Essas elevações tornam-se mais proeminentes na superfície posterior das valvas, dando uma aparência serrilhada em algumas espécies. Numerosas linhas radiais estão presentes em toda a superfície das valvas, dispostas entre as elevações. Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas. Cicatriz do sinus palial plana, ligeiramente arqueada, lanceolada, declinando-se anteriormente bem separada da cicatriz do músculo adutor anterior, para confluir com a linha palial quase na metade de seu comprimento ventral. Presença de uma cicatriz interlinear em forma de S que une a cicatriz do músculo adutor anterior com a cicatriz do sinus palial.

Ligamento marrom claro, proeminente. Calosidade ninfa pequena.

Charneira com dentição bem desenvolvida na valva direita. Na esquerda, o complexo cardinal está constituído de 1 dente anterior bifido, com lóbulos subiguais e um dente posterior fino e laminado; laterais fracos e distais ao complexo cardinal. Na valva direita o complexo cardinal está constituído de um dente posterior forte bifido, com o lóbulo anterior mais largo. Laterais distais bem desenvolvidos.

Externamente a concha é lustrosa de cor branca com vários matizes rosa-púrpura ou marrom claro, muitas vezes em forma de zig-zag. Internamente é lustrosa, polida, de cor branco leitoso ou amarelo claro.

Discussão: Foram observadas algumas variações nas conchas de *T. listeri*. Em indivíduos jovens, as conchas apresentavam-se mais alongadas que nos adultos; a escultura radial é concêntrica, podendo ser mais marcante em algumas valvas, enquanto que em outras apenas a concêntrica é a mais evidente. A coloração das conchas também é variável, em alguns indivíduos é branca com fracos raios marrom claro na superfície posterior, em outros, toda a superfície da concha apresenta fortes raios marrom-escuro ou púrpura.

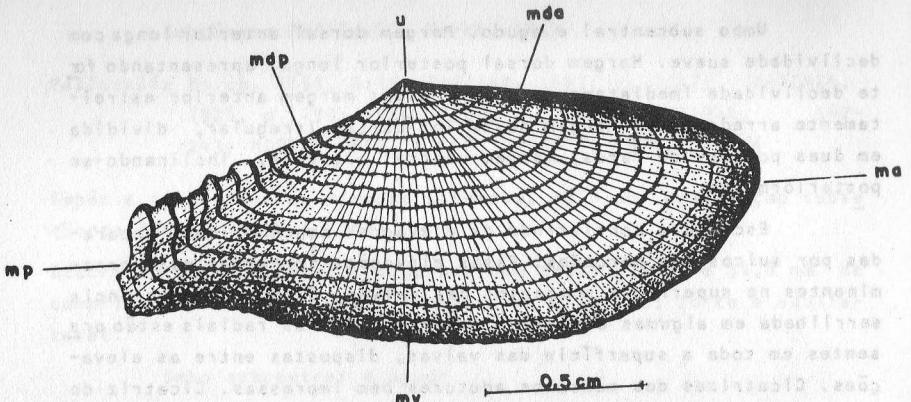


FIGURA 9 - *Tellina listeri* Röding, 1798. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

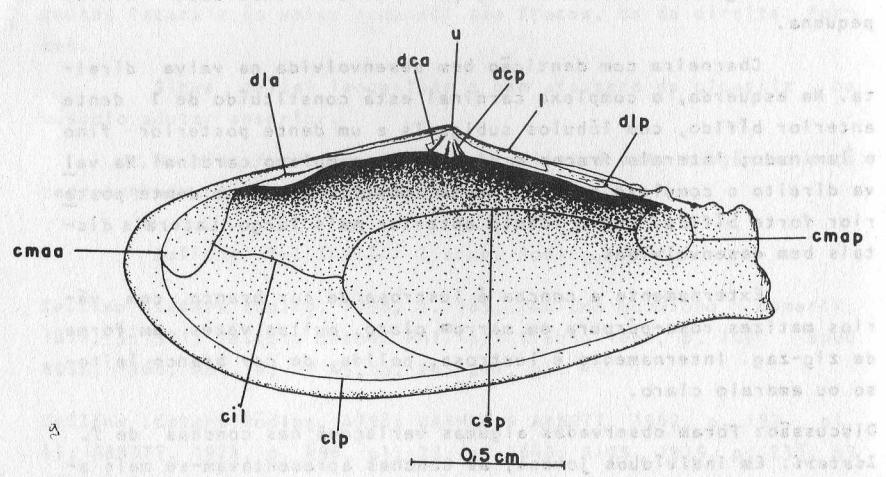


FIGURA 10 - *Tellina listeri* Röding, 1798. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfal; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbo.

De acordo com BOSS (1966), *T. listeri* está intimamente relacionada com *T. cumingii* Hanley do Pacífico Oriental. Em geral, populações de *T. listeri* apresentam indivíduos com conchas mais altas e mais longas. Em *T. cumingii* a concha tende a ser estreitamente alongada, sendo a maioria dos espécimes rajados de púrpura.

Distribuição: Ocorre no Cabo Lookout, Carolina do Norte e Bermuda, através das Bahamas, Antilhas, Golfo do México, mar do Caribe e Costas do Brasil, aos redores da Bahia (BOSS, 1966).

Segundo MATTHEWS & KEMPF (1970), *T. listeri* ocorre em toda plataforma continental do Norte e Nordeste do Brasil (Pará-Bahia). RIOS (1975) cita as seguintes localidades onde foi encontrada a espécie: Rio Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Atol das Rocas, Arquipélago de Fernando de Noronha, Paraíba, Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

No material estudado *T. listeri* encontra-se bem representada, foi dragada nos Estados do Maranhão, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

Material examinado: AK 05(1); AK 08(2); AK 16(2); AK 18(2); AK 21(1); AK 23(2); AK 26(1); AK 42(2); AK 44(3); AK 51(1); AK 58(1); AK 62(2); AK 64(1); AK 65(3); AK 89(1); AK 93(2); AK 101(2); AK 121(1); CAN 21(1); PE 02(1 ex.c); PE 03(4); PE 07(3); PE 23(1); PE 27(1); PE 27-a(1 ex.c); PE 35-2 (3 e 1 ex.c); RE 108(1); RE 143(1); SALD.I 1761(1); SALD.I 1806(1); SALD.II 1843(2); GEO I 20(3); GEO I 40(4); GEO I 41(5); PESQ.IV 53(2) e PESQ.IV 69(1).

Subgênero *Angulus* Megerle von Mühlfeld, 1881

Angulus Megerle von Mühlfeld, 1881, 5:47 apud BOSS, 1968, vol. 4 nº 46, p. 300.

Oudardia Monterosato, 1884, apud FISCHER, 1881, p. 1147.

Moerella Fischer, apud GARDNER, 1928, 142-E, p. 195, non Fischer, 1887.

Angulus Megerle von Mühlfeld, 1881, DALL, 1900b, p. 1014; GARDNER, 1928, p. 195; MCLEAN, 1951, p. 95; OLSSON, 1961, p. 400; BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 300-327; ABBOTT, 1974, p. 500-502.

Espécie tipo: *Tellina lanceolata* Gmelin 1791 por designação subsequente de Gray, 1847, p. 186 (BOSS, 1968, p. 233-234).

Descrição do Subgênero: Concha medindo de 10,8 mm a 24,6 mm de comprimento; de forma alongada, subtrigonal e retangular. Algumas são mais ou menos comprimidas, outras um tanto infladas e a maioria inequilaterais.

Umbo posterior ao meio pequeno e agudo na maioria das espécies.

Escultura constituída de sulcos e linhas concêntricas, separadas por faixas planas e geralmente regulares, em algumas espécies notam-se estrias radiais na superfície de toda a concha.

Cicatrizes dos músculos adutores geralmente bem impressas, o formato dessas cicatrizes apresenta-se constante entre as espécies sendo a anterior alongada no sentido dorso ventral e a posterior arredondada.

Ligamento geralmente pequeno e protuberante. Calosidade ninfa pequena.

Charneira bem desenvolvida na valva direita. Dentes laterais podem estar ausentes na valva esquerda.

Sinus palial em algumas espécies formando um curto ápice em direção ao umbo, afastado do músculo adutor anterior e confluinto com a linha palial.

Chave para a identificação das espécies do Subgênero *Angulus* na costa brasileira:

1 - Concha alongada, margem posterior longa e reta	2
- Concha alongada, margem posterior curta, truncada	3
- Concha sub-trigonal, margem posterior biangulada.....	4
2 - Sinus palial muito próximo ao músculo adutor anterior	T. <i>versicolor</i>
3 - Sinus palial afastado do músculo adutor anterior	T. <i>sybaritica</i>
4 - Sinus palial formando uma elevação em direção ao umbo	T. <i>exerythra</i>
5 - Concha sub-retangular, fina transparente	T. <i>probina</i>
6 - Concha lustrosa vítreia, umbo agudo	7
- Concha pouco polida, umbo obtuso	8
7 - Valva esquerda com dentes laterais fracos.....	T. <i>euvitrea</i>
8 - Valva esquerda sem dentes laterais	T. <i>diantha</i>
9 - Margem posterior longa e seccionada	T. <i>gibber</i>

Descrição das Espécies

Tellina (Angulus) versicolor Cozzens, 1836

Tellina versicolor Cozzens, 1836, p. 15 apud BOSS, 1968, vol. 4 nº 46, p. 313-316;

Tellina pauperata d'Orbigny, 1842 apud Sagra, pl. 26, figs. 18-20.

Tellina versicolor Cozzens, 1836; MAURY, 1920, vol. 8, nº 34, p. 83. BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 313-316. ABBOTT, 1974, p. 500, nº 5674. RIOS, 1975, p. 239, nº 1146, pl. 76.

Localidade tipo: Martinica (por designação subsequente de BOSS, 1968).

Descrição: Concha medindo até 10,5 mm de comprimento por 5,5 mm de largura; alongada, sub-elíptica, frágil e pouco inflada (figs. 11 e 12).

Umbo posterior ao meio e agudo. Margem dorsal anterior alongada e arqueada; margem dorsal posterior curta e convexa; margem anterior estreitamente arredondada; margem posterior longa com uma biangulação, margem ventral reta, com suave inclinação posteriormente.

Escultura consistindo de finos sulcos concêntricos, mais evidentes na superfície dorsal posterior, separados por faixas planas e estreitas.

Cicatrizes dos músculos adutores fortemente impressas. Cicatriz do sinus palial elevando-se em direção ao umbo, onde forma um curto ápice, descendo em seguida muito próxima à cicatriz do músculo adutor anterior, para confluir com a linha palial no seu primeiro terço.

Ligamento pequeno e amarelado. Calosidade ninfa mais ou menos bem desenvolvida.

Charneira com dentição pouco desenvolvida. Na valva esquerda o complexo cardinal está constituído de um dente anterior alongado, bifido, e de um dente posterior pequeno e laminado. Não foram observados dentes laterais evidentes. Na valva direita, o complexo cardinal consiste de um dente posterior, forte, bifido, torcido, com lóbulos subiguais, e de um dente anterior subdeltóideo. Lateral anterior proximal, fino e alongado; lateral posterior distal e pouco desenvolvido.

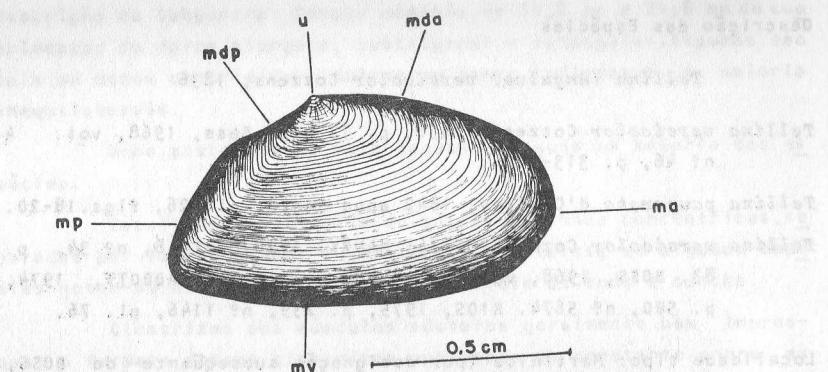


FIGURA 11 - *Tellina versicolor* Cozzens, 1836. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

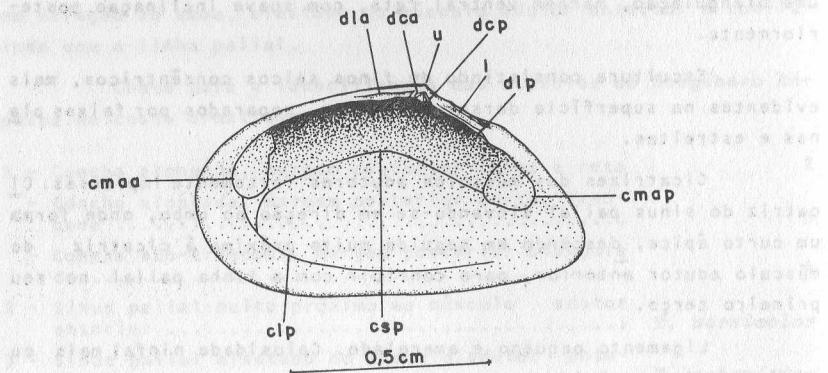


FIGURA 12 - *Tellina versicolor* Cozzens, 1836. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; clp, cicatriz do sinus pallial; csp, cicatriz do sinus pallial; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dip, dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbo.

Externamente a concha é lustrosa e apresenta coloração esbranquiçada, com manchas de amarelo na região do umbo; internamente é opaca e esbranquiçada.

Discussão: Os exemplares de *T. versicolor* encontrados no material estudado eram muito pequenos, sendo os maiores encontrados com até 10,8 mm de comprimento por 5,8 mm de largura. BOSS (1968) menciona indivíduos de até 17,5 mm de comprimento.

As conchas são muito semelhantes às outras do mesmo subgênero, requerendo uma observação mais detalhada.

Distribuição: Cabo Cod para Trinidad. Golfo do México ao longo das Costas da Flórida.

RIOS (1975) cita os Estados do Ceará (Mucuripe), São Paulo (São Sebastião) e Santa Catarina, como áreas de ocorrência da espécie.

No material estudado foram encontrados 87 exemplares distribuídos em Alagoas, Ceará, Pernambuco, Maranhão, Pará, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Material examinado: AK 60(5); CAN 21(4); CAN 101(1); CAN Fortaleza(2); PE 33-B(32); RE 10-B(1); RE 40(1); RE 41(1); RE 88 (1 ex.); SALD.I 1739-A(1); GEO I 08(4); GEO I 35(4); PESQ.IV 42 (5); PESQ.IV 47(1); PESQ.IV 57(1); PESQ.IV 59(2); PESQ.IV 64(2); PESQ.IV 67(6); PESQ.IV 68(3); PESQ.IV 69(3); PESQ.IV 51(5); PESQ.IV 2(2); SALD.SUL I 2191(11); CAL.1771(2) e SUL II 2191(11).

Tellina (Angulus) sybaritica Dall, 1881

Tellina sybaritica Dall, 1881, 9:134.

Tellina (Angulus) flagellum Dall, 1900, 23:312, pl. 2, fig. 6.

Tellina (Angulus) rubricata Perry, 1940, Nautilus, 53(3):79, apud BOSS, 1968, p. 325.

Tellina sybaritica Dall, 1881, MAURY, 1920, p. 83; MCLEAN, 1951, p. 96; WARMKE and ABBOTT, 1962, p. 193, pl. 40e; ABBOTT, 1974, p. 501, n° 5679; RIOS, 1975, p. 239, n° 1145, pl. 76.

Localidade tipo: Estreito de Yucatan, por designação original.

Descrição: Concha medindo até 10,8 mm de comprimento por 5,8 mm de largura, alongada, subequilaterial, forte, inflada e fracamente torcida (figs. 13 e 14).

Umbo posterior ao meio, pequeno e agudo. Margem dorsal anterior alongada e suavemente inclinada; margem dorsal posterior curta e convexa; margem anterior estreitamente arredondada; margem posterior longa formando uma truncção oblíqua e margem ventral reta inclinando-se posteriormente.

Escultura constituída de sulcos concêntricos separados por faixas irregulares, os sulcos apresentam-se menores e mais acentuados na região do umbo. Notam-se numerosas linhas radiais e toda a superfície da concha.

Cicatrizes dos músculos adutores razoavelmente impressos. Cicatriz do sínus pallial formando um pequeno ápice em direção ao umbo, prolongando-se próximo, porém não atingindo a cicatriz do músculo adutor anterior, onde volta-se arqueado para encontrar com a linha pallial.

Ligamento pequeno, proeminente e de cor amarela; nos indivíduos jovens é esbranquiçado. Calosidade ninfal estreita.

Charneira bem desenvolvida na valva direita. Na esquerda o complexo cardinal constitui-se de um dente anterior bifido com lobulos subiguais e um dente posterior pouco desenvolvido, voltado para a margem dorsal posterior. Não há laterais. Na valva direita o complexo cardinal é constituído de um dente posterior, bem desenvolvido, bifido, distal ao complexo cardinal, deltóideo, torcido para o lado posterior.

Externamente a concha é branca nos exemplares mais antigos apresenta-se amarelada; nos indivíduos jovens as conchas são finas transparentes e de cor amarelada, outros apresentam coloração rosa. Algumas valvas brancas apresentam raios de coloração rosa.

Discussão: Assim como a anterior *T. versicolor*, foram encontrados também exemplares muito pequenos de *T. sybaritica* (com até 10,8 mm de comprimento), caracterizando o pequeno tamanho da espécie. BOSS (1968) cita indivíduos com até 11 mm de comprimento. As conchas se assemelham muito com as de *T. (Eurytellina) vespuciana* d'Orbigny, 1842, no tamanho, coloração e escultura.

Distribuição: Beaufort, Carolina do Norte e do Sul, através das grandes e pequenas Antilhas para o Brasil (BOSS, 1968).

RIOS (1975) menciona as localidades de Cabo de São Roque, Rio Grande do Norte e Bahia como áreas de ocorrência.

Espécie muito abundante na plataforma continental brasileira; foram encontrados 953 exemplares distribuídos em Alagoas, Fortaleza, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Maranhão e Amapá.

Material examinado: AK 65(2); CAN 09(2 e 1 ex.c.); CAN 10 (19 e 1 ex.c.); CAN 11(8 ex.c.); CAN 20(2); CAN 21(4); CAN 79(4); CAN 80 (1); CAN 85(1); CAN 86(2); CAN 87(1); CAN 88(2); CAN Fortaleza (4); CAN Fortaleza (1 ex.c.); PE 14-B(1); PE 35-A(3); PE 36-A(4); RE 108(1); RE 111(1); RE 112(2); RE 145(2); RE 147(1); RE 148(1); RE 149(2 ex.c.); RE 153(1); RE 154(2 e 1 ex.c.); RE III(1); SALD. I 1663-B(6 e 19 ex.c.); SALD.I 1667-c(3 e 14 ex.c.); SALD.I 1675-A (1 ex.c.); SALD.I 1729-A(2); SALD-I 1739-A(4); SALD.I 1754-A (2); SALD.I 1757(2 ex.c.); SALD.I 1761(88); SALD.I 1774(1); SALD. I 1774-A(1); SALD.I 1797-A(1); SALD.I.1.1806(1); SALD II 1843(4); SALD II 1855(2 e 1 ex.c.); SALD.II 1857(5); SALD.II 1887(1); SALD. II 1858(5); SALD.II 1859(2); SALD.II 1860(14); SALD.II 1873(3); SALD II 1874-A(5); SALD.II 1885(6); SALD.II 1905(8); SALD II 1906 (2); SALD.II 1928(14); GEO I 10(1); GEO I 18(11); GEO I 20(2); GEO I 22 (56); GEO I 32(3); GEO I 39(2); GEO I 40(6); GEO I 41(8); GEO I 54(24 e 9 ex.c.); GEO I 57(4); PESQ.IV 13(11); PESQ.IV 16(2); PESQ IV 25(2 e 1 ex.c.); PESQ.IV 26(50); PESQ.IV 27(11); PESQ. IV. 23 (7); PESQ.IV.32(14); PESQ.IV 37(6); PESQ.IV 42(2); PESQ.IV 45(22); PESQ.IV 46(96); PESQ.IV 51(4); PESQ.IV 53(13); PESQ.IV (5); PESQ. IV 56(2); PESQ.IV 57(10); PESQ.IV 59(1); PESQ.IV 60(4); PESQ. IV 61(40); PESQ.IV 64(45); PESQ.IV 67(2); PESQ.IV 68(32) e PESQ. IV 69(145).

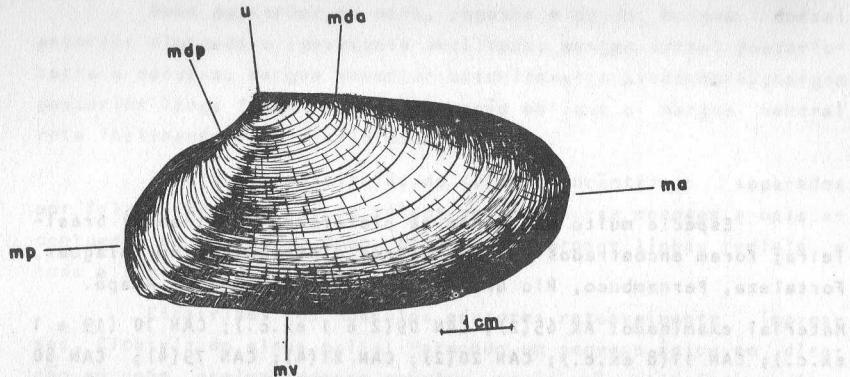


FIGURA 13 - *Tellina sybaritica* Dall, 1881. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

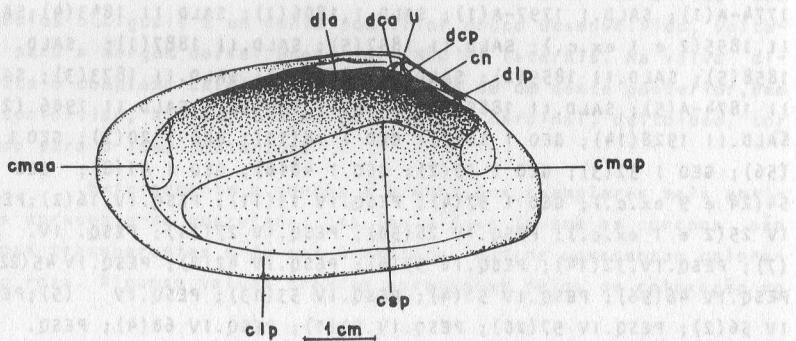


FIGURA 14 - *Tellina sybaritica* Dall, 1881. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfal; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dip, dente lateral posterior e u, umbo.

Tellina (Angulus) exerythra Boss, 1964.

Tellina exerythra Boss, 1964; 2:315, pl. 55, fig. 7.

Tellina (Eurytellina) vespuciana d'Orbigny DALL and SIMPSON 1901, 20(1): 480 apud Boss, 1968, vol. 4, nº 46, p. 316.

Tellina exerythra BOSS, 1964, BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 316-318, pl. 156, fig. 4; pl. 157, fig. 5. ABBOTT, 1974, p. 502, nº 5683; RIOS, 2975, p. 239, nº 1141, pl. 75.

Localidade tipo: Boca del Infierno, Bahia de Samana, Santo Domingo, Hispaniola, por designação original.

Descrição: Concha medindo até 11,4 mm de comprimento por 8,8 mm de largura; subtriangular, sólida, inflada (figs. 15 e 16).

Umbo posterior ao meio, pequeno e agudo. Margem dorsal anterior longa e arqueada; margem dorsal posterior longa, arqueada e com forte declive; margem anterior estreitamente arredondada; margem posterior curta e inclinada formando uma truncão; margem ventral arqueada, inclinando-se posteriormente.

Escultura constituída de finos sulcos concêntricos, separados por faixas estreitas. Os sulcos apresentam-se mais concentrados na região do umbo; na superfície posterior estes sulcos formam elevações com aspecto escamoso. Finas linhas concêntricas de crescimento, aparecem intercaladas entre os sulcos. Estrias radiais são visíveis em todo o contorno da concha.

Ligamento pequeno de cor marrom claro. Calosidade ninfal pequena.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas. Cicatriz do sinus palial arredondada, formando uma elevação em direção ao umbo, descendo suavemente para confluir com a linha palial no seu primeiro terço.

Charneira bem desenvolvida na valva direita. Na esquerda o complexo cardinal constitui-se de um dente anterior, bifido, com lóbulos desiguais; e de um dente posterior fino e laminado que em algumas valvas encontra-se fragmentado ou mesmo ausente. Dentes laterais pouco desenvolvidos. Na valva direita o complexo cardinal constitui-se de um dente posterior, bifido, com lóbulos desiguais, torcido para a direita, e um dente anterior laminado; dente lateral anterior subproximal, forte, apresentando curvatura para a margem posterior; lateral posterior fracamente desenvolvido.

Externamente as conchas apresentam coloração branca ou rosa, com a área umbral e bordos brancos. Internamente são brancas ou rosa e opacas.

Discussão: As conchas de *T. exerythra* são muito parecidas com as de *T. gibber*, entretanto esta última não apresenta coloração rosa e sua margem dorsal posterior é biangulada. De acordo com BOSS (1968), *T. exerythra* é facilmente confundida com *T. versicolor*, enquanto que *T. erythronotus* Pilsbry and Lowe do Pacífico Oriental é muito semelhante a *T. exerythra*, porém as espécies do Pacífico atingem um grande tamanho.

Distribuição: Das Antilhas para o Brasil.

RIOS (1975) cita o Brasil como área de ocorrência, porém não menciona a localidade específica.

Na plataforma continental brasileira, a espécie está representada por 29 exemplares, distribuídas no Pará, Maranhão e Pernambuco.

Material examinado: PE 01-A(3); RE 10-B(1); GEO I 17(1); GEO I 35(2); GEO I 36(2); PESQ.IV 10(1); PESQ.IV 42(1); PESQ. IV 46 (4); PESQ.IV 51(8); PESQ.IV 57(5).

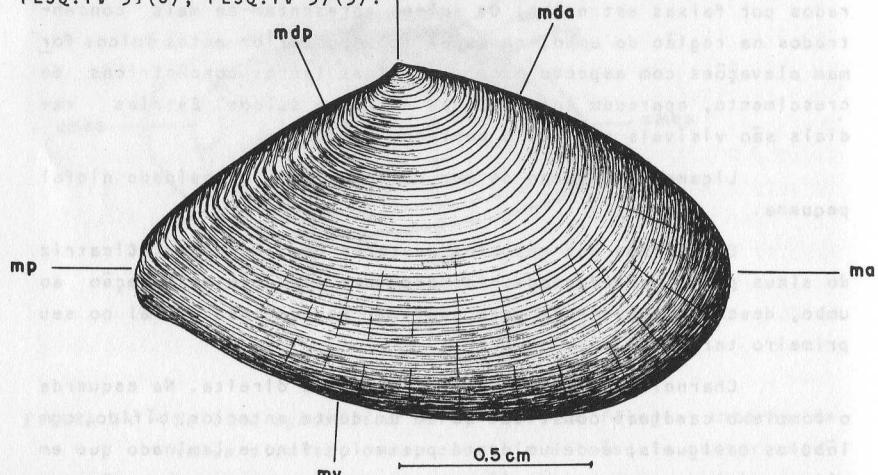


FIGURA 15 - *Tellina exerythra* Boss, 1964. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

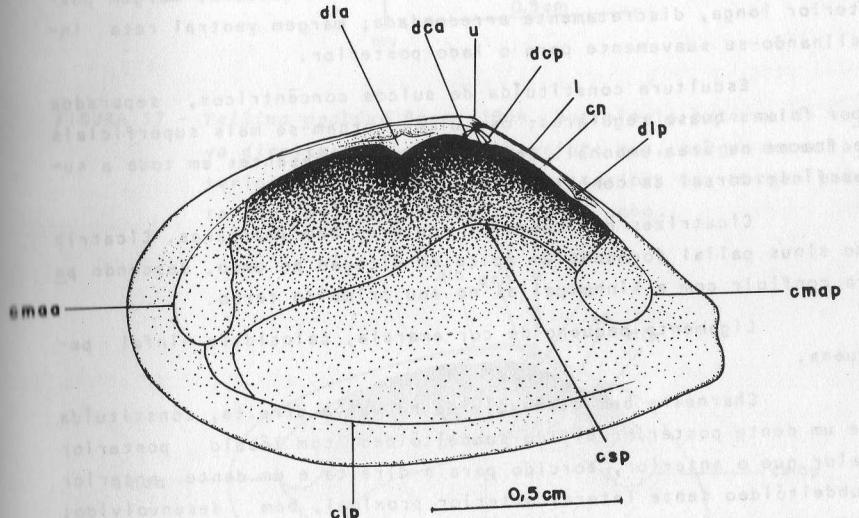


FIGURA 16 - *Tellina exerythra* Boss, 1964. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfa; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dip, dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbo.

Tellina (Angulus) probina Boss, 1964

Tellina (Angulus) probina Boss, 1964, 2:319, pl. 55, fig. 4; BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 318-319, pl. 55, fig. 1, pl. 159, fig. 3; ABBOTT, 1974, p. 500, nº 5675.

Localidade tipo: Flórida, por designação original.

Descrição: Concha medindo até 13 mm de comprimento por 7,2 mm de largura; alongada a subretangular, frágil e comprimida (figs. 17 e 18).

Umbo posterior ao meio, pequeno e agudo. Margem dorsal anterior longa e suavemente inclinada; margem dorsal posterior curta e convexa; margem anterior amplamente arredondada; margem posterior longa, discretamente arredondada; margem ventral reta inclinando-se suavemente para o lado posterior.

Escultura constituída de sulcos concêntricos, separados por faixas quase regulares; os sulcos tornam-se mais superficiais e fracos na área umbonal. Estrias radiais presentes em toda a superfície dorsal da concha.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas. Cicatriz do sinus palial formando um ápice em direção ao umbo, descendo para confluir com a linha palial no seu primeiro terço.

Ligamento pequeno de cor amarela, calosidade ninfal pequena.

Charneira bem desenvolvida na valva direita, constituída de um dente posterior bifido subdeltóideo, com lóbulo posterior maior que o anterior, torcido para a direita e um dente anterior subdeltóideo dente lateral anterior proximal, bem desenvolvido; lateral posterior pequeno e distal. Valva esquerda constituída de um dente anterior, bifido, subdeltóideo e um dente posterior bem desenvolvido, laminado e torcido para o lado posterior. Dentes laterais ausentes.

Externamente as conchas apresentam aspecto vítreo, com coloração branca e alguns raios rosa partindo da área umbonal.

Discussão: Espécie caracterizada pela forma retangular, valvas comprimidas, finas com aspecto vítreo. É facilmente reconhecível devido a esses caracteres, entretanto assemelha-se com *T. euvitrea* Boss, 1964, que possui valvas comprimidas, finas e brilho vítreo. BOSS (1968) faz referências a *T. probina* salientando que se assemelha muito com *T. euvitrea* e *T. consobrina*.

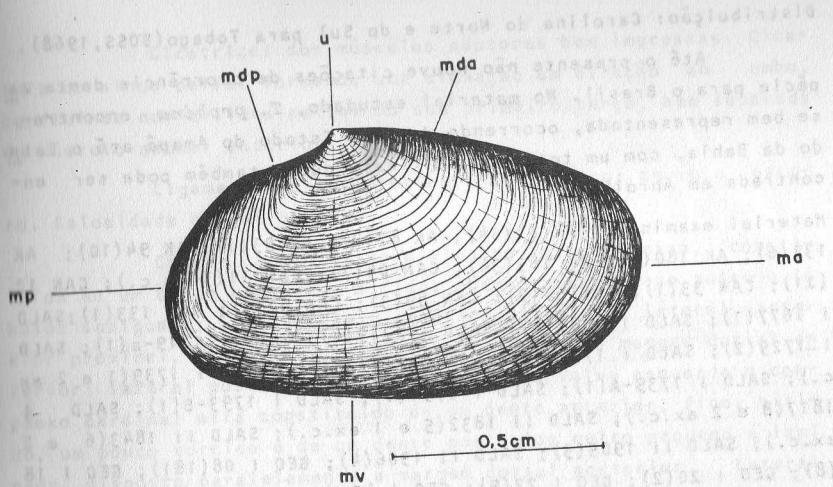


FIGURA 17 - *Tellina probina* Boss, 1964. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

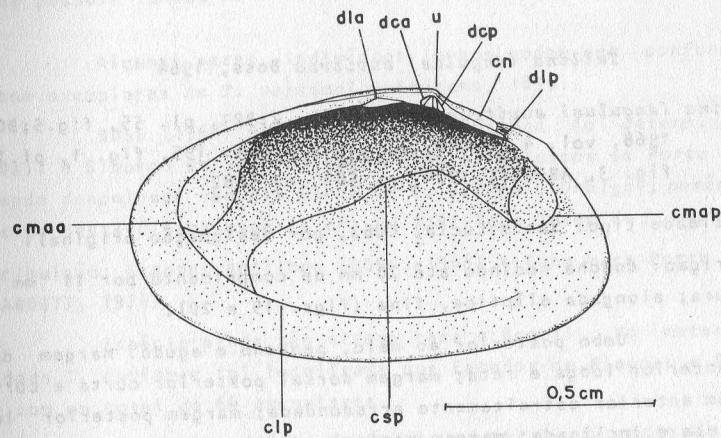


FIGURA 18 - *Tellina probina* Boss, 1964. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfal; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dia, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior e u, umbo.

Distribuição: Carolina do Norte e do Sul para Tobago (BOSS, 1968).

Até o presente não houve citações de ocorrência desta espécie para o Brasil. No material estudado, *T. probina* encontra-se bem representada, ocorrendo desde o Estado do Amapá até o Estado da Bahia, com um total de 497 indivíduos; também pode ser encontrada em Abrolhos.

Material examinado: AK 81(14); AK 87(7); AK 93(1); AK 94(10); AK 139(6); AK 180(8); AK 183(34); CAN 04(7); CAN 11(3 ex.c.); CAN 12(11); CAN 33(1); CAN 57(2); CAN 89(3); CAN 92(1); CAN 133(1); SALD I 1677(1); SALD I 1687(4); SALD I 1719(4); SALD I 1719-a(1); SALD I 1729(2); SALD I 1729-A(1); SALD I 1738(2); SALD I 1739(1 e 2 ex.c.); SALD I 1739-A(1); SALD I 1751(1); SALD I 1793-B(1); SALD I 1817(8 e 2 ex.c.); SALD II 1832(5 e 1 ex.c.); SALD II 1843(6 e 2 ex.c.); SALD II 1905(5); SALD II 1906(4); GEO I 08(181); GEO I 18(8); GEO I 20(2); GEO I 22(9); GEO I 45 (1 e 1 ex.c.); PESQ.IV 14(17); PESQ.IV 27(4); PESQ.IV 23(44); PESQ.IV 37(6); PESQ.IV 51(1); PESQ.IV 69(2) e SUL I 1825(2), CAL. 1825(2).

Tellina (Angulus) euvitrea Boss, 1964

Tellina (Angulus) euvitrea Boss, 1964, 2:321, pl. 55, fig. 5; BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 318-319, pl. 155, fig. 1, pl. 159, fig. 3, ABBOTT, 1974, p. 502, nº 5682.

Localidade tipo: Santa Lucia, Cuba, por designação original.

Descrição: Concha medindo até 20 mm de comprimento por 11 mm de largura; alongada elíptica, fina (figs. 19 e 20).

Umbo posterior ao meio, pequeno e agudo. Margem dorsal anterior longa e reta; margem dorsal posterior curta e curva; margem anterior estreitamente arredondada; margem posterior longa, reta e inclinada; margem ventral suavemente arredondada, inclinando-se posteriormente.

Escultura constituída de sulcos concêntricos bem definidos, intercalados por linhas de crescimento, separadas por faixas planas. Numerosas estrias radiais estão presentes em toda a superfície da concha.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas. Cicatriz do sinus palial formando uma elevação em direção ao umbo, confluindo com a linha palial no seu primeiro terço, bem separada do músculo adutor anterior.

Ligamento forte, protuberante e de cor amarelo escuro. Calosidade ninfa pequena.

Charneira bem desenvolvida na valva direita, constituída de um dente posterior bifido, torcido, com fraco sulco e 10 bulos subiguais; e de um dente anterior deltóideo; lateral anterior proximal, bem desenvolvido e voltado para a margem dorsal anterior; lateral posterior muito pequeno. Na valva esquerda o complexo cardinal está constituído de um dente anterior, fino, bifido, um pouco torcido e de um dente posterior muito pequeno e laminado, disposto paralelamente à margem dorsal posterior. Lateral anterior ausente; lateral posterior distal e muito pequeno.

Externamente e internamente as conchas são transparentes, brilhosas e de cor rosa, com algumas manchas brancas.

Discussão: Espécie semelhante a *T. probina*, porém suas conchas não apresentam o contorno característico retangular desta espécie, além de possuir valvas mais fortes com peculiar brilho vítreo.

Algumas vezes, indivíduos jovens podem ser confundidos com exemplares de *T. versicolor* Cozzens, 1836.

BOSS (1968) menciona que *T. euvitrea* foi determinada por Dall e Simpson em seu registro sobre os moluscos de Porto Rico sendo denominada naquela época de *T. vitrea* d'Orbigny, porém o holótipo desta última espécie era um indivíduo jovem de *T. magna*.

Distribuição: Grandes Antilhas (BOSS, 1968) e Cuba para Porto Rico (ABBOTT, 1974).

Espécie ainda não citada para o Brasil. No material estudado *T. euvitrea* foi localizada nos Estados de Alagoas e Sergipe com um total de 64 exemplares.

Material examinado: AK 60(5); AK 81(5); AK 94(1); AK 105(3); AK 170(17); AK 171(5); AK 173(2); AK 178(4); AK 179(15); AK 180 (2); AK 182(1) e AK 185(1).

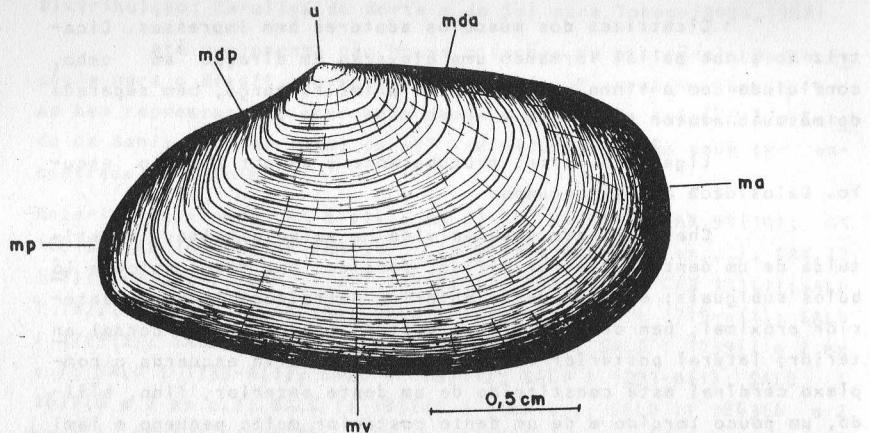


FIGURA 19 - *Tellina euvitrea* Boss, 1964. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

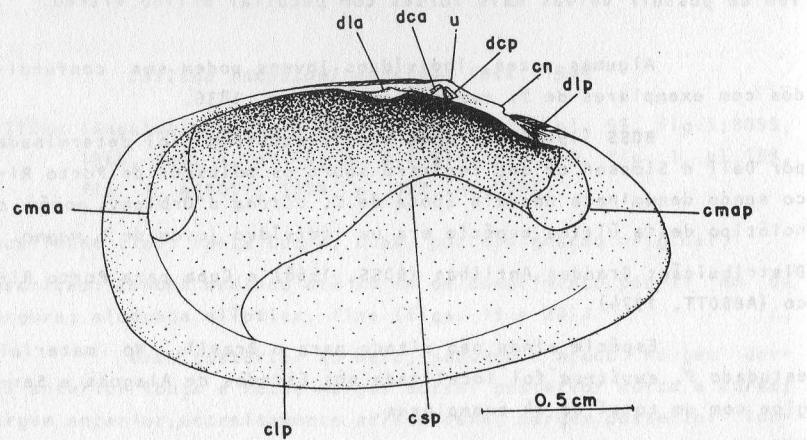


FIGURA 20 - *Tellina euvitrea* Boss 1964. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfal; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior e u, umbo.

Tellina (Angulus) diantha Boss, 1964

Tellina (Angulus) diantha Boss, 1964, 2:323, pl. 55, fig. 6. BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 320-321, pl. 154, fig. 3, pl. 159, fig. 4; ABBOTT, 1974, p. 502, pl. 5681; RIOS, 1975, p. 239, nº 1142, pl. 76.

Localidade tipo: Barbados, British West Indies, por designação original.

Descrição: Concha medindo até 24,6 mm de comprimento por 13,3 mm de largura, alongada subelíptica, fina, frágil, figs. 21 e 22.

Umbo posterior ao meio, pequeno e obtuso. Margem dorsal anterior longa e reta; margem dorsal posterior curta, quase reta e fortemente inclinada; margem posterior longa, reta, inclinando-se posteriormente para formar com a margem ventral uma extremidade aguda; margem ventral suavemente arredondada, elevando-se posteriormente.

Escultura constituída de sulcos concêntricos bem definidos, tornando-se mais fracos na área subumbonal.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas. Cicatriz do sinus palial formando um curto ápice e direção ao umbo, inclinando-se suavemente para confluir com a linha palial no seu primeiro terço. A união do sinus com a linha palial forma um ângulo.

Ligamento não observado; calosidade ninfal razoavelmente bem desenvolvida.

Charneira bem desenvolvida na valva direita, constituindo-se de um dente posterior bifido, bem desenvolvido, com lóbulos subiguais e um dente anterior laminado; lateral anterior, proximal e bem desenvolvida; lateral posterior ausente. Na valva esquerda o complexo cardinal está constituído de um dente anterior, pequeno, bifido e um dente posterior fracamente desenvolvido, laminado, disposto quase paralelamente à superfície dorsal; dentes laterais ausentes.

Externamente as conchas são pouco polidas, brancas, apresentando algumas manchas rosa na área umbonal. Internamente são pouco polidas e brancas.

Discussão: Dentre os representantes do subgênero *Angulus*, *T. diantha* se destaca pelo seu grande tamanho. As conchas são fortes e

alongadas, apresentando o contorno das valvas, bem semelhante ao de *T. euvitrea*.

Distribuição: Pequenas Antilhas, Suriname e Brasil.

A espécie *T. diantha* está pouco representada na área estudada, sendo encontrados apenas 10 exemplares em apenas uma estação localizada na desembocadura do rio Pará.

RIOS (1975) registra a ocorrência desta espécie em Belém, Pará e Rio de Janeiro.

Material examinado: GEO I 36(10).

Tellina (Angulus) gibber von Ihering, 1907

Tellina (Angulus) gibber von Ihering, 1907, sér. 3a, 7:456, pl. 18, figs 12, apud BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 320-321, pl. 154, fig. 3; pl. 159, fig. 4; ABBOTT, 1979, p. 502, nº 5680; RIOS, 1975, p. 239, nº 1143, pl. 76.

Localidade tipo: Puerto Militar, Bahia Blanca, Argentina, por designação original.

Descrição: Concha medindo até 10,8 mm de comprimento por 6,6 mm de largura, alongada subelíptica e razoavelmente forte (figs. 23 e 24).

Umbo posterior ao meio, pequeno e agudo. Margem dorsal anterior, longa, reta e suavemente inclinada; margem dorsal posterior, longa e seccionada em duas regiões; a primeira, imediatamente abaixo da linha da charneira, é convexa; a seguinte é côncava; margem anterior amplamente arredondada; margem posterior curta e estreitamente arredondada; margem ventral reta, inclinando-se posteriormente.

Escultura constituída de sulcos concêntricos mais fortes em toda a margem de côncava e na região posterior, onde surgem fortes linhas concêntricas.

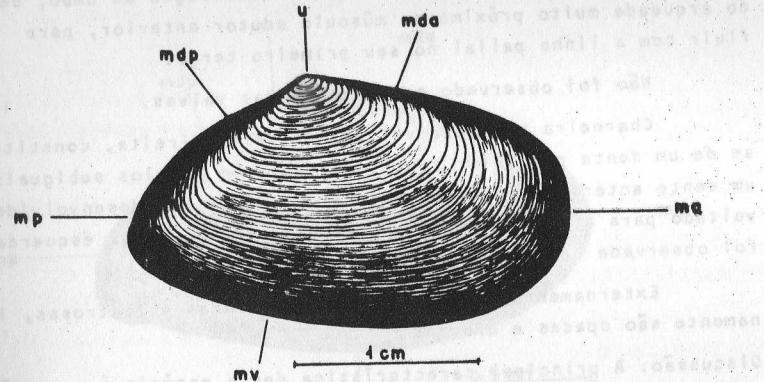


FIGURA 21 - *Tellina diantha* Boss, 1964. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

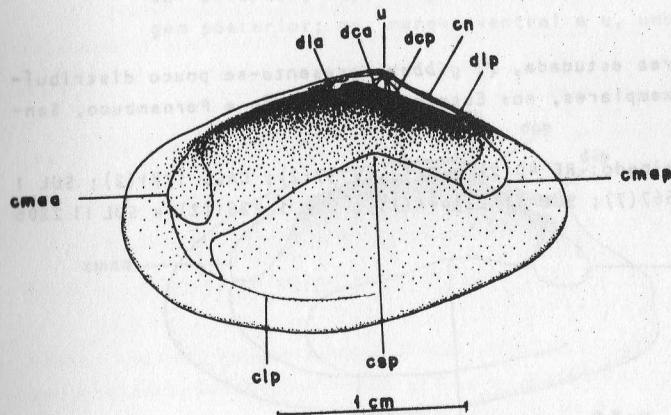


FIGURA 22 - *Tellina diantha* Boss, 1964. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus pallial; cn, calosidade ninfa; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dia, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior e u, umbo.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas. Cicatriz do sinus palial formando um ápice em direção ao umbo, descrevendo arqueada muito próxima ao músculo adutor anterior, para confluir com a linha palial no seu primeiro terço.

Não foi observado o ligamento das valvas.

Charneira bem desenvolvida na valva direita, constituindo-se de um dente posterior forte, bifido, com lóbulos subiguais e um dente anterior laminado; lateral anterior bem desenvolvido e voltado para a margem anterior. A charneira da valva esquerda não foi observada devido a ausência desta valva.

Externamente as conchas são amareladas e lustrosas, internamente são opacas e brancas.

Discussão: A principal característica desta espécie é a secção da margem dorsal posterior, formando duas porções bem definidas.

Distribuição: Leste do Brasil para Argentina e Uruguai.

RIOS (1975) menciona o Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul como de ocorrência desta espécie.

Na área estudada, *T. gibber* apresenta-se pouco distribuída com 129 exemplares, nos Estados do Maranhão e Pernambuco, Santa Catarina.

Material examinado: RE 40(2) e PESQ.IV 37(2); CAL. 1771(2); SUL I (2); SUL I 2667(7); SUL II 2234-A(11); SUL I 2261(2) e SUL II 2206 (2).

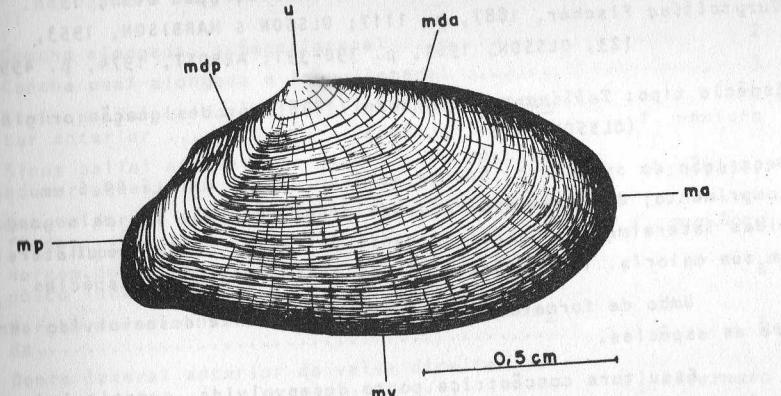


FIGURA 23 - *Tellina gibber* von Ihering, 1907. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

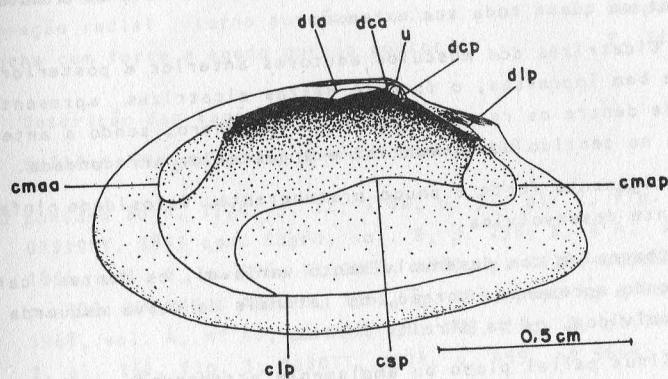


FIGURA 24 - *Tellina gibber* von Ihering, 1907. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz dos músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior e u, umbo.

• Subgênero *Eurytellina* Fischer, 1887

Peronaeoderma 'Poli' Stolicza, 1870, p. 116, apud BOSS, 1968.
Eurytellina Fischer, 1887, p. 1117; OLSSON & HARBISON, 1953, p. 123, OLSSON, 1961, p. 390-391; ABBOTT, 1974, p. 499.

Espécie tipo: *Tellina punicea* Born (1778) por designação original (OLSSON, 1961, p. 123).

Descrição do subgênero: Concha medindo de 5,9 mm até 49,6 mm de comprimento; de forma oval a subtrígona. Algumas são mais comprimidas lateralmente, outras um tanto infladas, sendo inequilaterais em sua maioria. Torção posterior evidente em algumas espécies.

Umbo de formato e tamanho variavelmente desenvolvido entre as espécies.

Escultura concêntrica pouco desenvolvida, constituindo-se de finas linhas ou sulcos. Algumas conchas podem apresentar estrias radiais. Na superfície interna das valvas, freqüentemente nota-se uma elevação disposta radialmente do umbo em direção à cicatriz do músculo adutor anterior, sendo geralmente mais desenvolvida na valva esquerda, uma das características do subgênero *Eurytellina*. Os bordos internos das valvas são lisos, com exceção da espécie *Tellina nitens* C. B. Adams, 1845, onde nota-se crenulações dispostas em quase toda sua extensão.

Cicatrizes dos músculos adutores anterior e posterior geralmente bem impressas, o formato destas cicatrizes apresenta-se constante dentre os representantes do subgênero, sendo a anterior alongada no sentido dorso-ventral e a posterior arredondada.

Ligamento forte e pouco protuberante. Calosidade ninfal variavelmente desenvolvida.

Charneira com desenvolvimento variável, os dentes cardinais podendo apresentar torção, os laterais da valva esquerda pouco desenvolvidos, os da direita fortes.

Sinus palial plano ou amplamente arredondado ou ainda convexo, formando um ápice abaixo do umbo, prolongando-se até próximo ou mesmo tocando na cicatriz do músculo adutor anterior e desce obliquamente ou arqueado para confluir com a linha palial no seu terço anterior. Frequentemente observa-se uma cicatriz interlinear que une o sinus palial com a cicatriz do músculo adutor anterior.

Chave para a identificação das espécies:

Subgênero *Eurytellina* Fischer, 1887

1 - Concha alongada, subequilátera	2
- Concha oval alongada e inequilateral	3
2 - Sinus palial unido à cicatriz do músculo adutor anterior	<i>T. punicea</i>
- Sinus palial afastado da cicatriz do músculo adutor anterior	<i>T. trinitatis</i>
3 - Margem dorsal anterior muito curva, concha inflada	<i>T. angulosa</i>
- Margem dorsal anterior com curvatura suave pouco inflada	4
- Margem dorsal anterior reta, concha comprimida.....	5
4 - Dente lateral anterior da valva direita pequeno e reto	<i>T. alternata</i>
5 - Dente lateral anterior da valva direita bem desenvolvido e curvo	<i>T. tayloriana</i>
6 - Dentes cardinais bifidos, bem desenvolvidos e fortemente torcidos.....	7
- Dentes cardinais bifidos, pouco desenvolvidos e fracamente torcidos.....	8
7 - Bordos internos das valvas crenulados.....	<i>T. nitens</i>
- Bordos internos das valvas lisos.....	9
8 - Elevação radial interna ausente.....	<i>T. vespucciana</i>
9 - Concha com forte e aguda porção posterior...	<i>T. lineata</i>

Descrição das Espécies

Tellina (Eurytellina) punicea Born, 1778

Tellina punicea Born, 1778, p. 22; 1780, p. 33, pl. 2, fig. 8; d'ORBIGNY, 1853 apud Sagra, vol. 2, p. 298; H. & A. ADAMS, 1856, vol. 2, p. 396; FISCHER, 1887, p. 1174; GARDNER, 1928, p. 193; WARMKE & ABBOTT, 1962, p. 195, pls. 4g e 4d; BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 274, pl. 143, fig. 2, pl. 144, fig. 2, pl. 150, fig. 3; ABBOTT, 1974, p. 499, nº 5664; RIOS, 1975, p. 240, nº 1149, p. 76.

Localidade tipo: Praia Guayaguare, Trindad (por designação de BOSS, 1968).

Descrição: Concha medindo até 39 mm de comprimento por 25 mm de largura. Alongada, fortemente trigonal, subequilátera, pouco inflada e com fraca torção posterior (figs. 25 e 26).

Umbo quase central, pequeno e obtuso. Margem dorsal anterior e posterior discretamente desiguais, com suave declividade; margem anterior arredondada; margem posterior curta e quase reta.

Escultura consistindo de sulcos concêntricos, separados por faixas planas e estreitas; os sulcos cobrem quase toda a superfície da concha, com exceção da região do umbo e na superfície posterior, onde se tornam muito fracos. Na face interna das valvas, nota-se uma elevação que se prolonga da região umbonal até a cicatriz do músculo adutor anterior sendo mais forte na valva esquerda. Cicatrizes dos músculos adutores inferior e posterior bem impressas.

Cicatriz do sinus palial exatamente igual em ambas valvas, quase plano dorsalmente e prolongando-se até a cicatriz do músculo adutor anterior, voltado para a margem ventral, unindo-se com a linha palial.

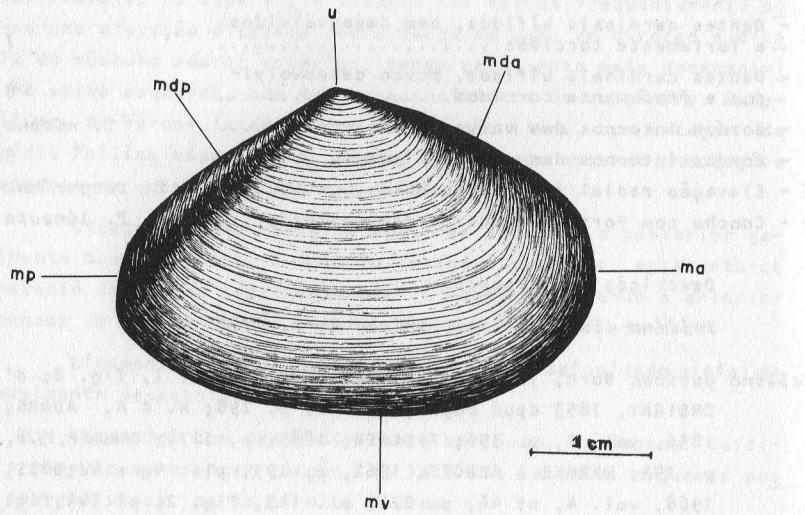


FIGURA 25 - *Tellina punicea* Born, 1778. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

Ligamento pequeno, de cor marrom clara, localizado em um estreito escudo, sua porção calcária estende-se por uma calosidade ninfal.

Charneira com dentição pouco desenvolvida. Na valva esquerda o complexo cardinal está constituído por um dente anterior, fino, bífido, com lóbulos quase iguais e um dente posterior, mais fino e laminado. Dente lateral anterior pequeno e bem próximo ao complexo cardinal; lateral posterior ausente. Na valva direta, o complexo cardinal consiste de um dente posterior forte, bífido, deltoide, com lóbulo posterior mais largo, e um dente anterior um tanto fino, subdeltóide e laminado. Dente lateral anterior curto e muito próximo ao complexo; lateral posterior distal, forte e bem desenvolvido.

Externamente, a concha apresenta coloração rosa mais escuro no disco central, clareando próximo da região ventral e com duas áreas brancas, uma na margem dorsal anterior e outra na dorsal posterior. Internamente a concha é lustrosa e colorida de rosa púrpura em quase toda sua extensão. A área central e cavidade subumbonal apresentam coloração branca.

Discussão: Tem havido certa confusão sobre a identificação de *T. punicea*, como observa BOSS (1968). A descrição original foi baseada apenas na coloração da concha, nas estrias e linhas de crescimento; além disso Born não mencionou a localidade tipo.

De acordo com OLSSON (1961), *Tellina simulans* Adams 1852 da fauna do Pacífico Oriental, é análoga a *T. punicea*, entretanto, existem certas diferenças pois a primeira é menor e mais alongada e de coloração mais clara do que a espécie do Atlântico Ocidental.

Distribuição: Honduras Britânicas, Sul da Jamaica, Antilhas, América Central, América do Sul e Sul do Brasil (BOSS, 1968).

Espécie anteriormente não registrada para o Norte do Brasil. MATTHEWS & KEMPF (1970), mencionaram ser uma espécie muito comum no litoral continental do Nordeste brasileiro (Ceará-Pernambuco) e RIOS (1975) cita várias localidades onde esta espécie foi encontrada: Arquipélago de Fernando de Noronha, Estados do Ceará, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

No material estudado, *T. punicea* encontra-se pouco representada, entretanto, sua faixa de distribuição prolonga-se até o Amapá, Norte do Brasil.

na seca. Muitas espécies possuem um abdômen alongado e estreito, com membranas elásticas que dão ao animal a capacidade de se esconder rapidamente no solo.

As espécies de Tellina possuem uma concha ovalada, com bordas arredondadas e suaves. A superfície da concha pode ser lisa ou apresentar sulcos concêntricos ou irregularidades. O umbigo é geralmente visível, mas pode ser obstruído por um calo. As valvas possuem um ligamento central que une as duas valvas. A abertura da valva direita é geralmente maior que a da valva esquerda.

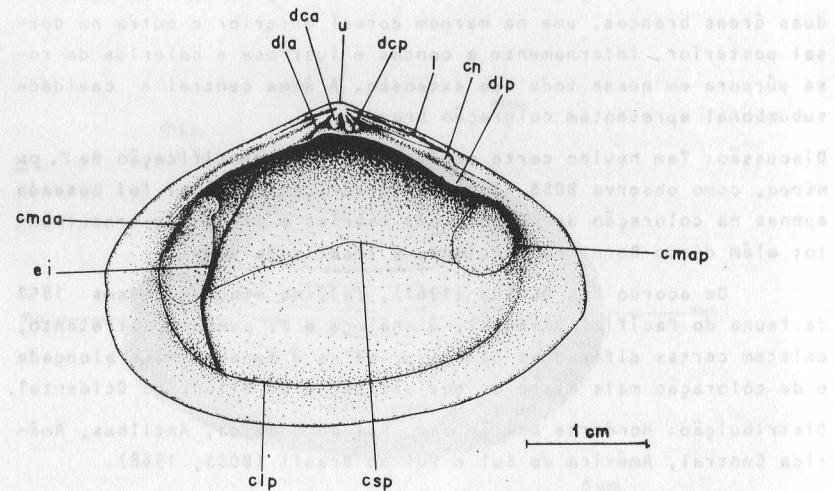


FIGURA 26 - *Tellina punicea* Born, 1778. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfa; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dia, dente lateral anterior; ei, elevação interna, dlp dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbigo.

Material examinado: CAN 09(1); SALD-N-NE I 1794(1); PESQ. IV 57 (1); Praia de Tibau-Rio Grande do Norte (2).

Tellina (Eurytellina) angulosa Gmelin, 1791

Tellina angulosa Gmelin, 1791, vol. 1, p. 3244; DALL, 1900a, vol. 23, p. 294; GARDNER, 1928, p. 193; MCLEAN, 1951, vol. 17, p. 93; CAUQUOIN, 1967, p. 228, n° 4; BOSS, 1968, vol. 4, n° 46, p. 281-283, pl. 143, fig. 2; ABBOTT, 1974, p. 499, n° 5663, pl. 23; RIOS, 1975, p. 240, n° 1152, pl. 76.

Localidade tipo: St. Croix, Ilha Virgínia (por designação de Gmelin, 1791 apud BOSS, 1968).

Descrição: Concha medindo até 45 mm de comprimento por 28 mm de largura. Oval alongada, inflada, inequilateral, com fraca torção posterior (figs. 27 e 28).

Umbo subcentral, pouco elevado e agudo. Margem dorsal anterior longa, com fraca curvatura; margem dorsal posterior longa com forte declividade; margem anterior amplamente arredondada; margem posterior curta e truncada e margem ventral suavemente convexa com inclinação posterior. Escultura constituída de sulcos concêntricos bem marcados, separados por faixas amplas e regulares. Valva esquerda com uma elevação interna que surge da região do umbo e se prolonga por toda a extensão da cicatriz do músculo adutor anterior.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas. Ligamento marron, assentado em um estreito escudo. Calosidade ninfa bem desenvolvida.

Cicatriz do sinus palial inclinando-se dorsalmente próximo à cicatriz do músculo adutor posterior, formando um ápice pequeno abaixo do umbo, logo depois declina-se suavemente para confluir com a linha palial. A união da cicatriz do sinus palial com a cicatriz do músculo adutor anterior é realizada através de uma curta cicatriz interlinear.

Charneira pouco desenvolvida. Na valva esquerda o complexo cardinal está constituído de um dente anterior, bifido, deltoidal, com lóbulos desiguais e um dente posterior muito pequeno, fino e laminado, quase unido à calosidade ninfa; dente lateral anterior pequeno e muito próximo ao complexo cardinal; dente lateral posterior distal e pouco desenvolvido. A valva direita não foi observada; de acordo com BOSS (1968), o complexo cardinal desta

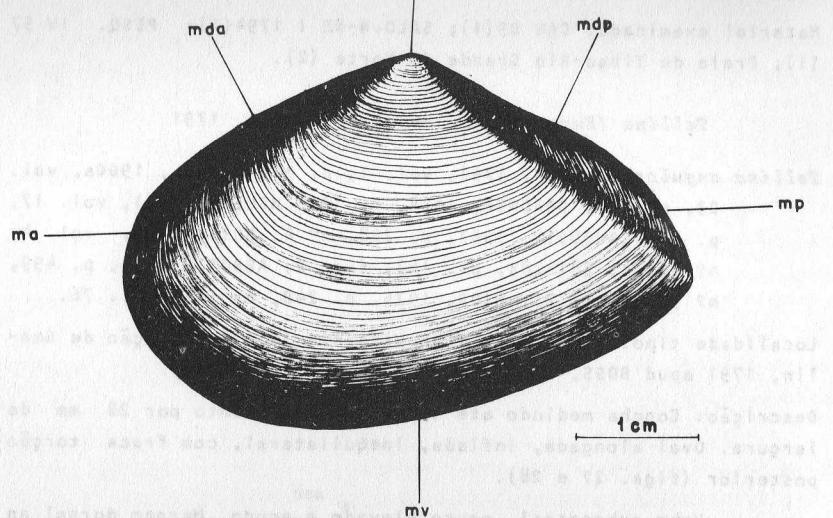


FIGURA 27 - *Tellina angulosa* Gmelin, 1791. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

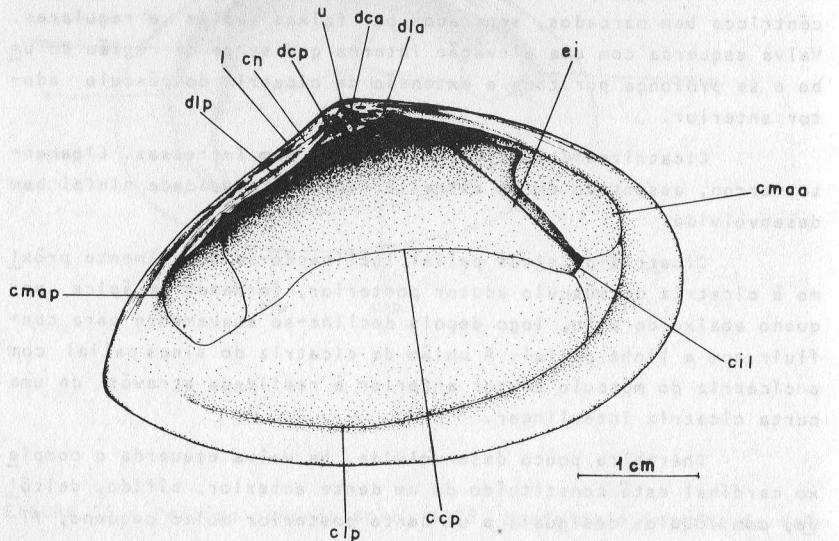


FIGURA 28 - *Tellina angulosa* Gmelin, 1791. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus pallial; cn, calosidade ninfal; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior; ei, elevação interna; 1, ligamento e u, umbo.

valva é constituído de um dente posterior bifido, com lóbulos desiguais e de um dente anterior fino e laminado; lateral posterior distal e bem desenvolvido; lateral anterior proximal e mais fraco que o posterior.

Externamente a concha apresenta uma coloração rosa mais concentrada na região umbonal e branca no restante; alguns exemplares apresentam cor amarela que se mistura com um rosa claro; em outros, nota-se faixas concêntricas rosa e branco. Internamente, a concha apresenta coloração rosa em toda sua extensão, com uma área branca próxima ao umbo. Raros exemplares possuem cor branca em toda sua superfície interna.

Discussão: Esta espécie é muito parecida com *Tellina alternata* Say, 1822 e *Tellina punicea* Born, 1778, assim observa BOSS (1968) porém a convexidade da margem dorsal posterior de *T. alternata* faz a distinção entre estas espécies. Com *T. punicea* ela se assemelha um pouco, porém sua concha inflada e o sinus pallial apresentam-se diferentes.

Para DALL (1900b) *Tellina rubescens* Hanley, 1844 do Pacífico Oriental é uma precursora de *T. angulosa*, o mesmo tendo sido registrado por GARDNER (1928). MCLEAN (1951) ao referir-se a *T. angulosa* agrupou esta espécie no subgênero *Arcopagia*.

Distribuição: Flórida, Yucatã, todo o sul das Grandes e Pequenas Antilhas em direção ao Brasil e Uruguai (BOSS, 1968).

No Nordeste do Brasil, *Tellina angulosa* é relativamente comum, porém no Norte ainda não havia sido citada. Exemplares foram encontrados em Pernambuco, Pará e Cabo Orange-Amapá. RIOS (1975) registrou a ocorrência desta espécie para os Estados do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Material examinado: CAN 137(1); PE 09(4); SALD.N-NE I 1765(8); GEO I 36(2) e P.N.I D3(3).

Tellina (Eurytellina) lineata Turton, 1819

Tellina brasiliiana Lamarck, 1818, vol. 5, p. 532 (*non* Spengler, 1798)
Tellina lineata Turton, 1819; DALL, 1901, p. 142; MCLEAN, 1951, p. 92, pl. 18, fig. 6; WARMKE & ABBOTT, 1962, p. 195, pl. 4-e; CAUQUOIN, 1967, vol. 15, nº 3, p. 228; BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 295-298, pl. 143, figs. 3-4, pl. 147, figs. 1-2, pl. 149, fig. 3; ABBOTT, 1974, p. 499, nº 5660, color plate 23; RIOS, 1975, p. 240, nº 1148, pl. 76.

Tellina brasiliiana Lamarck, 1818, *Tellina striata* Montagu, 1803,
Tellina tenuis Conrad, 1834 e *Tellina decussatula* C. le B.
 Adams, 1815, DALL, 1900a, vol. 23, nº 1210.

Localidade tipo: Jamaica (por designação de BOSS, 1968).

Descrição: Concha medindo até 32 mm de comprimento por 20 mm de largura, de forma oval, alongada ou trigonal. Inequilaterial, moderadamente inflada e com uma forte e aguda torção posterior (Figs. 29 e 30).

Umbo opistôglio, pequeno e bem posterior ao meio. Margem dorsal anterior longa com suave curvatura; margem dorsal posterior curta, apresentando grande declividade e formando uma convexidade próxima ao umbo; margem anterior amplamente arredondada; margem posterior curta, formando uma truncação oblíqua; margem ventral anteriormente curva, inclinando-se posteriormente.

Escultura concêntrica consistindo de finos sulcos separados por faixas estreitas; os sulcos tornam-se mais fracos na superfície posterior das valvas. Observa-se estrias radiais em toda superfície externa da concha. Internamente as valvas apresentam uma elevação radial que se dirige anteriormente da região umbonal por toda a extensão do músculo adutor anterior, esta elevação é mais proeminente na valva direita.

Cicatrizes dos músculos adutores moderadamente impressas. Ligamento marrom claro e bem desenvolvido, inserido em um estreito escudo. Calosidade ninfa pequena.

Cicatriz do sinus palial arredondada, curvando-se, ventralmente para encontrar com a linha palial, muito próxima da cicatriz do músculo adutor anterior, porém, não unindo-se com este. Não ocorre cicatriz interlinear.

Charnelra moderadamente desenvolvida. Na valva esquerda o complexo cardinal é constituído de um dente anterior, forte, bifido, com lóbulos iguais e um dente anterior muito fraco, freqüentemente ausente. Na valva esquerda o complexo cardinal está constituído de um dente posterior bem desenvolvido, forte, bifido, com lóbulos assimétricos e um dente anterior forte subdeltóide; dente lateral anterior proximal, forte e bem desenvolvido; lateral posterior distal e pouco desenvolvido.

Externamente as conchas apresentam coloração rosa púrpura em quase toda a superfície; ocasionalmente esta coloração só se

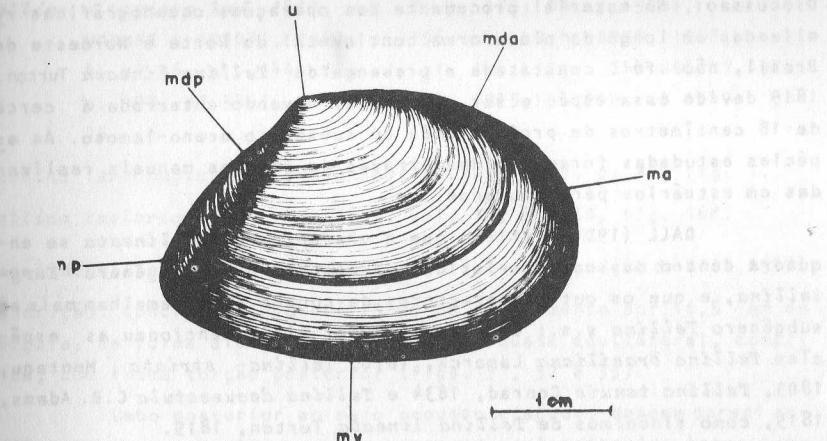


FIGURA 29 - *Tellina lineata* Turton, 1819. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

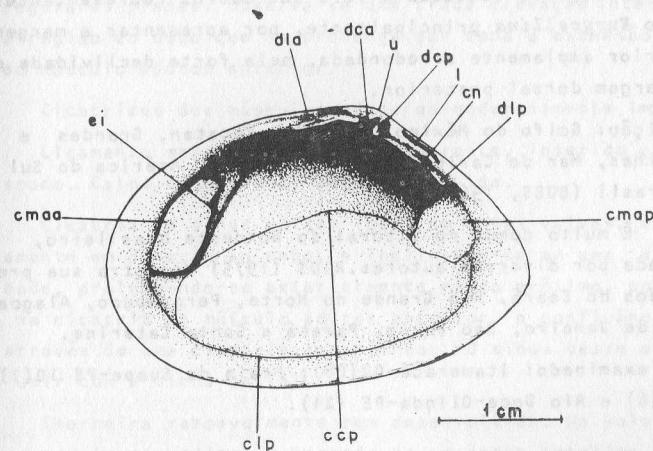


FIGURA 30 - *Tellina lineata* Turton, 1819. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfa; dcs, dente cardinal distal; dcp, dente cardinal posterior; dia, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior; ei, elevação interna; l, ligamento e u, umbo.

apresenta na região do umbo, o restante sendo branca, enquanto que algumas conchas são totalmente brancas.

Discussão: No material procedente das operações oceanográficas realizadas ao longo da plataforma continental do Norte e Nordeste do Brasil, não foi constatada a presença de *Tellina lineata* Turton, 1819 devido essa espécie ser estuarina, vivendo enterrada a cerca de 18 centímetros de profundidade em substrato arenoso-lamoso. As espécies estudadas foram obtidas através de coletas手工的 realizadas em estuários pernambucanos.

DALL (1900a) afirma que a charneira de *T. lineata* se enquadra dentro das características da charneira do subgênero *Eurytellina*, e que os outros caracteres da concha se assemelham mais ao subgênero *Tellina* s.s.; esse mesmo autor ainda mencionou as espécies *Tellina brasiliiana* Lamarck, 1818, *Tellina striata* Montagu, 1803, *Tellina tenuis* Conrad, 1834 e *Tellina decussatula* C.B. Adams, 1815, como sinônimos de *Tellina lineata* Turton, 1819.

Para BOSS (1968), no Pacífico Oriental não há espécies análogas a *T. lineata*, e no Atlântico Ocidental seus parentes mais próximos parecem ser *Tellina nitens* C.B.Adams, 1845 e *Tellina punicea* Born, 1778.

A espécie estudada difere dos outros representantes do subgênero *Eurytellina* principalmente, por apresentar a margem dorsal anterior amplamente arredondada, pela forte declividade e torção da margem dorsal posterior.

Distribuição: Golfo do México, Flórida, Yucatan, Grandes e Pequenas Antilhas, Mar do Caribe, América Central, América do Sul e São Paulo, Brasil (BOSS, 1968).

É muito comum no litoral do Nordeste brasileiro, tendo sido citada por diversos autores. RIOS (1975) registra sua presença nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Material examinado: Itamaracá 02(08); Praia de Suape-PE 10(1); Suape-PE 15(6) e Rio Doce-Olinda-PE (21).

Tellina (Eurytellina) alternata Say, 1822

Tellina alternata Say, 1822, vol. 2, p. 275; DALL, 1900a, vol. 3; WARMKE & ABBOTT, 1962, p. 196, pl. 40-h; BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, pl. 144, fig. 1, pl. 146, figs. 2-4; ABBOTT, 1974, p. 499, nº 5661, pl. 23; RIOS, 1975, p. 240, nº 1147, pl. 76.

Tellina (Arcopagia) alternata Say: MCLEAN, 1951, p. 93, fig. 1.

Tellina tayloriana Sowerby, 1867, vol. 17, pl. 30, fig. 168.

Localidade tipo: Ilha do Mar, Georgia (por designação de BOSS, 1968)

Descrição: Concha medindo até 23 mm de comprimento por 16,5 mm de largura, de forma alongada, subtrigonal, quase equilaterial, comprimida, com fraca torção posterior (Figs. 31, 32 e 33).

Umbo posterior ao meio pequeno e agudo. Margem dorsal anterior longa com declive suave; margem dorsal posterior longa com declive acentuado e certa concavidade; margem anterior arredondada; margem posterior curta e oblíqua; margem ventral quase reta, com discreta inclinação posterior.

Escultura composta de sulcos concêntricos, separados por faixas regulares planas. Observa-se uma fraca elevação interna surgiendo da região do umbo que se prolonga por toda a extensão da cicatriz do músculo adutor anterior.

Cicatrizes dos músculos adutores moderadamente impressas.

Ligamento marrom, forte, protuberante, inserido em um pequeno escudo. Calosidade ninfa bem desenvolvida.

Cicatriz do sinus palial igual em ambas valvas, elevando-se suavemente em direção ao umbo, e inclinando-se em uma discreta convexidade, prolongando-se anteriormente muito próximo, porém não tocando na cicatriz do músculo adutor anterior, a confluência é realizada através de uma cicatriz interlinear. O sinus desce arqueado para se unir com a linha palial.

Charneca razoavelmente bem desenvolvida. Na valva esquerda, o complexo cardinal é formado de um dente anterior pequeno, fino e bífido, com lóbulos iguais a um dente anterior proximal ao complexo, muito pequeno e bem desenvolvido. Na valva direita o complexo cardinal constitui-se de um dente posterior forte, bífido, com lóbulo posterior mais largo que o anterior e um dente anterior fino e laminado; dente lateral anterior pequeno e muito próxi-

mo ao cardinal laminado; lateral posterior forte e distal.

Externamente a concha é lustrosa, de cor branca ou rosa claro com manchas amareladas. Internamente é polida, lustrosa de cor rosa claro e damasco.

Discussão: Espécie muito semelhante a *Tellina tayloriana* Sowerby, 1867, chegando muitas vezes a ser confundida ou ainda considerada como um sinônimo por alguns autores. Os caracteres que separam *T. tayloriana*, serão discutidos na sequência (Veja discussão sobre *T. tayloriana*).

SAY (1822) descreveu *T. alternata* e mencionou que esta espécie difere de *T. angulosa* Gmelin, 1791 pela forma sub-orbicular e pelos dentes laterais afastados dessa última, enquanto que na primeira, apenas um dos laterais é afastado. Esta afirmação não foi constatada no que se refere aos dentes laterais de *T. angulosa*, porque nesta espécie apenas o lateral posterior apresenta-se afastado ou distal ao complexo cardinal, e não os dois dentes anterior e posterior, o mesmo acontecendo com *T. alternata*.

DALL (1900a) afirma que a variedade rosa de *T. alternata* pode ser distinta de sua aliada *T. angulosa* Gmelin, 1791, pelo fato de que em *T. alternata* o sinus palial não toca a cicatriz do músculo adutor anterior. Observando-se as duas espécies, discordou-se do citado autor, porque o sinus palial de ambas espécies (e não apenas de *T. alternata*) não confluem ou tocam na cicatriz do músculo adutor anterior, salientando-se que em *T. alternata*, ele se aproxima muito e a confluência é realizada nas duas espécies através de uma cicatriz interlinear.

MCLEAN (1951) descreveu *Tellina (Arcopagia) alternata* Say (1822), apresentando uma fase branca e uma rosa, esta última fase ele denominou de *T. tayloriana*.

Para BOSS (1968) *T. alternata* é uma das maiores e mais comuns "telinas" da Costa Atlântica da América do Norte, onde pode ser substituída por *T. angulosa* Gmelin, 1791, principalmente nas regiões Antilhanas e Caribeanas e nas águas Européias, podendo ser confundida com *Tellina nitida* Lamarck, por causa da semelhança da forma e coloração. Na fauna do Pacífico Oriental sua análoga é *Tellina laceridens* Hanley, 1844.

Distribuição: Cabo Hatteras nos Estados Unidos, Ilhas da Flórida, Golfo do México, Texas e Antilhas (BOSS, 1968).

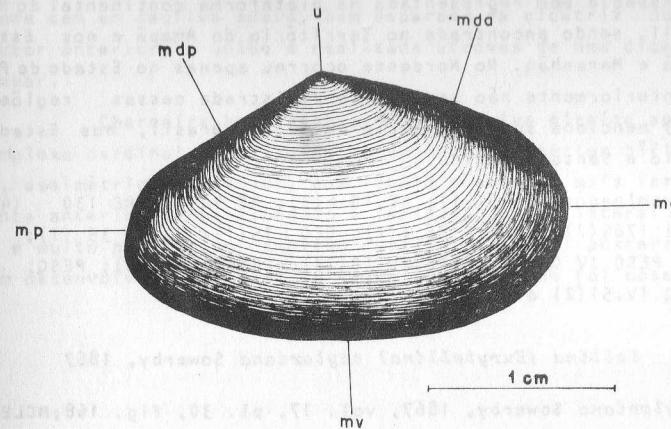


FIGURA 31 - *Tellina alternata* Say, 1822. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

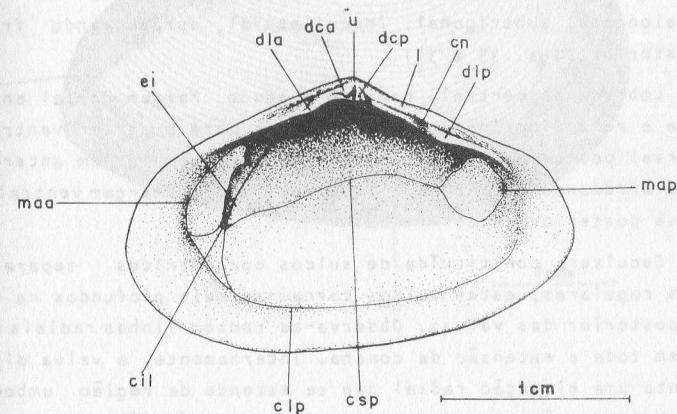


FIGURA 32 - *Tellina alternata* Say, 1822. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfa; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dia, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior, ei, elevação interna; l, ligamento e u, umbo.

Espécie bem representada na plataforma continental do Norte do Brasil, sendo encontrada no Território do Amapá e nos Estados do Pará e Maranhão. No Nordeste ocorreu apenas no Estado de Pernambuco. Anteriormente não havia sido registrada nessas regiões. RIOS (1975) menciona sua ocorrência no Sul do Brasil, nos Estados de São Paulo e Santa Catarina.

Material examinado: PE 09(21); RE 10-b(3); RE 40(3); RE 130 (4); SALD.N-NE I 1765(2); SALD.N-NE I (2); GEO I:35(1); P.N.I 35 (1); P.N.I D3(1); PESQ.IV 09(1); PESQ.IV 10(27); PESQ.IV 19(3); PESQ.IV 27(4); PESQ.IV.51(2) e PESQ.IV 57(3).

Tellina (Eurytellina) tayloriana Sowerby, 1867

Tellina tayloriana Sowerby, 1867, vol. 17, pl. 30, fig. 168; MCLEAN 1951, p. 93; OLSSON & HARBINSON, 1953, p. 124; BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 286-288, pl. 146, fig. 1; ABBOTT, 1974, p. 499, nº 5662.

Tellina alternata Say, 1822, vol. 2, p. 275.

Localidade tipo: Tampico, México (por designação de BOSS, 1968).

Descrição: Concha medindo até 52 mm de comprimento por 31 mm de largura, alongada, subtrigonal, inequilateral, apresentando fraca torção posterior (Figs. 33 e 34).

Umbro quase central, pequeno e agudo. Margem dorsal anterior longa e reta, inclinando-se suavemente para a parte ventral; margem dorsal posterior longa e com forte declive; margem anterior amplamente arredondada, a posterior curta e reta; margem ventral inclinando-se posteriormente.

Escultura constituída de sulcos concêntricos separados por faixas regulares, estes sulcos tornam-se mais profundos na superfície posterior das valvas. Observa-se também linhas radiais muito finas em toda a extensão da concha. Internamente, a valva direita apresenta uma elevação radial que se estende da região umbonal até a cicatriz do músculo adutor anterior. BOSS (1968) afirma que esta elevação está presente em ambas valvas, direita e esquerda.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas. Ligamento marron, inserido em um estreito escudo. Calosidade ninfa moderadamente desenvolvida.

Cicatriz do sinus palial curva, prolongando-se anterior-

mente com um declive suave, bem separado da cicatriz do músculo adutor anterior, a união é realizada através de uma cicatriz interlinear.

Charneira bem desenvolvida. A valva direita apresenta o complexo cardinal constituído de um dente posterior bifido, torcido, assimétrico, deltóide, com lóbulo posterior mais largo e de um dente anterior fino, alongado e laminado; dente lateral anterior curvo e muito próximo ao complexo cardinal; lateral posterior forte, bem desenvolvido e distal. A valva esquerda não foi observada.

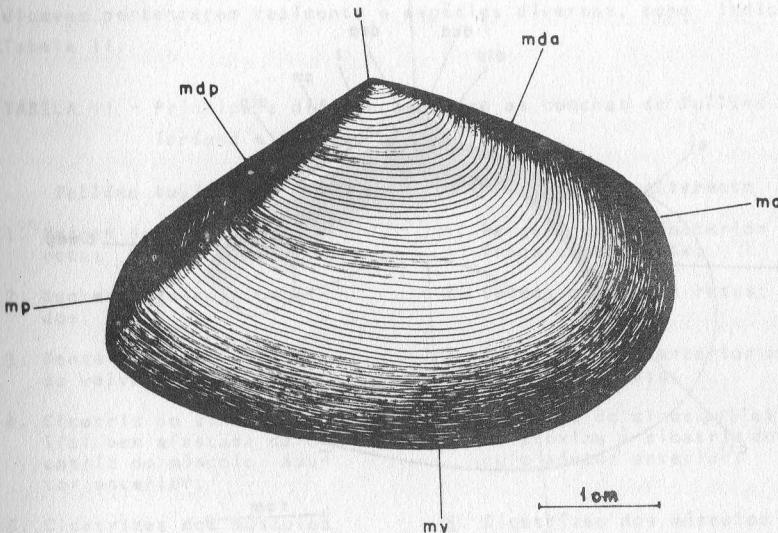


FIGURA 33 - *Tellina tayloriana* Sowerby, 1867. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

... e que é comum em espécies de Tellina, mas que não é comum em Tellina tayloriana. Acredita-se que o dente cardinal anterior seja o dente que mais contribui para a formação da valva direita, e que os dentes laterais anteriores sejam responsáveis por uma parte menor da formação da valva direita. Os dentes laterais posteriores são responsáveis por uma parte menor da formação da valva direita, e os dentes cardinais posteriores são responsáveis por uma parte menor da formação da valva direita.

Tellina tayloriana Sowerby, 1867
T. tayloriana SOWERBY, 1867
T. tayloriana DALL, 1900a
T. tayloriana ALLEN, 1927
T. tayloriana BOSS, 1968

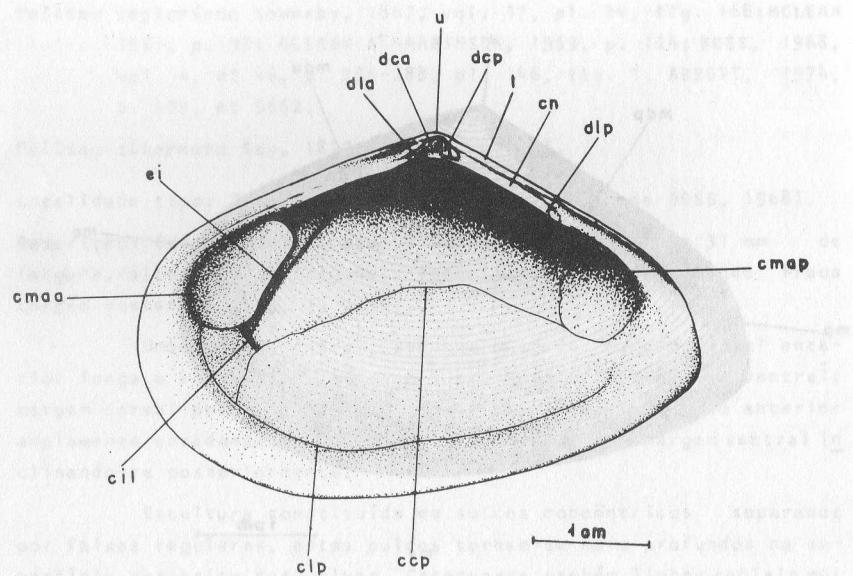


FIGURA 34 - *Tellina tayloriana* Sowerby, 1867. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfal; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior; ei, elevação interna; l, ligamento e u, umbo.

Externamente a concha apresenta coloração rosa com uma concentração de amarelo na região do umbo; alguns exemplares possuem cor branca com manchas amarelas. Internamente é totalmente branca opaca ou rosa claro.

Discussão: Alguns autores têm considerado *Tellina tayloriana* Sowerby, 1867 como um sinônimo ou mesmo uma subespécie de *Tellina alternata* Say, 1822. DALL (1900a) menciona que é uma variedade rosa de *T. alternata*; MCLEAN (1951) cita que é uma fase rosa dessa espécie; OLSSON & HARBINSON (1953) descrevem ambas as espécies e fazem a distinção; ABBOTT (1974) cita *T. tayloriana* como uma subespécie de *T. alternata*; BOSS (1968) descreve as duas espécies separadamente.

Comparando-se as espécies, notou-se grande semelhança, entretanto, as conchas apresentavam certas características que indicavam pertencerem realmente a espécies diversas, como indica a Tabela II.

TABELA II - Principais diferenças entre as conchas de *Tellina tayloriana* e *Tellina alternata*:

Tellina tayloriana

1. Margem dorsal posterior reta;
2. Dentes cardinais torcidos;
3. Dente lateral anterior da valva direita curvo;
4. Cicatriz do sinus palial bem afastada da cicatriz do músculo adutor anterior;
5. Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas.

Tellina alternata

1. Margem dorsal posterior com fraca concavidade;
2. Dentes cardinais retos;
3. Dente lateral anterior da valva direita reto;
4. Cicatriz do sinus palial muito próxima à cicatriz do músculo adutor anterior;
5. Cicatrizes dos músculos adutores moderadamente impressas.

De acordo com OLSSON & HARBINSON (1953) *T. tayloriana* é mais curta e alta que *T. alternata*, um pouco mais convexa, e a forma e escultura da área dorsal anterior na valva esquerda é diferente. Dentre essas observações, só a da escultura é que não foi constatada devido a não se ter encontrado a valva esquerda.

Distribuição: Ao longo das Costas do Golfo do Texas e do México (BOSS, 1968).

Na plataforma continental Brasileira, *T. tayloriana* foi encontrada nos Estados de Pernambuco e Pará. Anteriormente não houve registros de sua ocorrência no Brasil.

Material examinado: PE 09(9); RE 10-B(3); SALD. N-NE 1(4); GEO 146(2).

Tellina (Eurytellina) vespuciana d'Orbigny, 1842

Tellina vespuciana, d'Orbigny, 1842, pl. 26, figs. 12-14; MCLEAN, 1951, p. 93, pl. 19, fig. 05; BOSS, 1968, vol. 04, nº 46, p. 298-300, pl. 148, figs. 3-4, pl. 149, fig. 01, pl. 150, fig. 02; ABBOTT, 1974, p. 500, nº 5668.

Localidade tipo: Jamaica (por designação posterior de BOSS, 1968).

Descrição: Concha medindo até 8,5 mm de comprimento por 4,8 mm de largura; alongada, moderadamente inflada e com forte declive posterior (figs. 35 e 36).

Umbo bem posterior ao meio, pequeno, pontudo e opistôgíro. Margem dorsal anterior longa e bem arqueada; margem dorsal posterior curta e profundamente declinada; margem anterior arredondada; margem posterior truncada e oblíqua; margem ventral quase reta, inclinando-se posteriormente.

Escultura com fortes linhas concêntricas separadas por faixas estreitas, tornando-se mais acentuadas ao longo da superfície posterior. Estrias radiais presentes em toda face externa da concha; essas estrias dispõem-se sobre as linhas radiais. As valvas não apresentam a elevação radial interna.

Cicatrizes dos músculos adutores moderadamente impressas. Ligamento pequeno, protuberante e de cor amarela. Calosidade ninfal pequena.

Cicatriz do sinus pallial quase plana, dorsalmente, prolongando-se arqueada para confluir com a linha pallial. Esta cicatriz, se aproxima muito da cicatriz do músculo adutor anterior, porém, não se une com a mesma. As valvas desta espécie, não apresentam a cicatriz interlinear.

Charneira moderadamente desenvolvida. A valva esquerda apresenta o complexo cardinal constituído de um dente anterior fino, bifido, com lóbulos desiguais e um dente posterior muito fino e laminado; não há laterais; na valva direita o complexo consiste de um dente posterior, assimétrico, pouco torcido, bifido, com lóbu-

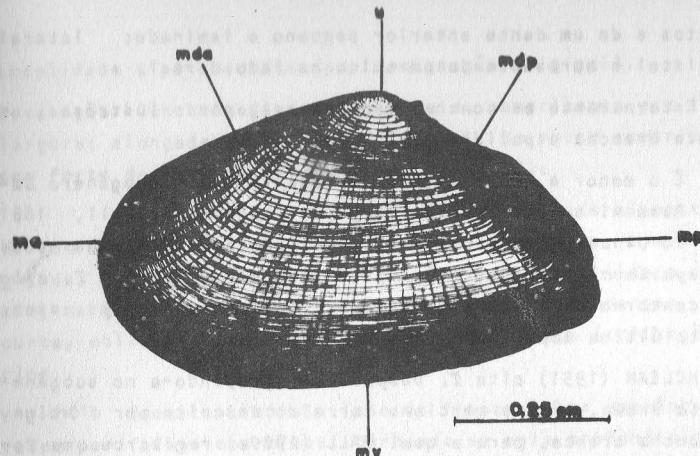


FIGURA 35 - *Tellina vespuciana* d'Orbigny, 1842. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

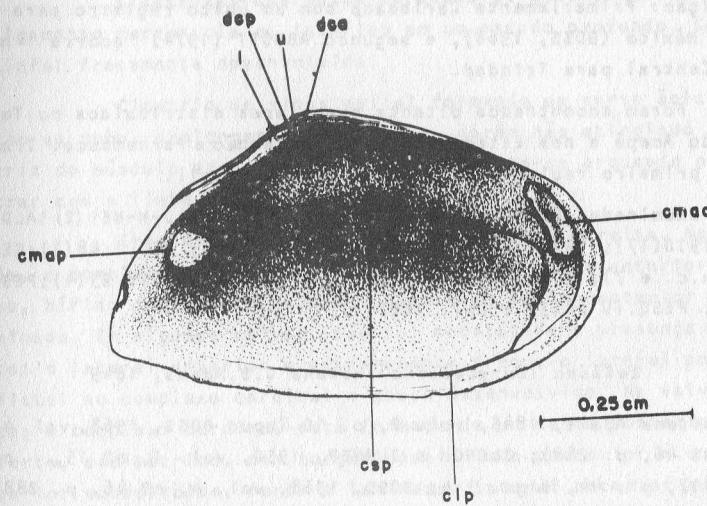


FIGURA 36 - *Tellina vespuciana* d'Orbigny, 1842. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; clp, cicatriz da linha pallial; csp, cicatriz do sinus pallial; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dia, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbo.

los estreitos e de um dente anterior pequeno e laminado; lateral anterior distal e apresentando um sulco no lado dorsal.

Externamente as conchas são brancas, pouco lustrosas, e internamente brancas e polidas.

Discussão: É o menor e menos citado representante do subgênero *Eurytellina*. Assemelha-se a *Tellina (Angulus) sybaritica* Dall, 1881 no formato do sinus pallai, e quando observada à vista desarmada, *Tellina vespuciana* d'Orbigny, 1842 pode ser confundida com *T. sybaritica* no contorno da concha, tamanho e coloração de alguns exemplares desta última espécie.

MCLEAN (1951) cita *T. vespuciana* agrupando-a no subgênero *Arcopagia* Brown, 1827 e menciona ter sido descrita por d'Orbigny como uma concha branca, para a qual DALL (1900a) registrou uma fase vermelha.

BOSS (1968) afirma que não há representantes análogos de *T. vespuciana* na fauna do Pacífico Oriental e que no Atlântico Ocidental ela está aliada a *Tellina nitens* C.B.Adams, 1845 e a *Tellina sybaritica* Dall, 1881 por alguma similaridade escultural.

Distribuição: Primariamente Caribeana com um único registro para o Golfo do México (BOSS, 1968), e segundo ABBOTT (1974) ocorre na América Central para Trindade.

Foram encontrados oitenta exemplares distribuídos no Território do Amapá e nos Estados do Pará, Maranhão e Pernambuco. Trata-se do primeiro registro da espécie para o Brasil.

Material examinado: PE 33-b(6); RE(2 ex.c.e 1). SALD-N-NEI (2) SALD. N-NE II 1910(17); GEO I 32(1); GEO I 46(8ex.c.e8); GEO I 48(1); GEO I 54(1 ex.c. e 7); P.N.I D3(2); PESQ. IV 27(9); PESQ. IV 23(4); PESQ. IV 67(6); PESQ. IV 68(3) e Cal. 1823(1).

Tellina (Eurytellina) nitens C.B.Adams, 1845

Tellina nitens Adams, 1845, vol. 2, p. 10 (apud BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 288); CLENCH & TURNER, 1950, vol. 1, nº 15, p. 317, pl. 44, figs. 3-4; BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 288-290, pl. 147.

Tellina (Eurytellina) georgiana Dall, 1900(a), vol. 23, p. 294 e 310, pl. 2, fig. 3; BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 288-293, pl. 47, figs. 3-4, pl. 48, fig. 1, pl. 149, fig. 4, pl. 150 fig. 1; ABBOTT, 1974, p. 500, nº 5666; RIOS, 1975, p. 240, nº 1150, pl. 76.

Localidade tipo: Jamaica (por designação original).

Descrição: Concha medindo até 28 mm de comprimento por 15,4 mm de largura; alongada, fina, inequilateral, um pouco comprimida, valvas com forte declive posterior (figs. 37 e 38).

Umbo posterior ao meio, inflado e moderadamente agudo. Margem dorsal anterior longa, fracamente convexa, com suave declividade; margem dorsal posterior longa, com declividade mais acentuada; margem anterior estreitamente arredondada; margem posterior curta, oblíqua; margem ventral reta, com fraca inclinação posterior.

Escultura consistindo de finos sulcos concêntricos, separados por faixas estreitas, tornando-se mais profundos na superfície posterior das valvas. Internamente, observa-se uma elevação radial que se dirige anteriormente da região umbonal em direção à cicatriz do músculo adutor anterior, estendendo-se por todo o comprimento desta última. Esta elevação é mais proeminente na valva esquerda. O bordo interno das valvas apresenta-se crenulado.

Cicatrizes dos músculos adutores moderadamente impressas. Ligamento marrom claro, inserido em um escudo profundo. Calosidade ninfal fracamente desenvolvida.

Cicatriz do sinus pallai formando um curto ápice em direção ao umbo, prolongando-se próximo, porém não atingindo a cicatriz do músculo adutor anterior, onde volta-se arqueado para encontrar com a linha pallai.

Charneira bem desenvolvida na valva direita. Na esquerda, o complexo cardinal constitui-se de um dente anterior, pequeno, bifido com lóbulos quase iguais e um dente posterior fino e laminado. Em algumas valvas, não foi constatada a presença deste dente; o lateral anterior é extremamente fraco; o lateral posterior é distal ao complexo cardinal e pouco desenvolvido. Na valva direita, o complexo cardinal está formado de um dente posterior bifido, forte, assimétrico, com torção para o lado posterior e um dente anterior subdeltóide, forte e laminado. Lateral anterior subproximal e forte, lateral posterior distal e pouco desenvolvido.

Externamente a concha é branca e nos exemplares mais antigos tornam-se amareladas. Nos indivíduos jovens, elas são finas, transparentes e brancas. Internamente a coloração é rosa com concentração de amarelo na área do umbo.

Discussão: A espécie *Tellina nitens* C.B.Adams, 1845, distingue-se de todos os outros representantes de *Eurytellina*, pela sua forma característica alongada e escultura da superfície dorsal posterior.

Em observações menos detalhadas, esta espécie pode ser confundida com *Tellina alternata* Say, 1822, porém sua escultura característica, entre outras coisas, a diferencia desta última.

Segundo MAURY (1920) a espécie européia *Tellina nitida* Lamarck se assemelha a *T. nitens*. BOSS (1968) afirma que no Pacífico Oriental sua análoga é *Tellina inaequistriata* Donovan, 1802 e que os registros do Atlântico Ocidental que citam a ocorrência de *T. inaequistriata*, devem se referir a *T. nitens*. Vale salientar que a semelhança entre estas duas espécies é extremamente grande, podendo mesmo chegar a confundir na determinação.

Para OLSSON (1961) a crenulação da margem interna das valvas é o caráter mais notável desta espécie, sendo um caso único dentre as espécies de *Tellina*. Este caráter foi observado nos espécimes de *T. nitens* estudados.

Distribuição: Cabo Hatteras, Carolina do Norte e Texas nos Estados Unidos; Pequenas Antilhas, Golfo do México e Cuba (BOSS, 1968).

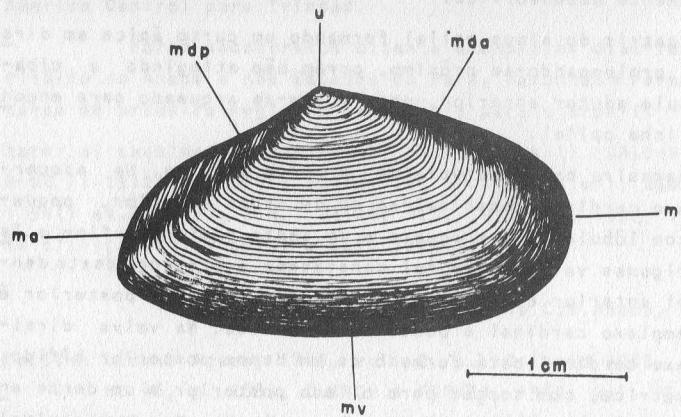


FIGURA 37 - *Tellina nitens* C.B.Adams, 1845. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

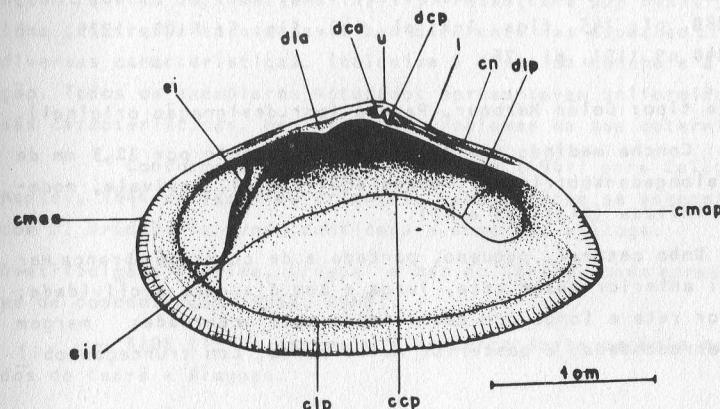


FIGURA 38 - *Tellina nitens* C.B.Adams, 1845. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; cil, cicatriz da linha palial; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfal; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dia, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior; ei, elevação interna; l, ligamento e u, umbo.

É relativamente comum no Norte e Nordeste do Brasil, sendo citada por RIOS (1975) para os Estados do Pará, Bahia e Rio de Janeiro.

No material estudado, *Tellina nitens* foi dragada nos Estados do Maranhão, Ceará e Alagoas.

Material examinado: AK 21(2); AK 94(2); AK 101(2); AK 122(1); AK 94 (1); CAN 11(2); CAN Fortaleza (6); CAN Fortaleza (3); RE 40(3); RE 111(1); SALD.N-NE I(1); SALD.N-NE I 1765(1); SALD.N-NE I 1910 (1); GEO I 05(1); GEO I 18(1); GEO I 22(6); GEO I 30(2); GEO I 54 (1); PESQ.IV 23(1); PESQ.IV 32(1); PESQ.IV 57(3); PESQ.IV 68(2); PESQ.IV 69(2) e Cal.1821(9).

Tellina (Eurytellina) trinitatis (Tomlin, 1929)

Eurytellina trinitatis Tomlin, 1929, vol. 18, nº 11, p. 310.

Tellina trinitatis (Tomlin, 1929); BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 279-280, pl. 145, figs. 1-2; pl. 149, fig. 5; RIOS, 1975, p. 240 nº 1151, pl. 76.

Localidade tipo: Colón Harbour, Panamá (por designação original).

Descrição: Concha medindo até 37 mm de comprimento por 22,3 mm de largura, alongada-subtrigonal, quase equilaterial, equivale, moderadamente inflada (figs. 39 e 40).

Umbo central, pequeno, pontudo e de coloração branca. Margem dorsal anterior quase reta, longa e com discreta declividade; a posterior reta e longa com declividade mais acentuada; margem anterior arredondada; a posterior muito curta, com truncção oblíqua.

Escultura concêntrica, pouco desenvolvida, consistindo de finos sulcos dispostos irregularmente, apresentando entre os mesmos, linhas de crescimento e fracas estrias radiais entre estas. Elevação radial da superfície interna das valvas atrofiada.

Cicatriz do sinus palial levemente arqueada para o umbo, descendo pouco côncava e muito próxima, quase tocando na cicatriz do músculo adutor anterior, a união é realizada através de uma pequena cicatriz interlinear.

Cicatrizes dos músculos adutores moderadamente impressas. Ligamento marrom claro, curto, fixado em um escudo alongado,

a porção calcária sobre uma calosidade ninfal pouco desenvolvida.

Charneira bem desenvolvida na valva direita onde o complexo cardinal está constituído de um dente posterior, bifido, pequeno, com lóbulo posterior um pouco mais largo que o anterior e um dente anterior subdeitôide, pequeno e laminado; lateral anterior subproximal ao complexo, bem desenvolvido, alongado, fino e curvo; lateral posterior distal ao complexo cardinal, pequeno, alongado e um tanto curvo. Na valva esquerda, o complexo cardinal constitui-se de um dente anterior bifido com lóbulos quase iguais e um dente posterior alongado e laminado. Não há dentes laterais.

Externamente a concha é lustrosa, de cor rósea com algumas faixas concêntricas brancas em alguns indivíduos; em outros a cor branca aparece apenas na superfície dorsal posterior e região do umbo.

Discussão: Apesar de sua semelhança com *Tellina punicea* Born, 1778 e com *Tellina angulosa* Gmelin, 1791 ressaltada por BOSS(1968), *Tellina trinitatis* apresenta-se bem diferente das espécies citadas por diversas características, inclusive a forma da concha e a coloração. Todos os exemplares estudados apresentavam uniformidade dessas características, não causando problemas na sua determinação.

Conforme a descrição de OLSSON (1961) para *Tellina prora* Hanley, 1844 do Pacífico Oriental, esta espécie se assemelha muito com *T. trinitatis* sendo considerada como uma análoga.

Distribuição: Flórida, Uruguai e Mar do Caribe, onde apresenta faixa de concentração (BOSS, 1968).

RIOS (1975) assinala a presença desta espécie nos Estados do Ceará e Alagoas.

Especie muito comum na plataforma continental do Estado do Amapá.

Material examinado: AK 168(4); AK 169(5); AK 170(1); AK 172 (4); SALD.N-NE I 1765 (2 ex.c. e 14); SALD.N-NE I 1785(1); SALD.N-NE I 1793-B II(1); SALD.N-NE I 1794(5); SALD.N-NE II 1794(2); SALD.N-NE II 1796(2); SALD.N-NE II 1787 (5 ex.c.e 4); SALD.N-NE II 1908 (1 ex.c.); SALD.N-NE II 1926(3); SALD.N-NE II 1926(2); GEO I 30 (1); GEO I arrasto(12); P.N.I 1993(9); PESQ.IV 57(1); PESQ.IV 40(1); PESQ.IV 46(2) e Cal.1760(2).

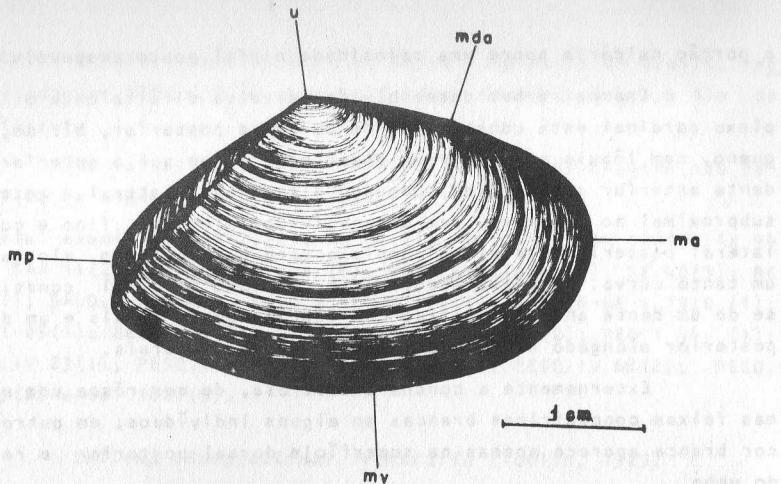


FIGURA 39 - *Tellina trinitatis* (Tomlin, 1929). Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

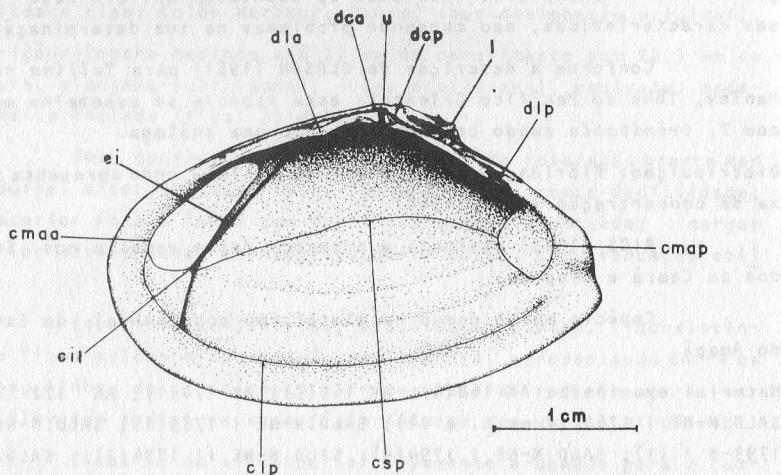


FIGURA 40 - *Tellina trinitatis* (Tomlin, 1929). Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; clp, cicatriz da linha palial; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cil, cicatriz interlinear; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbo.

Subgênero *Phyllodina* Dall, 1900

Phyllodina Dall, 1900, 23:290; DALL, 1900b, p. 1012; GARDNER, 1928, p. 192; KEEN, 1958, p. 174; BOSS, 1968, vol. 4, nº 45, p. 254.

Espécie tipo: *Tellina squamifera* Deshayes, 1855, por designação original.

Descrição do subgênero: Concha medindo entre 8,5 a 21,9 mm de comprimento, de forma alongada-elíptica, equilaterial e equivale.

Umbo ponteágudo, quase central.

Escultura concêntrica, constituída de fortes elevações, mais evidentes na superfície posterior.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas.

Cicatriz do sinus palial lanceolada.

Ligamento protuberante, calosidade ninfal pequena.

Charneira com desenvolvimento variável. Na valva direita os dentes se apresentam mais fortes.

Tellina (Phyllodina) squamifera Deshayes, 1855.

Tellina squamifera Deshayes, 1855, 22: 365; DALL, 1920a, p. 294; BOSS, 1968, vol. 4, nº 45, p. 255-256, pl. 136, fig. 1, p. 137, fig. 1; pl. 140, fig. 3; ABBOTT, 1974, p. 497, nº 5644.

Phyllodina squamifera Deshayes, OLSSON, 1961, p. 397.

Localidade tipo: Miami Beach, Flórida, por designação de BOSS, 1968.

Descrição: Concha medindo até 24,9 mm de comprimento por 14,9 mm de largura, oval, alongada, um pouco comprimida (figs. 41 e 42).

Umbo quase central, pequeno e agudo. Margem dorsal anterior longa e suavemente inclinada; margem dorsal posterior longa e suavemente inclinada; margem anterior estreitamente arredondada; margem dorsal posterior longa, quase reta, formando uma truncção oblíqua; margem ventral suavemente arredondada.

Escultura constituída de fortes elevações concêntricas separadas por faixas profundas. Essas elevações tornam-se mais evidentes na superfície posterior, formando foliações que dão um aspecto escamoso às valvas.

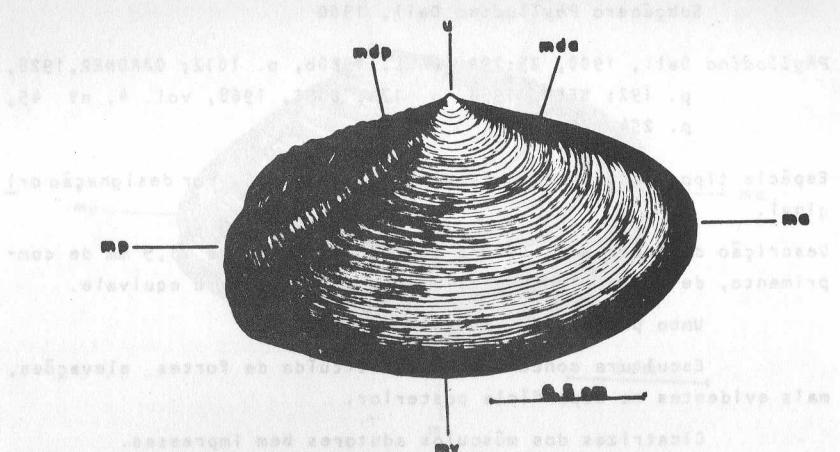


FIGURA 41 - *Tellina squamifera* Deshayes, 1855. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

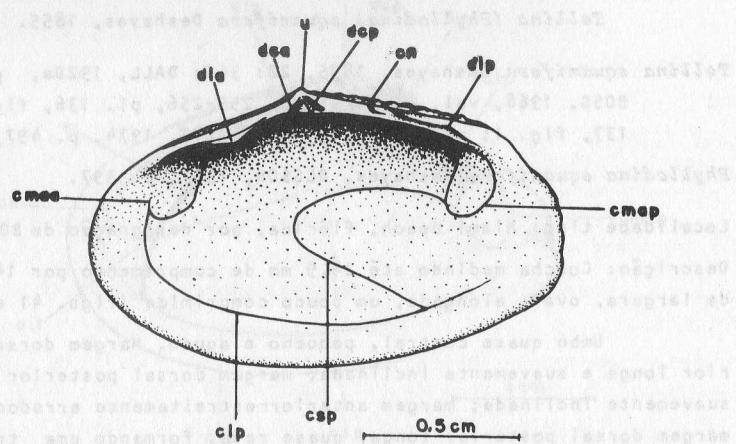


FIGURA 42 - *Tellina squamifera* Deshayes, 1855. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; clp, cicatriz da linha palial; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; cn, calosidade ninfa; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dip, dente lateral posterior e u, umbo.

Cicatriz dos músculos adutores bem impressas. Cicatriz do sinus palial lanceolada, inclinando-se fortemente para confluir com a linha palial. Esta cicatriz encontra-se bem afastada da cicatriz do músculo adutor anterior. Presença de uma cicatriz interlinear.

Ligamento curto e protuberante, de cor marrom claro. Calosidade ninfa pequena.

Charneira razoavelmente bem desenvolvida na valva direita, constituindo-se de um dente posterior, bifido, forte, subdeltóide, e um dente anterior pequeno, fino e laminado. Lateral anterior distal, forte e bem desenvolvido. Na valva esquerda o complexo cardinal constitui-se de um dente anterior forte, bifido, deltóide, com lóbulo posterior mais desenvolvido e um dente posterior bem desenvolvido fino e laminado. Lateral anterior distal, fraco e pobemente desenvolvido; ausência do dente lateral posterior.

Externamente a concha é branca pouco lustrosa, apresentando uma mancha amarela concentrada na região do umbo e algumas manchas marron claro espalhadas na superfície da concha. Internamente é lustrosa, branca com algumas manchas amarelas.

Discussão: Espécie caracterizada por apresentar concha inflada, contorno oval-alongado, superfície posterior serrilhada e sinus palial lanceolado, unido à cicatriz do músculo adutor posterior através de uma cicatriz interlinear.

Para BOSS (1968) *T. squamifera* deve ser separada de *T. persica* pela forte foliação que ocorre na superfície posterior das valvas daquela espécie e pela mais espessa e saliente escultura céntrica.

Distribuição: Cabo Hatteras, Carolina do Norte e do Sul, Ilhas e Arrecifes da Flórida, para o Golfo do México e Texas (BOSS, 1968).

Foram encontrados 221 exemplares procedentes de Alagoas, Sergipe, Paraíba, Rio Pará e Amapá. Trata-se do primeiro registro de ocorrência da espécie para o Brasil.

Material examinado: AK 08(2); AK 81(13); AK 86(16); AK 87(24 e 6 ex c/); AK 94(6); AK 139(7); AK 142(2); AK 164(3); AK 180(34); AK 18 (35); AK 183(33); AK 185(1); CAN 134(2); CAN 136(2); SALD. I 1784 (1); SALD.II 1843(2); SALD.II 1906(12); SALD.II 1908(1); SALD. II 1910(21); SALD.II 1911(3) e SALD.II 1912(1).

Subgênero *Merisca* Dall, 1900

Merisca Dall, 1900, 23:290.

Lyratellina Olsson, 1961, p. 383.

Merisca Dall 1900; DALL, 1900b, p. 1012; GARDNER, 1928, p. 191; MOORE, 1969, p. N617; ABBOTT, 1974, p. 498.

Espécie tipo: *Tellina crystalina* Wood, 1815 (=*Tellina cristalina* Spengler, 1798) por designação original.

Descrição do subgênero: Concha medindo entre 5,1 mm e 26,3 mm de comprimento, de formato trigonal, suborbicular e subquadrada, forte e inflada.

Umbo quase central, algumas vezes proeminente e agudo.

Escultura constituída de fortes linhas concêntricas, separadas por faixas planas e geralmente regulares.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas; cicatriz do sinus pallial formando uma pequena elevação em direção ao umbo, em algumas espécies o sinus pallial torna-se paralelo à linha pallial, confluindo com a mesma na metade de seu comprimento.

Ligamento pequeno, calosidade ninfal na maioria das vezes encontrase ausente.

Charneira bem desenvolvida na valva direita. Na esquerda, os laterais são muito fracos.

Chave para a identificação das espécies do subgênero *Merisca* na Costa brasileira.

1 - Concha sub-orbicular, margem dorsal anterior reta	2
- Concha oval-arredondada, margem dorsal anterior com declive suave	3
- Concha subquadrada, margem dorsal anterior c/ forte declive	4
2 - Sinus pallial quase reto, descendo abaixo do músculo adutor anterior	<i>T. aequistriata</i>
3 - Sinus pallial pouco arqueado, descendo paralelo à linha pallial	<i>T. martinicensis</i>
4 - Sinus pallial fortemente arqueado, descendo paralelo à linha pallial	<i>T. juttingae</i>

Tellina (Merisca) aequistriata Say, 1824

Tellina aequistriata Say, 1824, 4: 145, pl. 10, fig. 7.

Tellina linteae Conrad, 1837, 7: 259, pl. 20, fig. 3.

Tellina guadaloupensis d'Orbigny, 1842 apud Sagra, Atlas, pl. 26, figs. 1-3.

Quadrans linteae Conrad; WARMKE and ABBOTT, 1961, p. 198, pl. 41K.

Tellina aequistriata Say, 1824; BOSS, 1968, vol. 4, nº 45, p. 267-269, pl. 139, fig. 1; pl. 141, figs. 1-2; pl. 142, figs. 1-3; ABBOTT, 1974, p. 498, nº 5650; RIOS, 1975, p. 240, nº 1153, pl. 76.

Localidade tipo: Maryland, Mioceno, por designação original.

Descrição: Concha medindo até 11,4 mm de comprimento por 9,1 mm de largura, arredondada, forte, inflada, com a valva esquerda mais convexa que a direita (figs. 43 e 44).

Umbo subcentral e agudo. Margem dorsal anterior reta e fortemente inclinada; margem dorsal posterior longa, reta e fortemente inclinada; margem anterior amplamente arredondada; margem posterior curta, apresentando-se dividida em duas seções que formam extremidades agudas; margem ventral arqueada, inclinando-se fortemente para o lado posterior.

Escultura constituindo-se de fortes elevações concêntricas, separadas por faixas regulares e planas. Em algumas valvas, as elevações tornam-se onduladas, dando aspecto escamoso às valvas.

Cicatrizes dos músculos adutores relativamente bem impressas. Cicatriz do sinos palial formando uma pequena elevação na direção do umbo, descendo para confluir com a linha palial imediatamente abaixo da cicatriz do músculo adutor posterior.

Ligamento pequeno e amarelo. Ausência da calosidade ninfal.

Charneira bem desenvolvida na valva direita, constituída de um dente posterior forte, bifido, deltóide e um dente anterior pequeno e laminado; lateral anterior distal, forte e bem desenvolvida; lateral posterior distal e bem desenvolvida. Na valva esquerda o complexo cardinal está constituído de um dente anterior, forte, bem desenvolvido, bifido, deltóide, com lóbulo anterior maior que o posterior e torcido para o lado posterior, e de um dente pos-

terior, pequeno e laminado; laterais fracamente desenvolvidos.

Externamente e internamente as conchas são opacas e brancas.

Discussão: Em observações menos detalhadas, pode-se verificar certa semelhança entre as conchas de *T. aequistriata* com *T. (Acorylus) gouldii* Harbinson, 1953, sendo muitas vezes confundidas durante a separação do material. Ambas são pequenas, brancas e alongadas, porém foram encontradas também valvas arredondadas de *Taequistriata*, além de possuírem esculturas muito parecidas. Entretanto, a charneira e a cicatriz do sinus palial é que vão diferenciar as duas espécies.

Distribuição: Beaufort, Carolina do Norte e do Sul, Ilhas Bahamas, Grandes e Pequenas Antilhas para a Bahia, Brasil (BOSS, 1968).

MATTHEWS & RIOS (1969) citam o Ceará como área de ocorrência da espécie.

MATTHEWS & KEMPF (1970) mencionam que é uma espécie presente na plataforma continental do norte e nordeste do Brasil (Ceará-Alagoas).

RIOS (1975) cita também os Estados do Ceará e Alagoas como áreas de ocorrência.

Espécie representada por 99 exemplares distribuídos nos Estados de Alagoas, Ceará, Pernambuco, Amapá, Maranhão e Pará.

Material examinado: AK 94(1); CAN 94(3); CAN II(1); CAN 21(2); CAN Fortaleza(2); PE 03(3); PE 27-A(3); PE 30-A(2); PE 35-A(2); RE 30(1); RE 50(1); RE 51(2); RE 53(1); RE 65(1); SALD.II 1906(3); RE 112(6); RE 113(3); RE 136(3); RE 143(1 e 1 ex.c.); RE 150(1); RE 154(4); SALD.I 1667-B(1); SALD.I 1676; SALD.I 1729-A(1); SALD.I. 1742(1); SALD.I 1806(1); SALD.I 1817(1); SALD.I 1709(2); SALD.I 1715-A(2); SALD.II 1843(5); SALD.II 1858(1); SALD.II 1885(2); SALD.II 1905(1 e 1 ex.c.); GEO I 22(2); GEO I 28(1); GEO I 31(1); GEO I 40(3); PESQ.IV 26(3); PESQ.IV 27(1); PESQ.IV 46(6); PESQ.IV 53(2); PESQ.IV 60(1); PESQ.IV 68(3) e PESQ.IV 69(6).

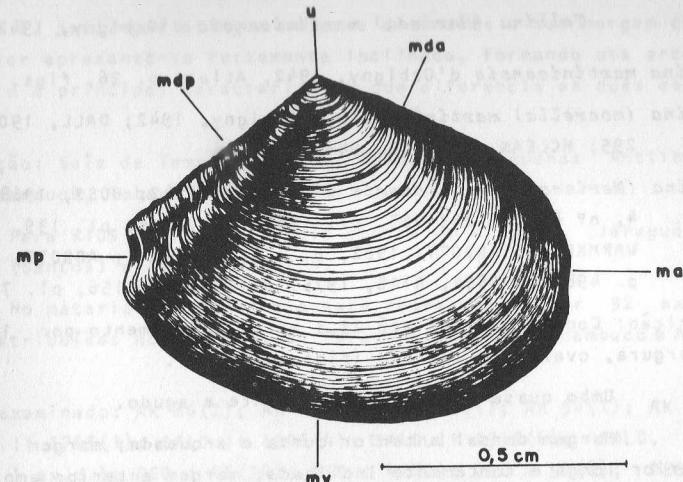


FIGURA 43 - *Tellina aequistriata* Say, 1824. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

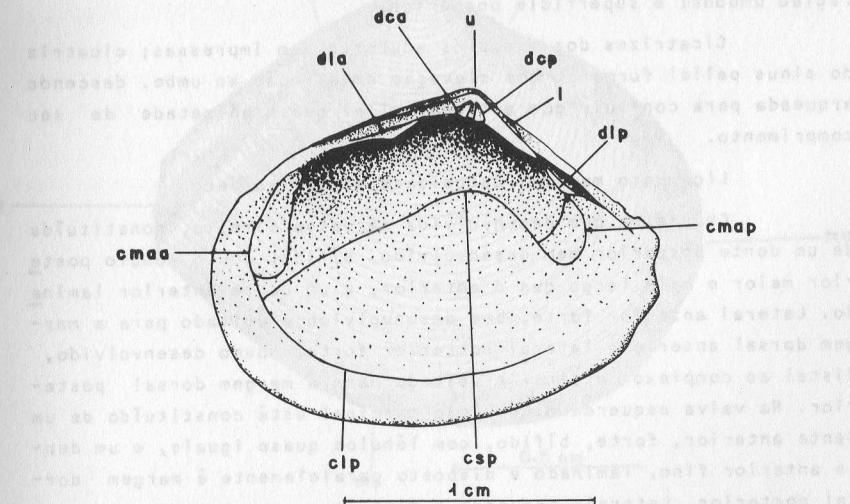


FIGURA 44 - *Tellina aequistriata* Say, 1824. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dip, dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbo.

Tellina (Merisca) martinicensis d'Orbigny, 1942

Tellina martinicensis d'Orbigny, 1942, Atlas, p. 26, figs. 6-9.

Tellina (moerella) martinicensis d'Orbigny, 1942; DALL, 1900a, 23: 295; MCLEAN, 1951, p. 94-95.

Tellina (Merisca) martinicensis d'Orbigny, 1942; BOSS, 1968, vol. 4, n° 45, p. 263-265, pl. 138, figs. 1-4; pl. 139, fig. 5; WARMKE and ABBOTT, 1962, p. 196, pl. 40-i; ABBOTT, 1974, p. 498, n° 5654, RIOS, 1975, p. 241, n° 1156, pl. 77.

Descrição: Concha medindo até 23,3 mm de comprimento por 16,9 mm de largura, ovalada e inflada (figs. 45 e 46).

Umbo quase central, proeminente e agudo.

Margem dorsal anterior curta e arqueada; margem dorsal posterior longa e fortemente inclinada; margem anterior amplamente arredondada; margem posterior curta e quase reta; margem ventral arqueada inclinando-se posteriormente.

Escultura constituída de fortes linhas concêntricas separadas por faixas largas, estas linhas tornam-se mais agrupadas na região umbonal e superfície posterior.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas; cicatriz do sinus pallal formando uma elevação em direção ao umbo, descendo arqueada para confluir com a linha pallal quase na metade de seu comprimento.

Ligamento marrom. Calosidade ninfal ausente.

Charneira bem desenvolvida na valva direita, constituída de um dente posterior bem desenvolvido, bifido, com o lóbulo posterior maior e mais largo que o anterior, e um dente anterior laminado. Lateral anterior forte, bem desenvolvido e voltado para a margem dorsal anterior; lateral posterior forte, pouco desenvolvido, distal ao complexo cardinal e voltado para a margem dorsal posterior. Na valva esquerda o complexo cardinal está constituído de um dente anterior, forte, bifido, com lóbulos quase iguais, e um dente anterior fino, laminado e disposto paralelamente à margem dorsal posterior. Laterais pequenas e distais.

Externamente as conchas são opacas e branco amareladas, internamente são brancas com discreto brilho.

Discussão: Dentre as espécies do subgênero *Merisca*, *T. martinicensis* é mais parecida com *T. juttingae* Altena, 1965; entretanto, as

conchas de *T. juttingae* atingem maiores dimensões e sua margem dorsal anterior apresenta-se fortemente inclinada, formando uma arqueação. Esta é a principal característica que diferencia as duas espécies.

Distribuição: Baía de Tampa, Flórida, Grandes e Pequenas Antilhas para Scarborough, Tobago (BOSS, 1966).

Para RIOS (1975) a espécie ocorre em Alagoas (Jaraguá), São Paulo (Santos) e Rio de Janeiro.

No material estudado ela está representada por 92 exemplares distribuídos nos Estados do Pará, Maranhão, Pernambuco e Alagoas.

Material examinado: AK 86(2); AK 87(31); AK 94(1); AK 94(1); AK 33(2); SALD.II 1765(1); SALD.II 1906(4); SALD.II 1910(6); SALD.II 1911 (1 e 1 ex.c.); GEO I 46(24); GEO I 47(2); GEO I 54(8); PESQ.IV 11(2) e PESQ.IV 27(438).

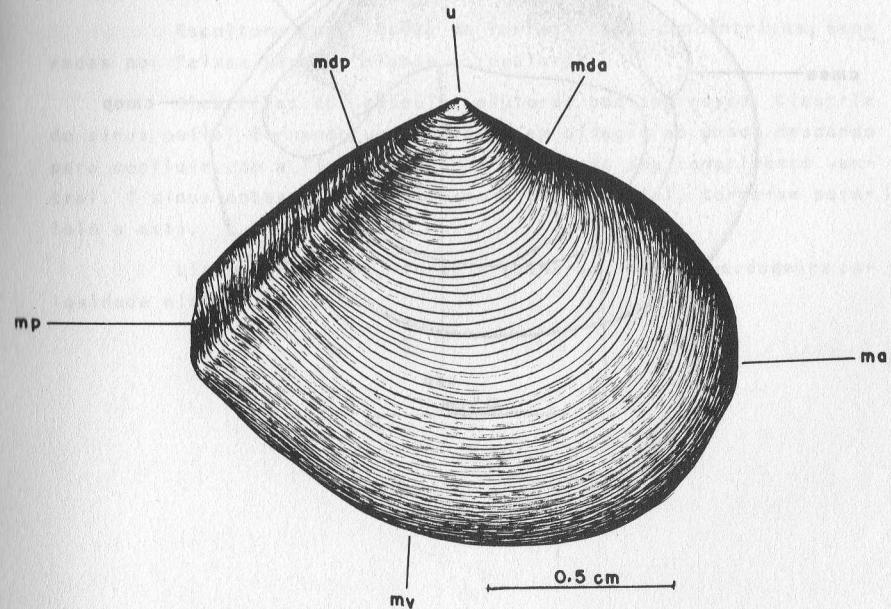


FIGURA 45 - *Tellina martinicensis* d'Orbigny, 1942. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

Tellina (Merisca) juttingae Altena, 1965.

Lyratellina juttingae Altena, 1965, 29:52-54, figs. 1a-e.

Tellina juttingae Altena, 1965, BOSS, 1968, vol. 4, n° 45, p. 265, pl. 139, fig. 2; pl. 140, figs. 1-2; ABBOTT, 1974, p. 498, n° 5655; RIOS, 1975, p. 241, n° 1155, pl. 76.

Localidade tipo: Norte da foz do rio Surinam, por designação original.

Descrição: Concha medindo até 28,4 mm de largura, alongada, subquadrada e inflada (figs. 47 e 48).

Umbo subcentral, bem desenvolvido, proeminente e agudo.

Margem dorsal anterior inclinada abruptamente, formando uma arcuação; margem dorsal posterior longa e quase reta; margem anterior amplamente arredondada, inclinando-se posteriormente.

Escultura constituída de fortes linhas concêntricas, separadas por faixas largas, planas e regulares.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas. Cicatriz do sinus palial formando uma elevação em direção ao umbo, descendo para confluir com a linha palial na metade de seu comprimento ventral. O sinus antes de confluir com a linha palial, torna-se paralelo a esta.

Ligamento marrom, forte e submerso, não há verdadeira casca ninfa.

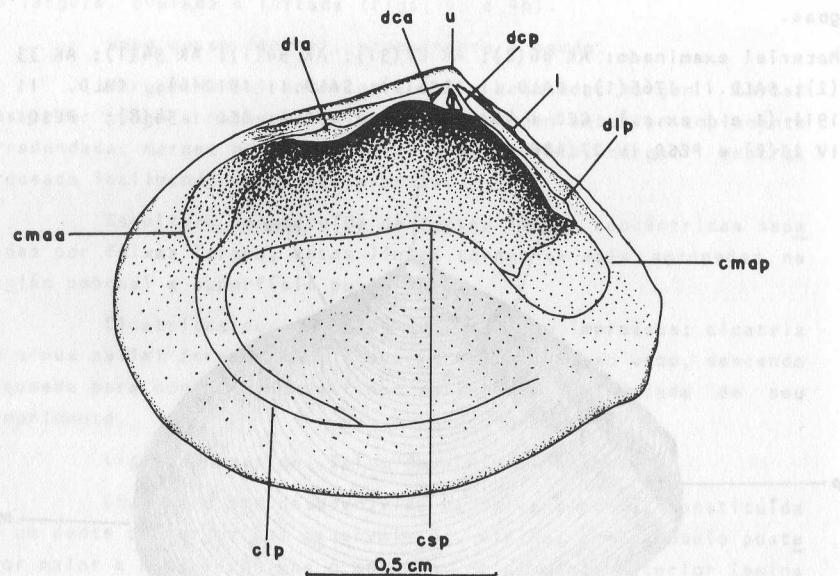


FIGURA 46 - *Tellina martinicensis* d'Orbigny, 1942. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dip, dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbro.

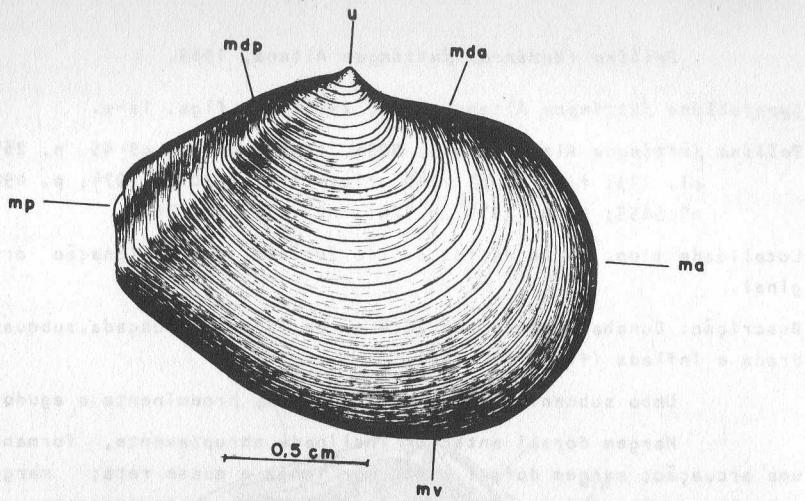


FIGURA 47 - *Tellina juttingae* Altena, 1965. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

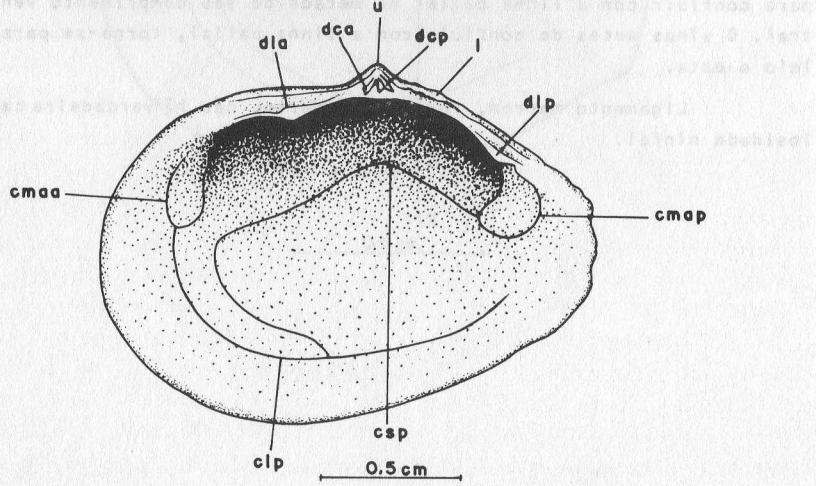


FIGURA 48 - *Tellina juttingae* Altena, 1965. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dia, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbo.

Charneira bem desenvolvida na valva direita, constituída de um dente posterior bifido, subdeltóide, com lóbulo posterior maior que o anterior; e de um dente anterior, fino e laminado; laterais fortes. Na valva esquerda o complexo cardinal está constituído de um dente anterior, forte, subdeltóide, bifido, e de um dente posterior, pequeno, fino e laminado. Laterais pequenos, localizados na lámina da charneira.

Externamente e internamente as valvas são brancas e pouco lustrosas.

Discussão: Espécie caracterizada principalmente pela forte arcuação da margem dorsal anterior e o amplo arredondamento da margem anterior. A maioria dos espécimes encontrados apresentava grande tamanho em relação às outras espécies do subgênero *Merisca*.

Para BOSS (1968) *Tellina lyra* Hanley do Pacífico Oriental é análoga a *T. juttingae*.

Distribuição: Ocorre de Suriname a Trindade (BOSS, 1968) e no Caribe Inferior e Brasil (ABBOTT, 1974).

No material estudado, *T. juttingae* está representada por apenas 35 espécimes, distribuídos em Alagoas, Amapá e Pará. Anteriormente a espécie havia sido registrada por RIOS (1975) no Amapá.

Material examinado: AK 07(2); SALD.I 1787 II(1); SALD.N-NE-I 1793 B II(10); SALD.N-NE I 1794(3); SALD.N-NE I 1796(1); SALD.N-NE I 1787 (4); SALD.N-NE I 1908(1); SALD.N-NE II 1910(3); SALD.N-NE II 1926 (2); SALD.N-NE II 1926(6) e P.N.I 1993(2).

Subgênero *Scissula* Dall, 1900

Scissula Dall, 1900, 23: 291; GARDNER, 1928, p. 194; KEEN, 1958, p. 174; BOSS, 1968, vol. 4, n° 46, p. 327-328; MOORE, 1969, p. N619; ABBOTT, 1974, p. 503.

Espécie tipo: *Tellina decora* Say, 1826 (=*Tellina similis* Sowerby, 1806), por designação de BOSS (1968).

Descrição do subgênero: Concha medindo de 9,6 a 35,3 mm de comprimento de, forma alongada, fina e comprimida.

Umbo posterior no meio, opistôgiro e obtuso.

Escultura constituída de fracas linhas concêntricas e li-

nhas diagonais partindo da margem anterior até quase no centro da concha.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas; cicatriz do sinus pallial arredondado.

Ligamento marrom claro, pequeno e portuberante.

Charnelra pouco desenvolvida; dentes laterais atrofiados ou ausentes.

Tellina (scissula) similis Sowerby, 1806

Tellina similis Sowerby, 1806, 2:29, pl. 75.

Tellina caribaea d'Orbigny, 1842, Atlas, pl. 25 (figs. 47 e 49).

Tellina (Scissula) similis Sowerby, 1806; DALL, 1900, 23: MAURY, 1920, p. 85; WARME and ABBOTT, 1962, p. 192, pl. 40m; BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 328-331; ABBOTT, 1974, p. 503, nº 5696, pl. 23.

Localidade tipo: Flórida, por designação de BOSS, 1968, vol. 4, nº 46, p. 328.

Descrição: Concha medindo até 35,3 mm de comprimento por 18 mm de largura, alongada, fina, frágil e comprimida (figs. 49 e 50).

Umbo posterior ao meio, opistôgiro e obtuso.

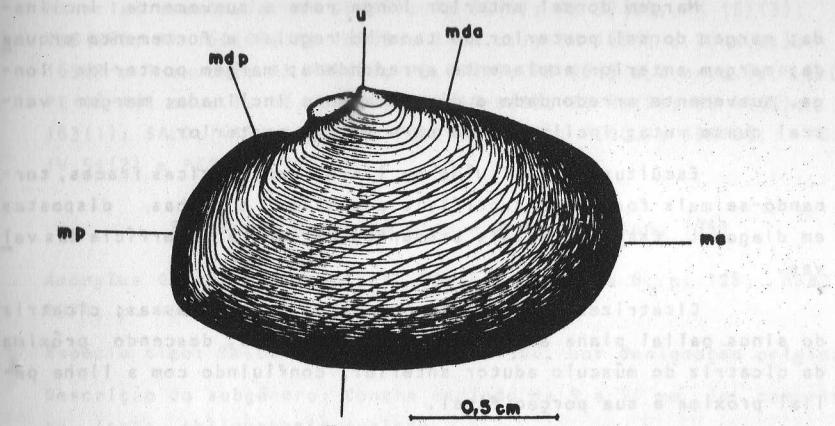
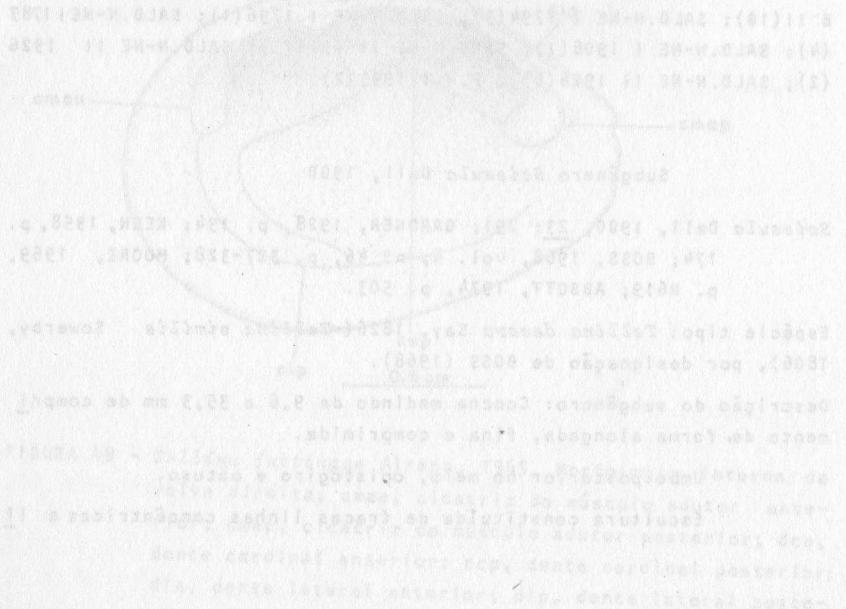


FIGURA 49 - *Tellina similis* Sowerby, 1806. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

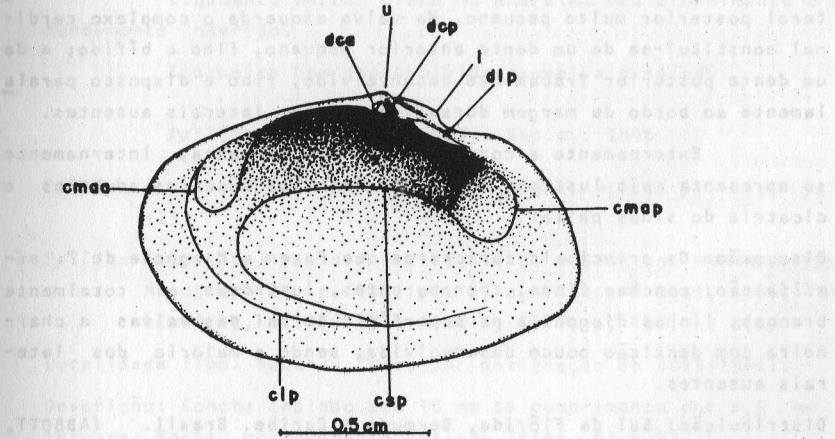


FIGURA 50 - *Tellina similis* Sowerby, 1806. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus pallial; dca, dente cardinal anterior; dep, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbo.

Margem dorsal anterior longa, reta e suavemente inclinada; margem dorsal posterior de tamanho regular e fortemente arqueada; margem anterior amplamente arredondada; margem posterior longa, suavemente arredondada e discretamente inclinada; margem ventral quase reta; inclinando-se para o lado posterior.

Escultura constituída de linhas concêntricas fracas, tornando-se mais fortes na superfície posterior, e linhas dispostas em diagonal. Estrias radiais presentes em toda a superfície das valvas.

Cicatrizes dos músculos adutores bem impressas; cicatriz do sinus pallial plana arredondada anteriormente, descendo próxima da cicatriz do músculo adutor anterior, confluindo com a linha pallial próxima à sua porção final.

Ligamento marrom claro, curto e protuberante, calosidade ninfae pequena.

Charneira pouco desenvolvida. Na valva direita o complexo cardinal constitui-se de um dente posterior, pouco desenvolvido, bifido, deltóide, com lóbulo posterior maior que o anterior, e de um dente anterior pequeno e deltóide; lateral anterior ausente; lateral posterior muito pequeno. Na valva esquerda o complexo cardinal constitui-se de um dente anterior pequeno, fino e bifido; e de um dente posterior fracamente desenvolvido, fino e disposto paralelamente ao bordo da margem dorsal posterior, laterais ausentes.

Externamente a concha é lustrosa e branca, internamente se apresenta mais lustrosa nas cicatrizes dos músculos adutores e cicatriz do sinus pallial.

Discussão: Os principais caracteres que fazem a diagnose de *T. similis* são: conchas finas, transparentes, lustrosas e totalmente brancas; linhas diagonais na superfície dorsal das valvas e charneira com dentição pouco desenvolvida, sendo a maioria dos laterais ausentes.

Distribuição: Sul da Flórida, Bermudas e Caribe. Brasil. (ABBOTT, 1974).

Espécie representada por 130 exemplares, distribuídos em Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Maranhão, Pará e Amapá. Anteriormente havia sido citada por CAUQUOIN (1967), entre Salvador e Santos; por CARDOSO & RIOS (1967) no litoral de Alagoas e por KEMPF & MATTHEWS (1968) no Ceará, em profundidades de 17 a 53 metros.

Material examinado: AK 01(18); AK 69(1); AK 97(2); AK 151(3); AK 155(26); AK 160(6); AK 164(3 e 2 ex.c.); AK 168(4 e 2 ex.c.); AK 169(3 e 1 ex.c.); AK 174(8); PE 01(1); PE 06(3 e 2 ex.c.); PE 09(9); PE 18-A(1 ex.c.). RE 10-A(2); RE 10-B(1); RE 41(2); RE 44(2); RE 183(1); SALD.I(1); PN I(4); PESQ.IV 09(5); PESQ.IV 10(10); PESQ.IV 51(2) e PESQ.IV 57(1).

Subgênero *Acorylus* Olsson and Harbison, 1953

Acorylus Olsson and Harbison, 1953, Monografia 8, p. 128; ABBOTT, 1974, p. 498.

Espécie tipo: *Tellina suberis* Dall, 1900, por designação original.

Descrição do subgênero: Concha medindo de 9 a 11 mm de comprimento, forte, obliquamente ovalada.

Umbo posterior ao meio, elevado e obtuso.

Escultura constituída de finas linhas concêntricas que tornam-se mais largas na superfície posterior das valvas.

Cicatrizes dos músculos adutores pouco impressas.

Ligamento marrom claro ou amarelo, não proeminente e profundamente inserido.

Charneira bem desenvolvida na valva direita.

Tellina (Acorylus) gouldii Hanley, 1846

Tellina cuneata d'Orbigny, 1842 apud Sagra, Atlas, pl. 26, figs. 21-23.

Tellina (Acorylus) gouldii Hanley, 1846. OLSSON and HARBISON(1953), Monograph 11, p. 134, pl. 5j e K, mapa 8.BOSS, 1966, vol. 4, nº 45, p. 270-272; ABBOTT, 1974, p. 498, nº 5659.

Localidade tipo: Habana, Cuba, por designação de BOSS(1966).

Descrição: Concha medindo até 10 mm de comprimento por 6,5 mm de largura; forte, obliquamente ovalada (figs. 51 e 52).

Umbo posterior ao meio, elevado e obtuso.

Margem dorsal anterior longa, reta e fortemente declinada; margem dorsal posterior longa com suave arcuação e fortemente declinada; margem anterior estreitamente arredondada; margem posterior curta, formando uma truncção; margem ventral suavemente arqueada, inclinando-se fortemente para o lado posterior.

Escultura constituída de finas linhas elevadas, concéntricas e uniformes em toda a superfície da concha; estas linhas tornam-se mais afastadas umas das outras na superfície posterior das valvas.

Cicatrizes dos músculos adutores fracamente impressas; cicatriz do sinos pallial plana, tocando na cicatriz do músculo adutor anterior, dando uma volta para confluir com a linha pallial no seu primeiro terço.

Ligamento não observado.

Charneira relativamente bem desenvolvida. Na valva esquerda o complexo cardinal constitui-se de um dente anterior bem desenvolvido, com lóbulos subiguais, e um dente posterior fino e laminado; dentes laterais atrofiados. A valva direita constitui-se de um dente posterior forte bem desenvolvido, com lóbulo posterior mais largo que o anterior e um dente anterior pequeno, laminado; dente lateral anterior forte, bem desenvolvido e distal ao complexo, lateral posterior também forte e bem desenvolvido.

Externamente e internamente as valvas se apresentam brancas e opacas.

Discussão: Devido a coloração branca das valvas, seu pequeno tamanho e tipo de escultura, *T. gouldii* pode ser facilmente confundida com alguns representantes do subgênero *Merisca*; entretanto a forma da concha obliquamente ovalada é uma característica importante na separação das espécies.

Distribuição: Bermudas, Sudeste da Flórida e Caribe (ABBOTT, 1974).

Foram encontrados, 18 exemplares desta espécie na plataforma continental do Maranhão. Trata-se do primeiro registro de ocorrência para o Brasil.

Material examinado: PESQ. IV 69(18).

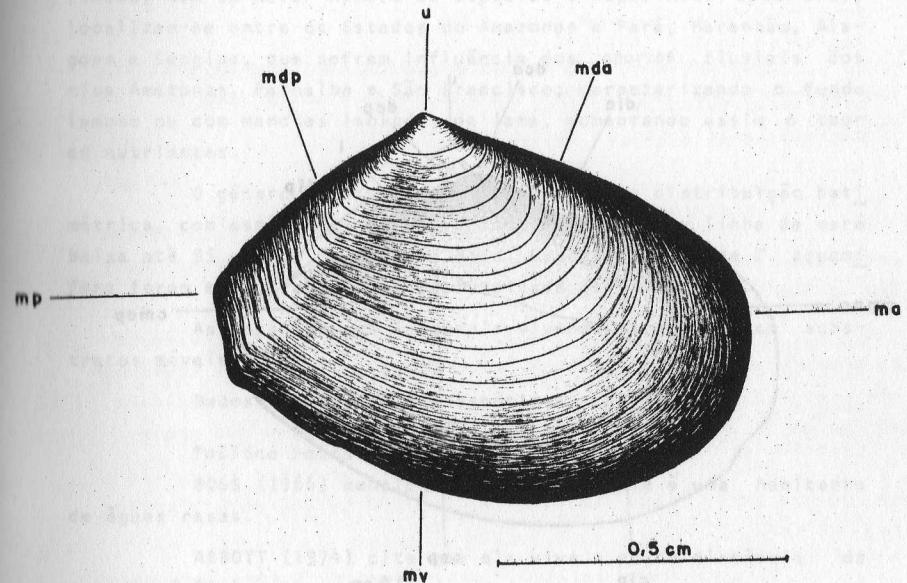


FIGURA 51 - *Tellina gouldii* Hanley, 1846. Morfologia externa da valva direita; ma, margem anterior; mda, margem dorsal anterior; mdp, margem dorsal posterior; mp, margem posterior; mv, margem ventral e u, umbo.

do abrigo ab. sanguinosa ab. coerulea ab. alba (1971).
No oceano central o *Tellina* é subabundante no norte e abundante no sul, com espécimes de 20 a 30 mm de comprimento.
A espécie é comum nas águas rasas e costeiras e raramente é encontrada em profundidades de 200 m ou mais.

Os fatores que vão influenciar diretamente as espécies do gênero *Tellina* são a natureza do substrato e o teor em nutrientes. O substrato preferido por esses bivalves é o constituído de areia e lama.

Foi observado que nas áreas próximas às desembocaduras dos grandes rios, o gênero *Tellina*, apresentava-se mais diversificado, com um maior número de espécies e espécimens. Estas áreas localizam-se entre os Estados do Amazonas e Pará, Maranhão, Alagoas e Sergipe, que sofrem influência dos aportes fluviais dos rios Amazonas, Parnaíba e São Francisco; caracterizando o fundo lamoso ou com manchas isoladas de lama, aumentando assim o teor em nutrientes.

O gênero *Tellina* apresenta uma ampla distribuição batimétrica, com espécimens vivos, encontrados desde a linha da maré baixa até 95 metros de profundidade. Conchas vazias de *T. squamifera* foram encontradas numa profundidade de 540 metros.

As espécies são infaunais vivendo enterradas em substratos móveis.

Dados ecológicos das espécies:

Tellina radiata Linnaeus, 1758

BOSS (1966) menciona que esta espécie é uma habitante de águas rasas.

ABBOTT (1974) cita que ela vive a pouco distância da praia até 86,4 m.

Espécie pouco comum nas regiões estudadas, sendo encontrada em profundidades de 38 e 95 metros, em substratos orgânicos e de areia e lama.

Tellina brasiliiana Spengler, 1798

KEMPF & MATTHEWS (1968) registraram esta espécie na plataforma continental do Norte e Nordeste do Brasil, entre 21 e 95 metros de profundidade.

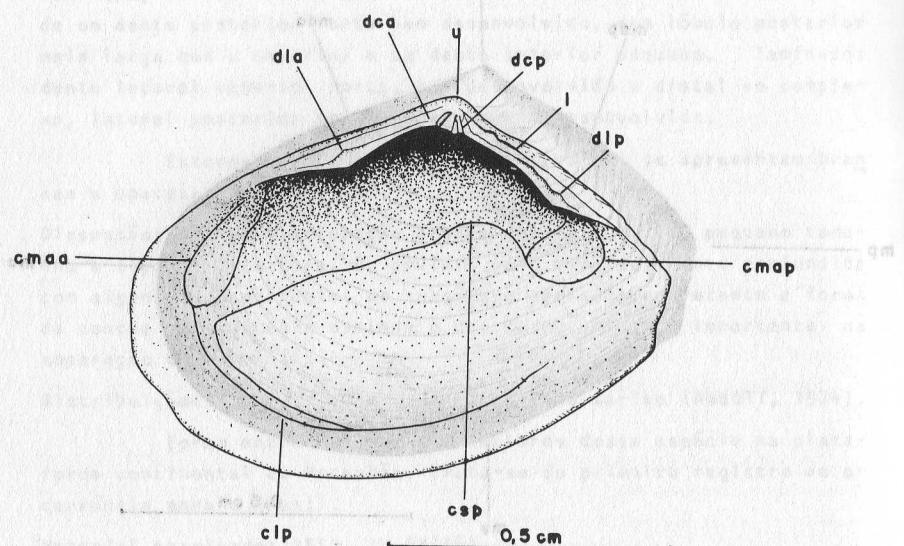


FIGURA 52 - *Tellina gouldii* Hanley, 1846. Morfologia interna da valva direita; cmaa, cicatriz do músculo adutor anterior; cmap, cicatriz do músculo adutor posterior; csp, cicatriz do sinus palial; dca, dente cardinal anterior; dcp, dente cardinal posterior; dla, dente lateral anterior; dlp, dente lateral posterior; l, ligamento e u, umbo.

RIOS (1975) cita as áreas de ocorrência da referida espécie e menciona as profundidades de 20 a 100 metros onde os espécimes foram encontrados.

Foi dragada entre 13 e 95 metros de profundidade em substrato organogênico e de areia e lama.

Tellina petitiana d'Orbigny, 1846

RIOS (1975) menciona que esta espécie vive em substrato de areia e lama e cascalho.

Foram encontrados exemplares desta espécie em substrato arenoso, numa profundidade de 75 metros.

Tellina iheringi Dall, 1846

Espécie pouco comum na plataforma continental brasileira, sendo dragada sobre fundo arenoso, numa profundidade de 75 metros.

Tellina listeri Röding, 1798

KEMPF & MATTHEWS (1968) mencionam várias localidades onde foram encontrados exemplares desta espécie em profundidades que variam entre 33 e 90 metros.

MATTHEWS & KEMPF (1970) comentam que ela ocorre em toda plataforma continental do Norte e Nordeste do Brasil (Pará-Bahia), em sua parte média, a partir de 20 metros de profundidade, em fundos de areia ou de algas calcárias misturadas com areia.

ABBOTT (1974) diz que é abundante em areia grosseira e em algumas áreas rasas das Antilhas a 91,50 metros de profundidade.

Os espécimes estudados procederam de fundos organogênicos e arenosos entre 20 e 59 metros de profundidade.

Tellina versicolor Dall, 1881

ABBOTT (1974) cita que é uma espécie comum, dragada numa profundidade variando entre 1,83 a 65,75 metros.

RIOS (1975) registra sua ocorrência em fundos de areia.

Os exemplares foram encontrados entre 7 e 69 metros de profundidade em substratos de areia e lama.

Tellina sybaritica Dall, 1881

RIOS (1975) afirma que a espécie tem como habitat os fundos arenosos a 72 metros de profundidade.

Espécie dragada sobre fundos organogênicos e arenosos, numa profundidade entre 14 e 95 metros.

Tellina exerythra Boss, 1964

Os exemplares desta espécie foram coletados em substratos de areia e lama e algas calcárias, entre 7 e 38 metros de profundidade.

Não há registro de sua ecologia na bibliografia consultada.

Tellina probina Boss, 1964

Seus espécimes foram dragados em substratos constituídos de cascalho e areia, algas calcárias, areia e lama, em profundidades que variavam entre 14 e 100 metros.

Não há registro de sua ecologia na bibliografia consultada.

Tellina euvitrea Boss, 1964

ABBOTT (1974) afirma que a espécie foi encontrada entre 1,83 a 21,6 metros de profundidade.

Espécie encontrada em substratos organogênicos e de areia e lama.

Tellina diantha Boss, 1964

Ocorre em fundos de areia, numa profundidade de 13 metros.

Na bibliografia consultada não há registro de sua ecologia.

Tellina gibber von Ihering, 1907

RIOS (1975) cita os seguintes dados ecológicos: habitat constituído de fundos arenosos e lamosos, em profundidades que variavam entre 15 e 65 metros.

No material estudado a espécie foi encontrada em substratos de areia e lama, numa profundidade de 7 e 26 metros.

Tellina punicea Born, 1778

BOSS (1968) menciona que esta espécie vive em águas relativamente rasas, sendo encontrada a 54 metros. Muitas amostras procedem de fundos lamosos.

MATTHEWS & KEMPF (1970) coletaram vários exemplares jovens vivos desta espécie, procedentes da Ilha de Fernando de Noronha; ali são encontrados em fundos de areia, desde a parte inferior da zona tidal até aproximadamente 10 metros de profundidade.

RIOS (1975) cita a areia lamosa como habitat desta espécie.

Os espécimes estudados procederam de fundos de areia e lama, entre 21,5 e 27 metros de profundidade. Apenas duas valvas foram coletadas na praia sobre o andar supra-litoral.

Tellina angulosa Gmelin, 1791

ABBOTT (1974) menciona que é uma espécie comum entre 2 e 76 metros de profundidade.

Para RIOS (1975), ela habita fundos de areia lamosa.

Conchas foram obtidas entre 9 e 88 metros de profundidade, em substratos de areia e lama e lama e areia lamosa.

Tellina lineata Turton, 1819

ABBOTT (1974) afirma que é uma espécie abundante, ocorrendo na areia, desde o limite da baixa-mar até alguns metros de profundidade.

RIOS (1975) cita como seu habitat os fundos de areia lamosa.

Espécie distribuída em quase todo litoral brasileiro. Foi coletada manualmente em três estuários pernambucanos: Rio Doce-Olinda, Canal de Santa Cruz-Itamaracá e Acaú na divisa de Pernambuco e Paraíba.

Tellina alternata Say, 1822

BOSS (1968) cita que ela parece preferir substratos de areia, ao longo da região da plataforma, entre 18 e 126 metros de profundidade.

ABBOTT (1974) comenta que *T. alternata* tem como distribuição batimétrica desde a linha de maré baixa até cerca de 126 metros de profundidade, sendo suas valvas freqüentemente arrastadas para a praia.

RIOS (1975) cita a areia lamosa como habitat da referida espécie.

Encontrada com freqüência na plataforma continental do Norte e Nordeste do Brasil, entre 7 e 88 metros de profundidade, em substratos de areia e lama, como também algas calcárias e cascalho.

Tellina tayloriana Sowerby, 1867

BOSS (1968) afirma que esta espécie é um importante elemento da fauna ao longo do Texas, entre 3,6 e 21,6 metros de profundidade.

ABBOTT (1974) faz referências a *T. tayloriana* mencionando que é comum em águas rasas, ocorrendo desde o limite mínimo de maré baixa, até 10 metros de profundidade.

Esta espécie parece não ser tão comum nas regiões estuadas, não ultrapassando os 39 metros de profundidade, tendo sido encontrada em substratos areno-lamosos.

Tellina vespucciana d'Orbigny, 1842

É a espécie de menor dimensão dentre as demais do gênero *Eurytellina*, atingindo até 8,5 mm de comprimento. Foram encontrados exemplares entre 16 e 88 metros de profundidade em substratos de areia e lama.

Não há qualquer registro de sua ecologia na bibliografia consultada.

Tellina nitens C.B.Adams, 1845

Para ABBOTT (1974) é uma espécie muito comum desde a linha de costa até 118 metros de profundidade.

RIOS (1975) menciona o substrato areno-lamoso como habitat de *T. nitens*.

Esta espécie foi dragada em profundidades que variam entre 7 e 223 metros, entretanto, neste último nível, surgiam apenas valvas isoladas. Os exemplares foram dragados em diversos tipos de fundo, incluindo algas calcárias e *Halimeda* (CAH), porém

predominam nos fundos de areia e lama.

Tellina trinitatis Tomlin, 1929

BOSS (1968) registrou a abundância dessa espécie em substratos de lama preta mole a 18 metros de profundidade no Golfo da Venezuela.

RIOS (1975) afirma que a espécie tem como habitat os fundos de areia lamosa.

Na plataforma continental brasileira a espécie foi dragada entre 17 e 223 metros de profundidade, em substrato de areia e lama. Até 60 metros foram encontrados exemplares completos além dessa profundidade só foram encontradas valvas isoladas.

Tellina squamifera Deshayes, 1885

Para PARKER (1960) apud BOSS (1966) *Tellina squamifera* vive entre 21,6 a 25,2 metros de profundidade, em fundos de areia, no norte do Golfo do México.

Os exemplares foram dragados em substratos de algas calcárias, areia e lama, numa profundidade entre 75 e 540 metros.

Tellina aequistriata Say, 1824

MATTHEWS & KEMPF (1970) comentam que apenas poucas valvas foram dragadas na plataforma continental do Norte e Nordeste do Brasil, em fundos arenosos a partir de pequenas profundidades, porém não sendo muito comum.

Para ABBOTT (1974) ela é comumente dragada nas Carolinas (16,20 a 39,60 metros de profundidade) raramente encontrada a poucos metros em águas da costa oeste da Flórida.

Rios (1975) cita os fundos lamosos como habitat da espécie.

No material estudado, a referida espécie foi encontrada em fundos de algas calcárias, areia quartzoza e areia e lama, numa profundidade de 24-95 metros.

Tellina martinicensis d'Orbigny, 1846

Segundo ABBOTT (1974) é uma "Telina" branca, moderadamente comum, encontrada entre 1,80 a 36 metros de profundidade.

RIOS (1975) menciona como habitat os fundos de areia e lama.

Exemplares desta espécie foram encontrados em substratos de areia e cascalho e areia e lama, entre 9 e 85 metros de profundidade.

Tellina juttingae Altena, 1965

RIOS (1975) menciona os fundos lamosos e a profundidade de 50 a 60 metros como habitat da espécie.

Os exemplares desta espécie foram encontrados em fundos de lama, em profundidades que variavam entre 17 e 60 metros.

Tellina similis Sowerby, 1806

BOSS (1968) afirma que a faixa de profundidade encontrada para a espécie é a de praias rasas até 234 metros. A preferência pelo tipo de fundo parece ser limitada à areia, particularmente areia grosseira.

ABBOTT (1974) cita que é comum em areias batidas.

Espécie dragada em fundos de areia e lama, em profundidades que variavam de 7 a 88 metros.

Tellina gouldii Hanley, 1846

De acordo com BOSS (1966) esta espécie prefere substratos arenosos com associações vegetais, em águas rasas.

Para ABBOTT (1974) é uma espécie razoavelmente comum na areia, áreas imprestáveis entre 1,83 a 540 metros de profundidade.

Os representantes desta espécie foram dragados em fundos de areia, numa profundidade de 32,5 metros.

CONSIDERAÇÕES ZOOGEOGRÁFICAS

do gênero *Tellina* Linnaeus, 1758 no Brasil.

O gênero *Tellina* Linnaeus, 1758 se apresenta bem representativo em várias regiões marinhas do mundo, ocorrendo nos oceanos Atlântico, Pacífico, Índico e nos mares Ártico, Mediterrâneo e Vermelho, constituindo-se um gênero cosmopolita.

De acordo com BERTIN (1878), este gênero está distribuído nas seguintes regiões: Mediterrâneo 19 espécies, Atlântico Europeu, 12 espécies; Costas da América do Norte, 14 espécies; mar das Antilhas e costas do Brasil, 25 espécies; América do Sul, 10 espécies; América Setentrional, 7 espécies; Atlântico Africano do Norte, 6 espécies; Região Africana Austral, 9 espécies; mar Vermelho, 36 espécies; Ilha de Madagascar, 15 espécies; Filipinas, 44 espécies; Arquipélago de Vancouver e Sul das Costas da Califórnia, 26 espécies; Nova Zelândia, 8 espécies e mares Árticos, 2 espécies.

Para KEEN (1960), há 47 espécies de *Tellina* entre a baixa Califórnia e a Colômbia; OLSSON (1961) menciona 36 espécies para o Pacífico Oriental e BOSS (1966, 1968 e 1969) descreve 45 espécies para o Oceano Atlântico Ocidental e 18 para a África do Sul.

Dentre os 8 subgêneros encontrados, 5 são comuns no Atlântico Ocidental e Pacífico Oriental: *Eurytellina*, *Merisca*, *Phyllodina*, *Scissula* e *Tellinella*; sendo dois deles, *Eurytellina* e *Tellinella* também encontrados na África do Sul e no mar Vermelho.

Na plataforma Continental brasileira 13 espécies de *Tellina* possuem distribuição contínua, ocorrendo de norte a sul do país; 11 distribui-se apenas no norte e nordeste e duas espécies *T. petitiana* d'Orbigny, 1846 e *T. iheringi* Dall, 1900 são endêmicas do sul (Tabela II). Dentre as espécies encontradas, 5 constituem o primeiro registro de ocorrência no Brasil são as espécies: *T. tayloriana*, *T. vespuciana*, *T. probina*, *T. squamifera* e *T. gouldii*.

As espécies encontradas são quase as mesmas das Antilhas e se estendem por toda a Flórida até o Cabo Hatteras no seu limite Norte, e até o Sul do Brasil, algumas vezes até a Argentina, no seu limite sul (Tabela III).

TABELA II - Distribuição Geográfica das espécies do gênero *Tellina* na Linnaeus, 1758 no Brasil.

Espécies	Limite Norte	Limite Sul
<i>T. radiata</i>	Maranhão	Rio Grande do Sul
<i>T. brasiliana</i>	Pará	Rio Grande do Sul
<i>T. petitiana</i>	-	Rio de Janeiro
<i>T. iheringi</i>	-	São Paulo
<i>T. listeri</i>	Pará	São Paulo
<i>T. punicea</i>	Amapá	Santa Catarina
<i>T. angulosa</i>	Amapá	Santa Catarina
<i>T. lineata</i>	Ceará	Santa Catarina
<i>T. alternata</i>	Amapá	Santa Catarina
<i>T. vespuciana</i>	Amapá	Pernambuco
<i>T. nitens</i>	Pará	Rio de Janeiro
<i>T. tayloriana</i>	Pará	Pernambuco
<i>T. trinitatis</i>	Amapá	Sergipe
<i>T. versicolor</i>	Pará	Rio Grande do Sul
<i>T. sybaritica</i>	Amapá	Bahia
<i>T. exerythra</i>	Pará	Pernambuco
<i>T. probina</i>	Amapá	Bahia
<i>T. euvitrea</i>	Alagoas	Sergipe
<i>T. diantha</i>	Pará	Rio de Janeiro
<i>T. gibber</i>	Maranhão	Rio Grande do Sul
<i>T. squamifera</i>	Amapá	Paraíba
<i>T. aequistriata</i>	Amapá	Alagoas
<i>T. martinicensis</i>	Pará	Rio de Janeiro
<i>T. juttingae</i>	Amapá	Alagoas
<i>T. similis</i>	Amapá	Alagoas
<i>T. gouldii</i>	-	Maranhão

TABELA III - Distribuição Geográfica Geral das espécies do gênero
Tellina Linnaeus, 1758.

Espécies	Limite Norte	Limite Sul
<i>T. radiata</i>	Flórida	Rio Grande do Sul
<i>T. brasiliiana</i>	Pará	Bahia
<i>T. petitiana</i>	Rio de Janeiro	Argentina (Golfo de S. Matias)
<i>T. iheringi</i>	São Paulo	Argentina (Punta Bermeja)
<i>T. listeri</i>	Bermuda	São Paulo
<i>T. punicea</i>	Honduras Britânicas	Santa Catarina
<i>T. angulosa</i>	Flórida	Santa Catarina
<i>T. lineata</i>	Flórida	Santa Catarina
<i>T. alternata</i>	Cabo Hatteras	Santa Catarina
<i>T. vespuiana</i>	Golfo do México	Pernambuco
<i>T. nitens</i>	Cabo Hatteras	Rio de Janeiro
<i>T. tayloriana</i>	Flórida	Pernambuco
<i>T. trinitatis</i>	Flórida	Uruguai
<i>T. versicolor</i>	Cabo Cod	Ceará
<i>T. sybaritica</i>	Carolina do Norte	Bahia
<i>T. exerythra</i>	Antilhas	Pernambuco
<i>T. probina</i>	Carolina do Norte	Bahia
<i>T. euvitrea</i>	Antilhas	Sergipe
<i>T. diantha</i>	Barbados	Rio de Janeiro
<i>T. gibber</i>	Maranhão	Rio Grande do Sul
<i>T. squamifera</i>	Cabo Hatteras	Paraíba
<i>T. aequistriata</i>	Carolina do Norte	Pernambuco
<i>T. martinicensis</i>	Flórida	Alagoas
<i>T. juttingae</i>	Suriname	Alagoas
<i>T. similis</i>	Flórida	Alagoas
<i>T. gouldii</i>	Bermuda	Maranhão

CONCLUSÕES

- As principais características do gênero *Tellina* Linnaeus, 1758 são: concha alongada, elíptica ou trigonal; escultura predominantemente concêntrica; charneira com dentes cardinais e laterais, sendo mais desenvolvidas na valva direita.
- O gênero está representado na plataforma continental brasileira por 8 subgêneros e 26 espécies como seguem: subgênero *Tellina* sp; *Tellina radiata* Linnaeus, 1758; *Tellina brasiliiana* Spengler, 1798; *Tellina petitiana* d'Orbigny, 1846; *Tellina iheringi* Dall, 1900. Subgênero *Tellinella* Mörch, 1853; *Tellina listeri* Röding, 1798. Subgênero *Angulus* von Mühlfeld, 1881; *Tellina versicolor* Cozzens, 1836; *Tellina sybaritica* Dall, 1881; *Tellina exerythra* Boss, 1964; *Tellina probina* Boss, 1964; *Tellina euvitrea* Boss, 1964; *Tellina diantha* Boss, 1964 e *Tellina gibber* von Ihering, 1907. Subgênero *Eurytellina* Fischer, 1887; *Tellina punicea* Born, 1778; *Tellina angulosa* Gmelin, 1791; *Tellina lineata* Turton, 1819; *Tellina alternata* Say, 1822; *Tellina Tayloriana* Sowerby, 1867; *Tellina vespuiana* d'Orbigny, 1842; *Tellina nitens* C.B.Adams, 1845 e *Tellina trinitatis* (Tomlin, 1925). Subgênero *Phyllodina* Dall, 1900; *Tellina squamifera* Deshayes, 1855. Subgênero *Merisca* Dall, 1900; *Tellina aequistriata* Say, 1824; *Tellina martinicensis* d'Orbigny, 1942 e *Tellina juttingae* Altena, 1965. Subgênero *Scissula* Dall, 1900; *Tellina similis* Sowerby, 1806 e Subgênero *Acorylus* Sowerby, 1806; *Tellina gouldii* Hanley, 1846.
- Os representantes do gênero *Tellina* são cosmopolitas, sendo encontrados em várias regiões marinhas do mundo.
- São consideradas novas ocorrências para o Brasil as espécies: *Tellina probina*, *Tellina tayloriana*, *Tellina vespuiana*, *Tellina squamifera* e *Tellina gouldii*.

5. As espécies Atlânticas distribuem-se desde o Cabo Hatteras nos Estados Unidos até o Rio Grande do Sul, no Brasil; algumas se estendem um pouco mais ao sul sendo encontradas no Uruguai e Argentina.

6. Na plataforma continental brasileira as espécies se distribuem do seguinte modo:

- Espécies com distribuição contínua, desde o Norte até o Sul: *Tellina radiata*, *Tellina brasiliiana*, *Tellina listeri*, *Tellina versicolor*, *Tellina gibber*, *Tellina martiniensis*, *Tellina punicea*, *Tellina angulosa*, *Tellina alternata* e *Tellina lineata*.

Obs: Nesta classificação são incluídas também as espécies *T. diantha* e *T. nitens*, embora até o presente só ocorram no Sudeste.

- Espécies encontradas apenas no Norte e Nordeste: *Tellina sybaritica*, *Tellina probina*, *Tellina euvitrea*, *Tellina erythra*, *Tellina tayloriana*, *Tellina vespuciana*, *Tellina squamifera*, *Tellina aequistriata*, *Tellina juttingae* e *Tellina gouldii*.

- Espécies encontradas apenas no Sudeste e Sul: *Tellina petitiiana* e *Tellina iheringi*.

7. As espécies mais abundantes na área estudada foram:

<i>Tellina sybaritica</i>	- 953 exemplares
<i>Tellina brasiliiana</i>	- 699 exemplares
<i>Tellina probina</i>	- 487 exemplares

8. São moluscos infaunais, vivendo enterrados em substratos móveis. A natureza do substrato e o teor em nutrientes vão influenciar diretamente as espécies de *Tellina*, que têm preferências por fundos de areia e lama.

9. Possuem ampla distribuição batinétrica, sendo encontrados representantes vivos desde a linha de maré baixa até 95 metros de profundidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, R. T. American Seashells; The Marine Mollusca of The Atlantic and Pacific Coast of North American. 2a. ed. New York, Van Nostrand Reinhold, 1974. 663 p.

ADAMS, H. & ADAMS, A. The Genera of recent mollusca. London, 1856, v.2, p. 394-5.

BERTIN, M. V. Révision des Tellinides du Museum d'Histoire Naturelle. Nouvelles Archives Museum, Paris, 1:201-361, 1878.

BOSS, K. J. The subfamily Tellininae in South African Watters. (Bivalvia, Mollusca). Museum of Comparative Zoology. Cambridge, 138(4): 81-162, 1969.

_____. The subfamily Tellininae in the Western Atlantic the genus *Tellina*. Johnsonia, Massachussets, 4(45):217-72, 1966.

_____. The subfamily Tellininae in the Western Atlantic the genera *Tellina* and *Tellidora*. Johnsonia, Massachussets, 4(46): 273-344, 1968.

_____. & KENK, V. C. Anatomy and relationships of *Temnoconcha brasiliiana* Dall. Occasionaly Papers on Mollusks. Dept. Mollusks, Havard University, 1964, 2:323.

CAUQUOIN, M. Mollusques lamellibranch: Tellinidae Scrobiculidae et Donacidae. Campagne de la Calypso. Annales de L'Institut Oceanographique Monaco, 45(8): 227-31, 1967.

CLENCH, W. J. & TURNER, R. D. The Western Atlantic Marine Mollusks described by C. B. Adams. Occasional Papers on Mollusks Cambridge, Mass, 1(15): 233-404, June, 1950.

COELHO, P. A., et alii. Biogeografia e Bionomia dos Crustáceos do Litoral Equatorial Brasileiro. *Trabalhos Oceanográficos*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 15:7-138, 1980.

COSTA, H. R. da Crustacea Brachyura par les Drayages de la Calypso Sul les Cotes Brésiliennes (1962). Recueil des travaux de la Station Marine D'Endoume. Fascículo: 59. *Bulletin* nº 43, 1968, p. 339-40.

COUTINHO, P. N. & KEMPF, M. Plataforma Continental do Norte-Nordeste e Leste do Brasil. *Trabalhos Oceanográficos da Universidade Federal de Pernambuco*, Recife, 13: 29-48, 1972.

DALL, W. H. Preliminary report on the mollusca. *Bulletin Museum Comparative Zoology*, Harvard College, 1881, 9(2): 33-144.

_____. Results of the Branner-Agassiz Expedition to Brasil. V. Mollusks from the Vicinity of Pernambuco. *Proceeding of the Washington Academy of Sciences*, 3: 139-49, 1901.

_____. Synopsis of the family Tellinidae and of the North American Species. *Proceeding of the United States National Museum*, Washington, 23(1210):285-326, 1990a.

_____. Tertiary fauna of Florida. *Transaction of the Wagner Free Institut of the Science of Philadelphia*, 1900(b), p.1001-1038.

DIRETORIA DE HIDROGRAFIA E NAVEGAÇÃO. XL Comissão Oceanográfica "Operação Geomar I Costa Norte-Nordeste/Geologia Marinha". Noc. "Almirante Saldanha" (1/6 a 17/6/69) 1972 DG. 32-I.

_____. XXXV Comissão Oceanográfica "Operação Norte-Nordeste I" . Noc. "Almirante Saldanha" (14/9 a 16/12/1967), Rio de Janeiro, 1968, 600 p. (DG. 26-XI).

DODGE, H. A historical review of the Mollusksg. Linnaeus. *Bulletin of the American Museum of Natural History*. New York, 100(1): 263, 1952.

FISCHER, P. *Manual de conchyliologie et de Paleontologie*. Paris, 1887, 1369 p.

GARDNER, J. The molluscan fauna of the Alum Bluff group of Florida. Part. V. Tellinacea, Solenacea, Mactracea, Myacea Moluscoidea. U. S. Geological Survey Professional Paper, 1928. p. 185-200.

GMELIN, J. F. *Carolii a Linne Systema Naturae per regna tria Naturae*. Ed. 13, London, 1791, vol. 1. pt. 6, 3244 p.

IHERING, H. von. *Anales del Museo Nacional de Buenos Aires*, 1907, 14, ser. 32., 7:456, pl. 18, figs. 126a-6.

KEMPF, M. A Plataforma Continental de Pernambuco (Brasil): Nota preliminar sobre a natureza do fundo. *Trabalhos Oceanográficos da Universidade Federal de Pernambuco*, Recife, 9/11:111-124, 1970.

_____. Shelf of Alagoas and Sergipe (NE Brazil). 5 Station List and Notes on Benthic Bionomy. *Trabalhos Oceanográficos da Universidade Federal de Pernambuco*, Recife, 13:7-28, 1972.

_____.; COUTINHO, P. N. & MORAIS, J. O. Plataforma Continental do Norte-Nordeste do Brasil. Nota Preliminar sobre a natureza do fundo. *Trabalhos Oceanográficos da Universidade Federal de Pernambuco*, Recife, 9/11:9-26, 1970(a).

_____.; MABESOONE, J. M.; TINOCO, I. de M. Estudo da Plataforma Continental na área do Recife(Brasil) I. Generalidades sobre o fundo. *Trabalhos Oceanográficos da Universidade Federal de Pernambuco*, Recife, 9/11: 125-48, 1970(b).

KEMPF, M. & MATTHEWS, H. R. Marine Mollusks from North and Northeast Brasil I. Preliminary list. *Arquivos da Estação de Biologia Marinha da Universidade Federal do Ceará*, Fortaleza, 8(1): 87-94, 1968.

LAMARCK, J. B. *Histoire Naturelle des Animaux sans Vertèbres*. Paris, 1818, p. 519-35.

LINNAEI, C. *Systema Naturae, per Regna Tria Naturae*. 10 ed. Holmiae, L. Salvii, 1758, t. 1, p. 652-789.

LUNA, J. A. C. Plataforma Continental do Estado do Maranhão. Operação Pesquisador IV. I Nota sobre a Natureza do fundo. *Trabalhos Oceanográficos da Universidade Federal de Pernambuco*, Recife, 14:7-20, 1979.

MABESOONE, J. M. Fácies Sedimentares da Plataforma Continental Brasileira. *Estudos Sedimentológicos*, Natal, 1(1): 55-71, 1971.

MATTHEWS, H. R. & KEMPF, M. Molluscos Marinhos do Norte e Nordeste do Brasil II - Mollusco do Arquipélago de Fernando de Noronha (com algumas referências ao Atol das Rocas). *Arquivos de Ciências do Mar*, Fortaleza, 10(1): 1-53, 1970.

& _____. Los Molluscos de la Plataforma Continental de la Región del Rio San Francisco (Nordeste del Brasil) Estudio Sistemático y Ecología. Seminario sobre Ecología y Sedimentación de la Plataforma Continental del Atlántico sur, Montevideo, 1978. *Memorias...* Montevideo, UNESCO, 1979. p. 237-43.

& RIOS, E. C. Primeira Contribuição ao Inventário dos Molluscos Marinhos do Nordeste Brasileiro. *Arquivos da Estação de Biologia Marinha da Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza, 7(1): 67-77, 1967.

MATTHEWS, H. R. & RIOS, E. C. Terceira Contribuição ao Inventário dos Molluscos Marinhos do Nordeste Brasileiro. *Arquivos de Ciências do Mar*, Fortaleza, 9(1): 27-35, 1969.

& _____. Quarta Contribuição ao Inventário dos Molluscos Marinhos do Nordeste Brasileiro. *Arquivos de Ciências do Mar*, Fortaleza, 14(1): 47-56, 1974.

MAURY, C. J. Recent Molluscs of the Gulf of Mexico and Pleistocene and Pliocene Species from the Gulf States, Part. 1. Pelecypoda. *Bulletin of American Paleontology*, Itaca, 8(34): 4-1150, 1920.

MCLEAN, R. A. The Pelecypoda or Bivalva Mollusks of Porto Rico and the Virgin Islands. Scientific Survey of Porto Rico and the Virgin Islands. New York, Academy of Sciences, 1951. V.17 Part. 1.

MOORE, R. C. ed. *Treatise on Invertebrate Paleontology*. Kansas Geological Society of America, 1969. Vol. 1, Part.N, 489 p.

MÖRCH, O. A. L. Catalogus Conchyliorum quae reliquit. D. Alphoso d'Aguirra et Gadea, Comes de Yoldi, Hafniae, 1853. 2:13.

MORRETES, F. L. Catálogo dos Molluscos do Brasil. *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba, 7(1): 3-216, 1949.

OLSSON, A. A. Mollusks of the Tropical Eastern Pacific. Panamic-Pacific Pelecypoda. Ithaca, Paleontological Research Institution, 1961, p. 390-8.

& HARBINSON, A. Pliocene Mollusca of Southern Florida. Philadelphia, The Academy of Natural Sciences of Philadelphia 1953. 308 p. (Monografia, 8).

- d'ORBIGNY, A. *Voyage dans l'Amerique Centrale*. Paris. C. P. Bertrand, 1846, n° 540, p. 537, pl. 81, figs. 26-27.
- _____. Mollusques. In: SAGRA, M. Ramon de la, dir. *Histoire Physique, Politique et Naturelle de L'Ile de Cuba*. Paris, A. Bertrand, 1853, 2: 253.
- _____. Mollusques. In: SAGRA, M. Ramon de la, dir. *Histoire Politique et Naturelle de L'Ile de Cuba*, Paris, A. Bertrand, 1942, Atlas, pl. 26, figs. 6-9.
- RIOS, E. C. *Brasilian Marine Mollusks Iconography*. Rio Grande, Fundação Universidade do Rio Grande, 1975, 331 p., 91 pls 1328 figs.
- _____. *Coastal Brazilian Seashells*. Rio Grande, Fundação Cidade do Rio Grande, 1970. 255 p. 60 pls.
- _____. & OLEIRO, T. A. P. *Estudos Malacológicos na Costa brasileira*. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas de Marinha, 1968 26 p. (publicação 31).
- RÖDING, P. F. *Museum Böltelianum*. Hamburg, 1798, 199 p.
- SAY, T. An Account of the Marine Shells of the United States . *Journal of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia* , 2: 270-6, 1822.
- _____. *Journal of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia*, 4: 145, pl. 10, fig. 7, 1824.
- SILVEIRA; j. D. *Morfologia do litoral*. Apud: AZEVEDO, A. Brasil, a terra e o homem. I. As bases físicas. São Paulo, Ed. Nacional, 1964, Cap. 4, p 253-305.
- SPENGLER, L. Over det toskallede Slaegt Tellinerne. Skriveter af Naturhistorie Selskabet, Kobenhavn, 1798, 4(2): 67-127.
- SOWERBY, G. B. *Conchologia Iconica*, London, vol. 17, pl. 30, fig. 168, 1867.
- TENÓRIO, D. de O. & MELLO, R. de L. S. Levantamento Parcial da Malacofauna do Litoral Norte de Pernambuco - Carne de Vaca, Pontas de Pedra e Olinda. Porto Alegre, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1979. Separata do ENCONTRO DE MALACOLOGISTAS BRASILEIROS, 5. Mossoró, 1977. Anais... Mossoró, 1977, p. 135.
- _____. O subgênero *Eurytellina* Fischer, 1887 (Mollusca: Bivalvia) na Plataforma Continental do Norte e Nordeste do Brasil. Curitiba, 1980. 107 p. Tese Univ. Fed. Paraná. Pós-Graduação em Zoologia (Mestrado).
- TOMLIN, J. R. The Mollusca of the "St. GEORGE" Expedition. *Journal of Conchology*. 18(), p. 316, 1929.
- WARMKE, G. L. & ABBOTT, R. T. *Caribbean Seashells*. Pennsylvania Livingston Publ., 1961. 346 p.